

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ÁLISSE CRISTINA DA SILVEIRA

**UM PERCURSO EM TORNO DA NOÇÃO DE DIACRONIA E SINCRONIA: O CLG
E A LEITURA DE CÂMARA JR**

Uberlândia – MG

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ÁLISSE CRISTINA DA SILVEIRA

**UM PERCURSO EM TORNO DA NOÇÃO DE DIACRONIA E SINCRONIA: O CLG
E A LEITURA DE CÂMARA JR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientadora: Prof^a Dra Eliane Silveira

Uberlândia – MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S587p
2016 Silveira, Álisce Cristina da, 1985-
Um percurso em torno da noção de diacronia e sincronia : o CLG e a
leitura de Câmara JR / Álisce Cristina da Silveira. - 2016.
93 f.

Orientadora: Eliane Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Linguística - Estudo e ensino - Teses. 3.
Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. Curso de linguística geral - Teses.
4. Câmara Junior, J. Mattoso (Joaquim Mattoso), 1904-1970 - Teses. I.
Silveira, Eliane, 1965-. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 801

ÁLISSE CRISTINA DA SILVEIRA

**UM PERCURSO EM TORNO DA NOÇÃO DE DIACRONIA E SINCRONIA: O CLG
E A LEITURA DE CÂMARA JR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem, texto e discurso.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliane Silveira

Banca Examinadora
(Fevereiro/2016)

Prof^a. Dra. Eliane Silveira – UFU (Orientadora)

Prof^a. Dra. Fernanda Mussalim

Prof^a. Dra. Maria Victória Guinle Vivacqua

*Em memória de minha mãe, Izabel, pelo apoio
e amor incondicionais.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Izabel (*in memoriam*) e Silveira, pelo apoio e incentivo recebidos durante esses trinta anos e, principalmente, nestes últimos três anos de pesquisa e trabalho. Também agradeço a todos que, mesmo indiretamente, desejaram minhas conquistas e hoje se alegram por elas.

Aos meus irmãos, Max e Sara, por existirem e fazerem da minha vida uma trajetória mais alegre e leve. Não poderei esquecer jamais nossas discussões que hoje são motivos de risadas, mas que tornaram nossa relação mais sincera.

A Antônio Lucio de Britto, pelo companheirismo, incentivo e, principalmente, pela paciência e amor nos meus momentos de surto psicológico. Não poderei esquecer jamais as vezes em que não deixou que eu desanimasse perante os obstáculos que pareciam intransponíveis.

À Eliane Silveira, por me aturar, incentivar e ser muito paciente nesses anos de orientação. Realmente, não há como descrever a gratidão que sinto, pois hoje sei o quanto cresci com o seu apoio.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (GPFdS), pelas várias discussões e risadas durante todos esses anos. Vocês contribuíram bastante para que eu me tornasse uma pessoa e pesquisadora melhor!

À Micaela Pafume e Allana Cristina, pelas vezes em que discutimos, rimos e amadurecemos nesse período.

À Prof^a. Dra. Maria Victória Guinle Vivacqua, por aceitar participar da banca de defesa da dissertação e pelas contribuições que enriqueceram ainda mais essa pesquisa.

À Prof^a. Dra. Fernanda Mussalim, que aceitou participar das bancas de qualificação e defesa, contribuindo sobremaneira para que esta pesquisa se desenvolvesse.

RESUMO

A publicação do *Curso de Linguística Geral* traz consigo deslocamentos importantes para o panorama dos estudos linguísticos, dada a relevância de determinadas mudanças. A proposta deste trabalho é a de analisar a leitura feita por Câmara Jr. dos conceitos saussurianos de diacronia e sincronia e, para tal, procedemos a um breve retorno aos estudos linguísticos anteriores a 1916 a fim de depreendermos de que maneira a abordagem histórica se desenvolveu. A partir desse percurso, demonstramos as inovações trazidas por Ferdinand de Saussure ao criar, consolidar e formalizar os conceitos de diacronia e sincronia. Em síntese, no Capítulo 1 procuramos pontuar as questões relevantes quanto ao ponto de vista adotado, quanto ao objeto de estudo e quanto à abordagem empregada para que as questões que despertaram interesse e motivaram as investigações desde a Antiguidade. No Capítulo 2, analisamos de que maneira a teoria saussuriana oferece novos rumos quando determina o falante como ponto de vista a ser adotado às observações dos fatos linguísticos; quando determina a língua como o objeto de estudo em detrimento dos elementos comuns ao conjunto de línguas; e quando determina a sincronia como outra possível abordagem para os fatos da língua ao lado da diacronia. Após salientar em que medida Saussure inova, legítima e formaliza novos caminhos para os estudos linguísticos, no Capítulo 3 dedicamo-nos à leitura feita por Câmara Jr. dos conceitos de diacronia e sincronia com o intuito de acompanhar o modo como as novidades saussurianas foram interpretadas por este brasileiro. O recorte feito dentre os linguistas brasileiros se justifica no instante em que Câmara Jr. é um linguista representativo tanto para o início, quanto para o desenvolvimento e a afirmação de uma linguística brasileira. Observamos nesta trajetória a existência de um traço comum nas publicações do brasileiro: os conceitos de diacronia e sincronia são interpretados como conceitos dicotômicos, razão pela qual esse retorno se mostra essencial, pois oferece o meio de compreendermos como um dos pesquisadores precursores de nossa ciência linguística recebeu o texto de 1916.

Palavras-chave: Diacronia; Sincronia; Curso de Linguística Geral; Recepção; Câmara Jr.

ABSTRACT

The General Linguistics Course publication brings with it important movements to linguistic studies' scene, given the relevance of certain changes. The purpose of this study is to analyze the reading did by Câmara Jr. about Saussure's concepts of diachrony and synchrony and, for that, we proceed to a brief return to the previous linguistic studies in 1916 in order to infer how the historical approach was developed. From this way, we demonstrated the innovations brought by Ferdinand de Saussure to create, consolidate and formalize the concepts of diachrony and synchrony. In summary, in Chapter 1, we try to score the relevant questions about the point of view adopted, as the object of study and on the approach used for the issues that aroused interest and motivated investigations since ancient times. In Chapter 2, we analyze how Saussure's theory provides new directions to the speaker as a point of view to be adopted to the observations of the linguistic facts; when determining the language as the object of study at the expense of the common elements to the set of languages; and when determining the synchrony as the other possible approach to the facts of the tongue side of the diachronic. After pointing out to what extent Saussure innovates, it legitimizes and formalizes new ways for language studies. In Chapter 3, we dedicate to the reading provided by Câmara Jr. about the concepts of diachrony and synchrony in order to follow how this Brazilian interpreted Saussure's news. The cut made among Brazilian linguists is justified at the moment in which Câmara Jr. is a representative linguist for both the beginning and for the development and affirmation of Brazilian's linguistic. We observed in this path that there is a common trait in Brazilian's publications: the concepts of diachrony and synchrony which are interpreted as dichotomous concepts, which is the reason why this return proves to be essential, because it offers means to understand how one of the forerunners researchers of our linguistic science received the text in 1916.

Keywords: diachronic, synchronic, General Linguistics Course, Reception, Câmara Jr.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
CAPÍTULO 1. Breve histórico dos estudos linguísticos: história como método investigativo.....	10
1.1. Considerações iniciais	10
1.2. A orientação filosófica na Antiguidade	14
1.3. A Idade Média: desdobramentos da filosofia antiga	17
1.4. Século XVIII: a consolidação do método histórico-comparatista	22
15. A contribuição dos estudos fonéticos	31
CAPÍTULO 2. Diacronia e sincronia no <i>Curso de Linguística Geral</i>.....	39
2.1. Considerações iniciais	39
2.2. Um novo ponto de vista para a língua	43
2.3. A língua – objeto de estudos	49
2.4. Diacronia e sincronia no <i>Curso</i>	52
2.5. A separação proposta por Saussure	57
CAPÍTULO 3. Diacronia e Sincronia no <i>CLG</i>: a Leitura de Câmara Jr.	66
3.1. O período de 1938 a 1952: leitura antropológica da Linguística	71
3.2. Após 1952: leitura linguística	77
3.3. A leitura de Câmara Jr.	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	91

Considerações iniciais

O Curso de Linguística Geral é uma obra que ainda hoje suscita discussões, quer pela importância teórico-metodológica, quer pela complexidade envolvida em seus conceitos. Sua relevância para o estabelecimento e consolidação da Linguística enquanto ciência moderna é inegável, porém inegável também são as inovações apresentadas por Ferdinand de Saussure ao publicá-lo, em 1916. Inovações essas que foram e ainda são recebidas e interpretadas de maneiras distintas pelos linguistas e, nesse sentido, a proposta desta dissertação é a de analisar de que maneira os conceitos saussurianos de diacronia e sincronia foram compreendidos por Câmara Jr.

Este trabalho foi organizado de maneira a possibilitar a compreensão não somente da complexidade envolvida nos conceitos de diacronia e sincronia, mas também de que forma essa complexidade fora interpretada e apresentada por Câmara Jr. em seus textos. Assim, esta pesquisa apresentar a leitura de um dos linguistas precursores de nossa linguística brasileira.

Para construirmos de forma mais coerente nossa proposta, no Capítulo 1 procedemos a um breve percurso das principais correntes teóricas dos estudos linguísticos, no intuito de melhor analisar-mos o ponto de vista, a abordagem e as questões que moveram os estudos desenvolvidos antes de Ferdinand de Saussure. Esse retorno pretende trazer à cena o aspecto histórico

O Capítulo 2, dedicado ao *Curso de Linguística Geral*¹, acompanha o movimento teórico e epistemológico de Ferdinand de Saussure e, principalmente, no que diz respeito à introdução, formalização e consolidação dos conceitos de diacronia e sincronia. Para orientar esta análise, pesquisamos a Edição Crítica de Tullio de Mauro, uma vez que suas notas explicitam pontos importantes e oferecem novas possibilidades de compreensão do texto de 1916. Quanto à questão teórico-metodológica, é possível reconhecer em que medida Saussure inova com sua teoria da língua, segundo a qual há outro enfoque para além da abordagem diacrônica: a abordagem sincrônica.

No Capítulo 3, nossa atenção será voltada às publicações de Câmara Jr. que oferecem uma interpretação para os conceitos saussurianos de diacronia e sincronia. O objetivo é o de

¹ Doravante, empregaremos *Curso* ou *CLG*.

acompanhar de que maneira, ao longo da produção científica desse brasileiro, diacronia e sincronia foram interpretados, uma vez que tais termos trazem consigo grandes mudanças no panorama dos estudos linguísticos.

Capítulo 1 – Breve histórico dos estudos linguísticos

1.1 Considerações iniciais

Tomar a língua como objeto de estudo permite que a Linguística se afirme como ciência moderna em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*. Essa data assinala um momento importante em que mudanças se deram nos saberes e conhecimentos, tanto no que concerne à concepção de língua, quanto ao trabalho do linguista. Essa guinada afetou todo o panorama dos estudos linguísticos, pois abriu novas possibilidades de se abordar e desenvolver o trabalho com a língua.

Com relação à importância do *Curso*, observemos:

Para os linguistas, Saussure era certamente bem conhecido como **um estudioso da gramática comparativa**, precocemente falecido, que deixou uma obra inacabada. O *Curso de linguística geral*, tal como, após sua morte, seus editores o haviam reconstruído a partir de cadernos de notas de estudantes, suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora suscetível de ser ameaça à tradição universitária. Eis que, com a explosão dos anos 1960, **ele se encontrava sob a mesma bandeira de Marx e Freud, frequentemente acompanhados de Nietzsche, Lautréamont e Mallarmé, contra o velho mundo e seus valores.** (NORMAND, 2009, p. 16, destaque nosso).

De acordo com a citação acima, é possível afirmar que antes de se tornar célebre por sua obra de 1916, Saussure fora reconhecido como um gramático comparatista. Essa primeira filiação nos dá um testemunho de seu contato e vinculação à gramática comparada – corrente teórica da qual se desvinculará forçosamente para poder responder a questões que não haviam sido ainda respondidas. Cabe destacar que o vínculo com essa corrente teórica não o impediu de olhar para a língua com vistas a outras questões para além da comparação.

Assim como outros estudiosos foram representativos para as ciências das quais fizeram parte, Saussure tem o seu destaque no que diz respeito à Linguística. Sua importância se deve tanto ao tratamento dado aos conceitos consagrados e herdados como também pela proposta teórico-metodológica.

Sobre as implicações da publicação do *CLG* para a Linguística, Silveira (2007) discute:

O efeito do *CLG* foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xequê; **as questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto.** A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre o seu funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que, com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. **O *CLG*, certamente imprimiu uma importância à língua como objeto da linguística.** (SILVEIRA, 2007, p. 20, destaque nosso).

Segundo a autora, o *Curso* insere novidades que afetam profundamente o trabalho dos linguistas, já que há uma alteração em seu objeto de estudo, o que acaba por requerer outras mudanças, haja vista que a noção de língua passa a ser compreendida a partir de uma nova perspectiva: a partir do sistema. Em síntese, com a publicação da obra de 1916, iniciam-se grandes transformações.

A abordagem sincrônica funda e dá lugar a uma concepção de língua que até então não era pensada: a língua enquanto sistema. Dessa forma, a língua deixa de interessar aos linguistas pelo aspecto histórico e evolutivo, levando-os a analisar seu funcionamento, pelo sistema que é.

Essa representativa alteração é consequência da mudança de ponto de vista: abandona-se o lugar consagrado de historiador/comparatista e assume-se o lugar do falante. Se antes o linguista tomava para si um conjunto de línguas para que delas pudesse apreender os elementos que lhes eram comuns pela via da comparação, agora o que importa é a língua, posto que a partir dela será possível perceber o que há de intrínseco em uma língua.

Em consequência desse novo panorama, surge uma maneira inovadora na qual o sistema ganha destaque. Neste sentido, a língua – objeto de estudo – será analisada enquanto um todo estruturado no qual suas partes se relacionam e se afetam, ou seja, no intuito de compreender mais do que somente os processos evolutivos comuns ao conjunto de línguas.

Notemos que as implicações da teoria de Saussure são amplas, mas se faz necessário um melhor entendimento sobre as inquietações que o levaram a pensar de maneira nova. Sobre isso, Benveniste (2006) afirma:

A história das ideias de Saussure não foi ainda muito traçada. Haverá muitos documentos para utilizar, em particular cartas que mostram em que estado de espírito ele trabalhava. **Saussure recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base**, que tudo repousava sobre os pressupostos não verificados e, sobretudo, que o linguista não sabia o que fazia. **Todo o esforço de Saussure – [...] a virada da linguística – é a exigência que ele pôs de ensinar ao linguista o que ele**

faz. De lhe abrir os olhos a propósito do procedimento intelectual que ele realiza e a propósito das operações que pratica quando, de uma maneira um tanto instintiva, ele raciocina sobre as línguas ou as compara, ou as analisa. **Qual é, pois, a realidade linguística? Tudo começou a partir disso, e é aí que Saussure colocou as definições,** que hoje se tornaram clássicas, sobre a natureza do signo linguístico, sobre os diferentes eixos segundo os quais é necessário estudar a língua, a maneira pela qual a língua se nos apresenta, etc. ([1974] 2006, p. 14 - destaque nosso).

Segundo o autor, Saussure recusou os saberes já consolidados e construiu uma nova teoria. O ponto-chave de suas elaborações foi o de reelaborar o trabalho do linguista, ou seja, de dar uma nova possibilidade de trabalho, a de se abordar a língua. Como mostra o excerto acima, não é possível dizer sobre uma aproximação entre o comparativismo e o genebrino, já que para essa interpretação ele negou tudo que está dado sobre a língua.

Ademais, reconhecemos que o trabalho de Saussure é interpretado de maneiras distintas, como exposto em citação anterior, quando Normand o diferencia como um inovador para seu tempo, ao passo que Benveniste considera ter havido uma recusa dos conceitos. Faremos uma rápida passagem por essa discussão; no entanto, acreditamos que expor as divergências quanto à compreensão do que fora feito pelo linguista suíço se mostra salutar, pois traz à tona divergências que envolvem não somente os conceitos de diacronia e sincronia.

Como já mencionado, Saussure foi um gramático comparatista e, com base nesse conhecimento, outras questões lhe foram impostas. Dentre essas questões, algumas eram relacionadas ao trabalho do linguista e, dessa forma, alteraram o panorama geral da linguística: o saber produzido e a concepção de língua. Logo, há uma reformulação no que concerne aos conceitos, ao objetivo e à própria posição do linguista.

Todavia, para compreender a amplitude das mudanças introduzidas por Saussure, é preciso que conheçamos os momentos representativos no panorama dos estudos linguísticos. Ter ciência das teorias anteriores à publicação de 1916 pode favorecer o reconhecimento das implicações trazidas por essa obra.

Assim, pontuamos os momentos que antecederam à publicação do *Curso de linguística geral*, ou seja, que são anteriores ao corte epistemológico² efetuado por Saussure. Para sustentar a análise proposta, ancoramo-nos em Aristóteles, Benveniste ([1996]2005)

² Tomamos corte epistemológico no mesmo sentido de Normand (2009, p. 16): “Para alguns, ele (CLG) marcava a origem da linguística científica; outros, mais prudentes, ou um pouco menos ignorantes, buscavam interrogar a mudança que ele introduzia, compreender-lhe o processo e avaliar seu alcance. Fazia-se nele [CLG], então, o ‘corte epistemológico’”.

([1974]2006), Câmara Jr. ([1975]2011), Ducrot (1968), Neves (2002), Saes (2013), Mattos e Silva (2008), Silveira (2007) e Whitney ([1875] 2010).

1.2. A orientação filosófica na Antiguidade

Determinar o marco inicial em que o interesse pela língua/linguagem se dá é uma impossibilidade e, por isso, seguiremos a proposta de Benveniste:

De fato, a linguística tem vários começos. Ela recomeçou e se reengendrou a si mesma várias vezes – não sem se dar cada vez antecedentes. De modo absoluto, para nós ocidentais, **a linguística nasceu na Grécia**, quando os filósofos mais antigos, contemporâneos do despertar do **pensamento filosófico**, **começaram a refletir sobre o instrumento da reflexão e consequentemente sobre o espírito e a linguagem**. ([1974] 2006, p. 30, destaque nosso).

Para o autor, o primeiro momento que merece destaque para os linguistas ocidentais é a Antiguidade. A relevância se deve pelas primeiras empreitadas em busca da compreensão dos fatos da linguagem. Vale ressaltar que os debates daquele momento procuram analisar e entender em que medida realidade e linguagem se relacionavam.

Tais questões estavam sendo muito discutidas na Antiguidade, e para melhor entendermos, recorreremos à obra de Platão³:

Sócrates, o Crátilo diz existir uma correção dos nomes inerentes à natureza de cada um dos seres. Um nome não seria isto que alguns, pronunciando partes de seu idioma, convencionaram usar para chamar. **Haveria sim uma correção inerente aos nomes, a mesma para todos**, gregos ou estrangeiros. ([390-385] 2014, p. 23, destaque nosso).

Vemos aí a existência de dois pontos de vista sobre a relação entre nome e objetos. Para os que partilham da mesma concepção de Crátilo, os nomes foram dados aos objetos de acordo com as características que estes possuíam. No entanto, é preciso admitir que a motivação é comum a todas as línguas. Mas, há também, os que aprovam, como Hermógenes, que os nomes foram dados segundo convenção social.

³ Nesta obra, Crátilo e Hermógenes discutem se a relação entre os nomes e a realidade seria motivada ou convencional. Para este, os nomes seriam dados por convenção, não havendo, portanto, nada que justificasse o nome dado; já para aquele, os nomes foram dados de acordo com características inerentes aos nomes. A Sócrates cabe o papel de mediador..

Sobre a outra perspectiva, podemos ler:

Sócrates, para mim, após ter discutido várias vezes sobre isso com muitos outros, não consigo ser persuadido de que haja outra correção para um nome além de **uma convenção confirmada**. Na minha opinião, se alguém coloca um nome numa coisa, este está correto. Depois disso, se for mudado para outro, e ninguém mais chamar pelo primeiro, o novo não vai ser menos correto que o anterior. [...] **Nenhum nome é inerente à natureza de nada, ele apenas segue as normas e hábitos de quem o habilitou a chamar**. (PLATÃO, [390-385] 2014, p. 24, destaque nosso).

Na passagem acima, Hermógenes se dirige a Sócrates e diz claramente que não concorda com aqueles que defendem a inerência do nome à coisa. Para ele, o nome não é senão o resultado de convencionalismo. Não há, portanto, argumento algum que justifique afirmar que as características dos objetos motivam a determinação do nome.

As citações evidenciam a preocupação dos filósofos: a compreensão da relação entre o nome e a coisa denominada. O embate é travado com o objetivo de definir se a relação é de convenção ou de inerência, binômio que nos coloca diante de uma investigação de cunho filosófico.

Com efeito, a orientação filosófica também está presente nas questões sobre a melhor maneira de se expressar. Neste aspecto, baseamo-nos em Aristóteles, discípulo de Platão, que considerava a inteligência humana o meio para se chegar à verdade:

Depois de termos falado dos outros elementos essenciais da tragédia, resta-nos tratar da elocução e do pensamento. O que diz respeito ao pensamento tem seu lugar nos *Tratados sobre retórica*, pois este gênero de investigação é seu objeto próprio. **Tudo quanto se exprime pela linguagem é do domínio do pensamento**. Disso fazem parte a demonstração, a refutação, a maneira de mover as paixões, tais como a compaixão, o temor, a cólera e as restantes. (2007, p. 69 – grifo do autor, destaque nosso).

De acordo com o filósofo grego, a questão colocada não diz mais respeito à motivação ou à convenção. Procura-se a forma mais adequada de se expressar. E, para a máxima eficiência ser alcançada, para que os argumentos possam ser bem construídos, são estabelecidas as categorias gramaticais. Vale lembrar, neste sentido, a subordinação da linguagem ao pensamento; isto é, ela está a serviço da expressão do pensamento.

Nessa perspectiva, tudo o quanto se queira transmitir deve ser organizado de modo a corresponder ao pensamento. Até mesmo os sentimentos possuem maneira própria de serem trabalhados na linguagem. Dessa forma, vemos o tratamento “lógico” da linguagem, pois os

filósofos buscavam a construção do argumento de modo a conseguirem se fazer entender, seja sobre sentimentos ou outros assuntos. O princípio reinante é o da correção do argumento.

Para organizar e orientar a expressão do pensamento, questões de ordem gramatical foram discutidas. Aristóteles, por sua vez, discorre:

Eis os elementos essenciais da elocução: a letra, a sílaba, a conjunção, o nome, o verbo, o artigo, a flexão, a expressão. A letra é um som indivisível, embora não completo, mas de seu emprego numa combinação resulta naturalmente um som [...] O nome é um som composto, significativo, sem indicação de tempo, nenhuma parte do qual tem sentido por si mesma, pois nos nomes formados de dois elementos, não empregamos cada elemento com um sentido próprio [...] A locução (ou expressão) é um conjunto de sons significativos, algumas partes da qual têm a significação por si mesmas, pois nem todas as locuções são constituídas por verbos e nomes [...]. Deve ter, no entanto, sempre uma parte significativa (2007, p. 71-72).

Segundo o filósofo, a elocução⁴ está organizada em partes menores que nos foram herdadas na gramática. Vale enfatizar, sobretudo, o fato de que identificamos nessa passagem uma complexidade ainda não encontrada quanto às partes que participam da construção do argumento. A complexidade toca a construção do argumento, visto que as unidades identificadas se organizam e são necessárias à boa “elocução”.

No que concerne à contribuição de Aristóteles para as questões gramaticais, é interessante observar:

Em Aristóteles já há mais explicitamente o aparecimento dos elementos do discurso como entidades do plano da expressão; todas as definições das partes partem de um gênero comum, **phoné**, que é o som da linguagem, a voz. **Essa indicação basta para indicar a separação da linguagem e sua colocação como objeto de investigação.**

A partir de Aristóteles, aparece a definição das partes do discurso. Seu procedimento geral de investigação, que se baseia na definição e nas classificações, aplica-se também às formas de expressão e caracteriza, a partir daí, a apresentação de entidades da linguagem.

[...] não há lugar em Aristóteles para uma autonomia dos estudos linguísticos, e a **léxis** continua sempre a ser a expressão do pensamento, com os elementos de sua estrutura situando-se e definindo-se a partir do parâmetro da significação. **Embora a léxis represente aparentemente uma extensão, ela continua subordinada ao lógos, que para Aristóteles, preenche o universo da linguagem.** (NEVES, 2002, p. 37-38, destaque nosso).

Para a autora, a teoria aristotélica se consagra pela organização, pela maneira como explica as partes dos discursos. Essa segmentação sinaliza de que forma a linguagem é

⁴ Segundo Aristóteles (2007), a elocução se refere ao modo como, pelo modo de falar, damos a entender que é uma ordem, um pedido, súplica, narração etc.

colocada como objeto de investigação que está sempre sob o domínio do pensamento. Neste sentido, podemos aqui inferir que a linguagem enquanto estrutura é trabalhada com vistas à construção dos argumentos.

No olhar de Benveniste ([1966] [2005]), as questões postas pelos antigos se fazem sentir até hoje:

Todos sabem que a linguística ocidental nasce na filosofia grega. Tudo proclama essa filiação. A nossa terminologia linguística se compõe em grande parte de termos gregos adotados diretamente ou na sua tradução latina. **Mas o interesse que os pensadores gregos tiveram muito cedo pela língua era exclusivamente filosófico.** Raciocinavam sobre a sua condição original – a linguagem é natural ou convencional? – muito mais do que lhe estudavam o funcionamento. As categorias que instauraram (nome, verbo, gênero gramatical, etc.) repousam sempre sobre bases lógicas ou filosóficas. (p. 20, destaque nosso).

Para o autor, o conhecimento produzido na Antiguidade, tanto sobre a convencionalidade quanto em relação à motivação dos nomes, ou mesmo com relação às unidades menores do discurso, estão presentes até hoje. É possível ainda reconhecer que, numa primeira empreitada os antigos se interessaram pela linguagem como objeto de investigação, mas ressaltando o lugar de destaque que ocupa o pensamento.

Entretanto, ainda não se pode falar de estudos da língua, pois nesse momento os questionamentos se referem sobremaneira à relação entre pensamento e linguagem. Contudo, as questões do domínio do pensamento sobre a linguagem se fazem sentir até hoje, seja na nomenclatura gramatical, seja nas discussões quanto à motivação ou não na linguagem.

1.3. A partir da Idade Média: desdobramentos da filosofia antiga

Na Idade Média, os estudos desenvolvidos tomaram como ponto de partida as questões filosóficas da Antiguidade, como descreve Benveniste: “Houve um segundo começo na Idade Média, quando, por meio das categorias aristotélicas, se recomeça a definir os fundamentos da linguagem” ([1974] 2006, p. 30). Os estudos desenvolvidos nesse período podem ser analisados como a continuidade do que fora iniciado pelos gregos. Os gramáticos modernos deram seguimento à abordagem filosófica grega da linguagem.

Na Idade Média, algumas questões de grande importância foram retomadas, dentre elas as dos analogistas e anomalistas⁵. Quem nos mostra é Câmara Jr.:

Sob as influências dos ensinamentos de Aristóteles, a gramática era vista como uma “auxiliar [...] da lógica”. Encontramos, desse modo, durante a Idade Média, um estudo “lógico” da linguagem, de grande importância, pelo impacto que exerceu nos séculos subsequentes e ainda exerce [...]. A disputa entre os analogistas e os anomalistas surge na abordagem filosófica da linguagem na Idade Média, na discussão relativa **ao papel do gramático: se deve ou não melhorar a língua**, dando mais regularidade aos seus padrões e conservando-a mais perto do mundo dos objetos e das ideias. ([1975] 2011, p. 31 – destaque nosso).

O linguista brasileiro verifica que questões essenciais serão retomadas, mas agora a partir de nova perspectiva. A novidade está no fato de que não mais se procura construir bons argumentos pela língua(gem) por intermédio do trabalho do filósofo, mas sim procura-se explorar os recursos da língua(gem) para conseguir transmitir o pensamento – trabalho a ser realizado pelo gramático.

Nesse momento, não mais um filósofo passa a se preocupar com a linguagem – inicia-se, assim, a importância do gramático. Tal mudança se relaciona com o objeto de investigação, uma vez que para os filósofos antigos a linguagem interessava enquanto meio de fazer compreender o pensamento; posteriormente, o interesse se volta para a compreensão dos elementos das línguas.

Quanto à analogia iniciada pelos gramáticos gregos, Saussure observa:

Os primeiros linguistas não compreenderam a natureza do fenômeno da analogia, a que chamavam “falsa analogia”. Eles acreditavam que, ao inventar honor, o latim se “havia enganado” sobre o protótipo honōs. Para eles, tudo quanto se afasta da ordem dada é uma irregularidade, infração de uma forma ideal. É que, por uma ilusão muito característica da época, via-se no estudo original da língua algo de superior e de perfeito; não se perguntava se semelhante estado fora precedido de outro. Toda liberdade tomada com relação à língua constituía, pois, uma anomalia. ([1916] 2012, p. 219)

Ainda, de acordo com o linguista, tudo quanto fugia às regras deveria ser desconsiderado, criando assim uma ideia errônea de que a língua deveria ser analisada a partir

⁵Para melhor compreendermos a distinção entre analogistas e anomalistas, recorremos à explicação de Dubois (2007): “[...]desenvolveu-se [...] uma discussão sobre a importância que se deveria dar à regularidade no estudo dos fenômenos linguísticos. Os *analogistas* afirmavam que a língua é fundamentalmente regular e excepcionalmente irregular, enquanto a tese inversa tinha a aprovação dos anomalistas. [...] os anomalistas, por oposição aos analogistas, insistiam na importância das irregularidades na língua grega. Assim concebida, a gramática tornava-se antes de tudo uma coleção de exceções. Sem negar a importância da analogia, punham em evidência o grande número de irregularidades que o raciocínio não podia explicar[...]”. (p. 53-55)

do que lhe era regular. A língua era então idealizada, já que não havia lugar para irregularidades. Aqui vale salientar que, apesar de defenderem propostas distintas quanto à irregularidade, não havia negação de uma ou de outra proposta, pois se aceitavam como sendo possibilidades pertencentes à língua.

O estudo descritivista feito pelos gregos com o latim⁶ abre espaço também para uma nova possibilidade teórica. “A ideia subjacente era a de que existe uma estrutura gramatical universal comum a todas as línguas e que esta estrutura é mais evidente em latim. Encontramos aqui a ideia de uma gramática geral” (CÂMARA JR. [1975] 2011, p. 31). Ao se comparar o latim com outras línguas conseguiu-se, portanto, apreender o universalismo linguístico, de que há uma estrutura comum às línguas.

Neste sentido, Arnauld e Lancelot ([1960]2001) asseguram:

Resta-nos examinar aquilo que ela [gramática] tem de **espiritual**, que a torna uma das maiores vantagens que o homem tem sobre todos os outros animais e que é uma das grandes provas da razão: é o uso que dela fazemos para **expressar nossos pensamentos**, e essa invenção maravilhosa de compor, com **vinte e cinco ou trinta sons**, essa **variedade infinita** de palavras que, nada tendo em si mesmas de semelhante ao que se passa em nosso espírito, não deixam de revelar aos outros todo o seu segredo e de fazer com que aqueles que nele não podem penetrar compreendam tudo quanto concebemos e todos os diversos movimentos de nossa alma. (2001, p. 29, destaque nosso)

Os autores demonstram que a gramática se torna a característica diferencial e que se constitui de unidades menores – os sons. É relevante o modo como a criatividade fora percebida, pois essas unidades (finitas) podem ser organizadas de maneiras infinitas, dando prova, assim, da criatividade que está na gramática. Há ainda de se salientar a grande representatividade dessas unidades, pois, mesmo que em número finito, conseguem, quando organizadas, fazer com que as pessoas se compreendam. Vemos, assim, uma aproximação ao que Aristóteles defendia: a capacidade inerente de se transmitir o pensamento a outrem pela língua(gem).

Os estudos sobre as regras que orientariam o uso das línguas foram aprimorados, a fim de extrair deles a melhor maneira de se comunicar. Ainda, é notória certa ligação entre a linguagem e a realidade no processo comunicativo, principalmente com os estudiosos de Port-Royal. Neste sentido, Saes (2013) explicita que:

As mudanças que o livro [La logique ou l’art de penser] provoca em relação aos conceitos e conteúdos da lógica favorecem a consolidação teórica de

⁶ Devemos destacar que as línguas vernáculas não eram objeto de estudo

uma concepção da linguagem cujo traço essencial é: a linguagem se vincula à realidade por obra do pensamento. O paradigma de Port-Royal estabelece definitivamente o pensamento como intermediário necessário das relações entre linguagem e realidade. (p. 31-32).

A autora observa que a Gramática Port-Royal consolida uma nova compreensão sobre a linguagem: o pensamento passa a intermediar linguagem/realidade. Há uma mudança considerável, visto que na Antiguidade o pensamento era responsável por manipular a linguagem para dar conta de se fazer entender seja como ordem, súplica ou outra intenção.

Mas não somente a gramática passa a ter destaque, como esclarece Câmara Jr. ([1975] 2011), ao analisar que a oralidade passa a ser objeto de interesse:

No século XVII a orientação lógica nas asserções gramaticais chegou ao seu auge com a *Gramática de Port-Royal* [...].

Do século XVI em diante encontramos gramáticas das línguas modernas, combinando a orientação lógica e a intenção do “certo e errado” com a observação, algumas vezes aguda e acurada, dos verdadeiros fenômenos linguísticos.

[...]

Ora, a partir do século XVI, devido ao estudo das línguas vivas modernas, o **aspecto oral da linguagem** foi trazido à baila e a **teoria fonética**, embora rudimentar, desenvolveu-se.

Esta nova atitude em relação à fonética foi apoiada pelo estudo “biológico” da linguagem que se desenvolveu no século XVII devido ao crescente interesse pelos órgãos da fala e a sua maneira de produzir os sons da linguagem. (p. 33-34, destaque nosso).

O linguista brasileiro demonstra que, à medida que o latim perde força e as demais línguas ganham destaque, o interesse pelos aspectos fonéticos se intensifica, assinalando que cada vez mais as investigações se voltam para as línguas. Como se nota, no trecho acima, é possível detectar um deslocamento, no qual se deixam as questões de cunho filosófico e se atentam às questões de ordem fonética – propriamente linguísticas. E, assim, temas que versam sobre a universalidade ou criatividade perdem espaço para os aspectos fonéticos da língua. Identificamos, aqui, o estreitamento do foco: o interesse passa a ser sobre os fonemas e a maneira como são produzidos.

Cabe ressaltar que a primeira empreitada descritivista, que estava sob influência filosófica, voltou-se à origem e produção dos sons e foi retomada somente depois que o latim perde força e lugar para as demais línguas. O aperfeiçoamento feito pelos gramáticos modernos levou à percepção de que as línguas possuem traços semelhantes e, dessa forma, foi possível agrupá-las. Sobre isso, Câmara Jr. argumenta: “Entretanto, a mais importante

corrente do século XVIII a respeito do estudo da linguagem foi o esforço de comparar as línguas e classificá-las de acordo com suas semelhanças” ([1975] 2011, p. 34).

Antes de se estabelecer a perspectiva comparatista, algumas mudanças se fizeram sentir quanto ao objeto de interesse, como esclarece o texto a seguir:

Durante a Renascença, uma volta à observação dos fatos (devido ao abandono das ideias escolásticas) reavivou o **interesse pelos sons linguísticos**. O grego voltava a ser estudado, assim como as atenções se dirigiam para as línguas nacionais que se expandiam, em **detrimento do latim**; as **relações de parentesco** existentes entre as línguas românicas, a necessidade de se normalizar dialetos que ascendiam ao prestígio de línguas oficiais motivava o estudo dos sons e vemos surgir, então, principalmente na França e na Inglaterra, **preocupações pela ortografia** e consequentemente, pela enunciação dos sons. Entretanto, ao lado de observações bem feitas, essas tentativas de **descrição de sons eram geralmente muito superficiais**, baseadas em etimologias e, além disso, frequentemente fantasiosas. Assim, as soluções eram geralmente inadequadas. No século XVI, algumas tentativas de descrição dos sons, distinguindo-os das letras, assim como a **apresentação de um sistema articulatório coerente de vogais e consoantes** (como, por exemplo, nos trabalhos do inglês John Hart e nos do dinamarquês Jakob Madsen Aarhus) demonstram um avanço nos estudos dos sons. Nessa época houve também uma preocupação pelos problemas dos surdos, mas os autores não souberam (ou não puderam, por lhes faltar uma tecnologia apropriada, assim como um conhecimento sistemático da língua) aproveitar bem a ocasião para ver importantes fatores da formação dos sons nos quais esbarravam. No século XVII, são dignos de nota entre outros, autores como John Wallis com a apresentação de uma classificação articulatória para as vogais muito bem feita e que de certa maneira fez entrever o princípio da ressonância, que só seria focalizado cientificamente bem mais tarde [...] (VAGONES, 1980, p. 180-181 – destaque nosso)

É possível depreender que o autor observa que, ao passo que o latim deixava de interessar, as línguas nacionais ganhavam espaço, o que levou os estudiosos a organizá-las segundo a ideia de parentesco. O parentesco linguístico foi defendido com base nas semelhanças percebidas a partir da observação dos sons, que se mostraram superficiais, porque buscavam padronizar a ortografia e os dialetos. Todavia, posteriormente, esse trabalho de cunho fonético se torna mais complexo quando procura estabelecer a distinção entre os sons e, assim, se aprofunda ao apresentar o sistema articulatório.

Ainda, nesse momento, é possível visualizar os primeiros apontamentos sobre a abordagem histórica. Como descreve Câmara Jr. ([1975] 2011),

O estudo da etimologia, da Antiguidade, foi renovado, mas já sob uma visão histórica. Foram feitos esforços para derivar de uma língua as palavras de outra, adição, subtração, transposição e inversão de letras. [...]

Embora muito simples estes pontos de vista, eram eles significativos porque, dessa maneira, uma nova abordagem à linguagem pouco a pouco tomava corpo: o estudo “histórico” da linguagem, pelo qual o homem chegaria à linguística propriamente dita. (p. 35).

O estudo etimológico que teve início na Antiguidade com vistas a explicar e confirmar a motivação na relação entre nome e objeto, na Idade Média, será retomado, mas de forma diversa. A distinção se dá no instante em que, para os antigos, a reconstituição das palavras servia para explicar a motivação, e aos gramáticos modernos servia para confirmar que há processos comuns às línguas.

Esse novo interesse possibilitou a mudança de foco, pois se deixou a concepção de universalismo e se deu lugar à especificidade de cada língua. A alteração confirma o abandono do latim para dar lugar às línguas nacionais. O aspecto histórico teve como orientação determinar em que momento as línguas começariam a se diferenciar, diante das proximidades percebidas.

Vale acrescentar de que maneira os primeiros estudos históricos ocorreram:

Mas a situação dos primeiros historiadores da língua era bem diferente. As únicas mudanças conhecidas com certeza diziam respeito à passagem de um estado a seus sucessores próximos; mudanças que têm muito pouca amplitude e podem parecer não afetar os sistemas. Quanto às transformações importantes, elas se apresentavam como hipóteses a confirmar: sabe-se que a filiação do francês e do latim era ainda discutida nos fins do século XVIII, e discutida precisamente devido à diferença demasiado grande entre suas regras gramaticais. [...] A primeira tarefa dos historiadores da língua foi, pois, a de estabelecer filiações entre falares que não bastava a história não-linguística para aproximar um do outro. (DUCROT, [1968] 1970, p 44).

Observemos com o autor que a abordagem histórica das línguas demorou a se consolidar efetivamente. Descrever esses fenômenos permitiu abstrair semelhanças, organizar gramáticas próximas e, conseqüentemente, estabelecer a existência de uma estrutura mínima no cerne de cada língua. O universalismo defendido se concretizou, com os estudos descritivistas.

1.4. Século XVIII: a consolidação do método comparatista

No século XVIII, há uma mudança no estudo das línguas. No ponto de vista de Ducrot [(1968) 1970], Wilhelm von Humboldt contribuiu para isso:

Se bem que os trabalhos de Humboldt sejam amiúde utilizados hoje para combater certas formas de Estruturalismo, eles nos reterão pelas mesmas razões que as análises morfológicas do século XVIII. Fundados, eles também, na ideia de que **a linguagem pinta ou deve pintar o pensamento** que comunica, fazem aparecer, nessa perspectiva mesma, **a arbitrariedade** da organização linguística. (p. 34 – destaque nosso).

Além de sua proximidade com a concepção de Port-Royal, devemos reconhecer que Humboldt conseguiu apreender que nas línguas há arbitrariedade em sua organização e não motivação entre nome e objeto, como supunham os antigos filósofos. A arbitrariedade linguística determinou o surgimento de uma nova concepção: cada vez mais o interesse se voltava para as línguas.

Quanto mais a língua ganha a cena, mais a imotivação se faz sentir e a perspectiva que defendia a dominação do pensamento sobre a linguagem perde lugar. Assim, o que está na língua não é senão o resultado de sua própria organização, na qual não se pode dizer em que medida a vontade do homem interferiu. (DUCROT, [1968] 1970). São esses, portanto, os primeiros indícios de uma noção de estrutura linguística que se pontua entre os modernos. O mesmo também ocorreu com Humboldt, no que concerne à estrutura e à organização das línguas, porém seu foco não era mais a palavra, e sim o som.

Sobre essa mudança, expomos as ideias do linguista:

Opõe-se à ideia de uma gramática geral baseada dedutivamente em premissas lógicas, como vimos ser corrente no estudo “filosófico” da linguagem até o século XVIII. Advoga a possibilidade de fazer-se uma análise de todas as línguas do mundo a fim de serem comparadas as diferentes maneiras pelas quais a mesma noção gramatical é verdadeiramente expressa em línguas diversas. Por esse tipo de análise acha que se pode chegar a uma descrição indutiva da língua. (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 39).

Segundo Câmara Jr., a estrutura gramatical, percebida pelos filósofos gregos, foi retomada e trouxe à cena a possibilidade de uma gramática universal. Se, com os gramáticos modernos, os elementos das línguas foram tomados a fim de se comprovar a universalidade via gramática, no século XVIII, esses mesmos termos eram considerados com o objetivo de explicar de que maneira as línguas expressavam o pensamento. Um mesmo elemento era analisado em várias línguas, a fim de se observar como ele se comportava em cada uma delas, em cada contexto. Essa análise revelou que o conteúdo com o qual esse elemento se relacionava não era o mesmo em todas as línguas.. Ducrot (1968) examina:

A diferença com a gramática de Port-Royal nos parece considerável. Não se trata, para Humboldt, de encontrar um tipo determinado de construção; comum a todas as línguas, que refletiria a forma imutável do juízo. Segundo ele, ao contrário, a razão universal se pode exprimir, não malgrado, mas na especificidade linguística. Os processos particulares inventados por cada povo, conforme seu gênio próprio, para organizar seu discurso, constituem imagens igualmente fiéis da unidade intelectual. (p. 41).

A citação acima revela que a perspectiva teórica de Port-Royal e a de Humboldt se diferenciam. Para aqueles a gramática foi objeto de investigação e compreendida como característica diferencial do homem. Destacou-se, ainda, pela sua capacidade criativa. Há, aqui, a preocupação pelo que é universal, pelo que é comum a todas as línguas. Já, para este, o interesse é diferente: a especificidade das línguas ganha cena. Para Humboldt interessará compreender de que maneira as línguas expressam uma mesma informação, ou seja, é um interesse voltado à particularidade das línguas.

O universalismo tinha como norte a procura de uma ordem intrínseca às línguas e, por isso mesmo, somente as regras eram válidas e analisadas. Tudo que não pudesse ser compreendido pelas regras era ignorado, desconsiderado. Câmara Jr. ([1975] 2011) constata que

A abordagem “histórica” da linguagem, como vimos, começou no século XVIII por um esforço em comparar e classificar as línguas de acordo com sua origem hipotética. Nesse esforço a linguagem veio a ser vista nitidamente através de uma linha histórica de desenvolvimento, na qual uma língua antiga dá origem a uma ou a várias línguas novas. Esta concepção está subjacente à linguística histórico-comparatista que se desenvolveu no século XIX. (p. 40-41).

O autor admite a apreensão de que os fenômenos comuns às línguas permitiam aproximá-las e relacioná-las em famílias, o que permitiu que um novo momento tivesse início: o método histórico como resultado da comparação. Mais uma vez, temos a continuidade dos estudos linguísticos por intermédio do aperfeiçoamento de uma teoria já conhecida, levando a uma nova teoria.

A questão histórica entra em jogo para oferecer uma nova possibilidade de trabalho que não estava relacionada à questão filosófica. Neste aspecto, Maurer Jr.⁷ comenta:

A Linguística da geração anterior e a do século XIX, apresentavam um caráter rigorosamente histórico, com uma estranha aversão quase – podemos dizer assim – depreciação da observação direta da língua viva. De fato, também aquele movimento era uma reação contra a gramática

⁷ É preciso salientar que o referido artigo não foi revisado pelo autor e se constitui em uma transcrição de fitas.

predominantemente lógica, filosófica, que tinha dominado até os fins do século XVIII.

A reação pôs de lado não apenas essa gramática defeituosa na sua elaboração e nos seus princípios, mas o próprio interesse em uma gramática descritiva, em um estudo direto da língua viva. (1967, p. 19).

Notemos que o autor pensa a abordagem histórica como uma reação à perspectiva filosófica ou estritamente gramatical, que concebia a língua em suas unidades menores e procurava compreender a melhor maneira de combiná-las. Essa nova abordagem pela via histórica constitui um meio de analisar o funcionamento da língua a partir dos processos históricos, das mudanças sentidas.

Entretanto, essa mesma perspectiva impede que se considere a língua a partir do funcionamento interno, da relação entre as suas partes no conjunto. A questão histórica é, aqui, a consideração das partes mínimas da língua, mas em isolado, pois o ponto a ser analisado é o processo evolutivo e, por conseguinte, acabava por desconsiderar a relação que essas partes mínimas estabeleciam entre si. A abordagem histórica traz consigo uma dupla implicação: reage contra a perspectiva de que há uma melhor combinação a ser feita entre as partes mínimas da língua para a boa construção argumentativa e possibilita que os processos evolutivos ganhem cena

Se, em um primeiro momento, a proximidade das línguas foi estudada com vistas ao elo perdido da linguagem, em outro o objetivo era acompanhar o processo evolutivo das línguas e, assim, chegar à língua-mãe. A comparação, que permitiu estabelecer o grupo de línguas próximas, foi o método empregado nessa busca. Foi delineado, assim, o princípio do método histórico-comparatista.

Rasmus Christian Rask foi bastante representativo nesses primeiros momentos, como mostra o excerto abaixo:

O primeiro grande expoente do método comparativo foi o dinamarquês Ramus Rask (1787-1832). Rask se formou sob a influência do romantismo [...]. Foi no plano de historiador, dedicado a investigar a mais antiga história da Escandinávia, que se pôs a estudar o antigo norueguês (irlandês), do qual escreveu a primeira gramática moderna. **Porém, a disposição de Rask não era romântica, mas sim racionalista; fez sua máxima contribuição não ao campo da pré-história e da filologia, mas ao do estudo comparativo exato.** Seu estudo da origem do antigo norueguês [...] foi escrito como tese para a Universidade de Copenhague em 1811. Concluiu em 1814 e a publicou em 1818. O surpreendente é que esta obra, que é uma gramática comparada indo-europeia no sentido moderno, Rask a escreveu antes de conhecer o sânscrito. Ainda assim, estabeleceu as bases da fonética e da morfologia moderna. Rask toma cada uma das principais línguas europeias e as compara com as línguas escandinavas, para **demonstrar a regularidade das correspondências fonéticas descobertas nas palavras com**

significados parecidos. [...] Ao demonstrar a regularidade destas correspondências, Rask estabeleceu os fundamentos de um método comparativo estrito. (MALMBERG, [1967] 2003, p. 7, tradução nossa, destaque nosso).⁸

Essa breve apresentação esclarece de que maneira Rask foi relevante para os estudos comparatistas. Mesmo sem contato com o sânscrito, o trabalho deste linguista foi pioneiro no que se refere à possibilidade de análise de línguas distintas e, por meio de suas semelhanças, estabelecer proximidades baseadas nas comparações com elementos de cunho fonético. Sua contribuição foi para além de seu momento.

Sobre isso, Câmara Jr. ([1975] 2011) explicita:

Entretanto, as ideias principais que deram à comparação histórica das línguas um método científico, em lugar das suposições do século XVIII, são claramente expostas por Rask. **Insiste na importância das comparações gramaticais em vez de aproximar as palavras cuja concordância é incerta, por poderem passar facilmente de um povo para outro.** [...] Em sua *Investigação* foi bem-sucedido ao descobrir, de maneira mais ou menos aproximada, o grupo de línguas que viriam a ser chamadas mais tarde de família indo-europeia ou indo-germânica. Nele, inclui cinco grupos menores: o gótico, isto é, as línguas germânicas, entre as quais colocou o escandinavo, naturalmente, o eslavo, o lituano, o latim e o grego. (p. 41-42 – destaque nosso).

Para o linguista brasileiro, a contribuição de Rask é importante, pois deu ao método histórico mais formalidade aos processos semelhantes às línguas e, assim, sistematizou suas análises. É válido observar que seu estudo fora desenvolvido sem que até o momento o sânscrito fosse do conhecimento dos estudiosos.

, Ainda, na citação anterior, vemos que há uma crítica ao que era feito antes do trabalho de Rask. Saussure esclarece:

⁸ El primer gran exponente del método comparativo fue el danés Rasmus Rask (1787-1832). Rask se formó bajo la influencia del romanticismo [...]. Fue en plan de historiador, dedicado a investigar la más antigua historia de Escandinavia, como se puso a estudiar el antiguo noruego (islandés), del cual escribió la primera gramática moderna. Sin embargo, la disposición de Rask no era romántica sino racionalista; hizo su máxima contribución no al campo de la prehistoria y la filología, sino al del estudio comparativo exacto. Su estudio del origen del antiguo noruego [...] fue escrito como tesis para la Universidad de Conpenhague en 1811. Lo concluyó en 1814 y lo publicó en 1818. Lo asombroso es que esta obra, que es una gramática comparada indoeuropea en el sentido moderno, la escribiera Rask antes de conocer el sânscrito. Aun así, sentó las bases de la fonética y la morfología moderna. Rask toma cada uno de los principales lenguajes europeos y lo compara con los lenguajes escandinavos, a fin de demostrar la regularidad de las correspondencias fonéticas descubiertas en palabras con significados parecidos. [...] Al demostrar la regularidad de estas correspondencias, Rask estableció los fundamentos de un método *comparativo* estricto.

Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou, sobretudo, ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 31).

De acordo com Saussure, os estudos filológicos retomados a partir de 1777 objetivavam reconstruir línguas passadas a partir da comparação de textos antigos, método que, como explicitado, trabalha com registros escritos e coloca à parte as línguas modernas seguindo a herança dos antigos gregos.

Coube à descoberta do sânscrito oferecer os meios para o aprimoramento dessa perspectiva, como explica Benveniste:

Uma nova fase abre-se no início do século XIX com a descoberta do sânscrito. Descobre-se, ao mesmo tempo, que existe uma relação entre as línguas a partir daí chamadas indo-europeias. Elabora-se a linguística dentro dos quadros da gramática comparada, com métodos que se tornam cada vez mais rigorosos à medida que achados ou decifrações favorecem essa ciência nova com confirmações do seu princípio e acrescências no seu domínio. [...] Mas é preciso ver que, até os primeiros decênios do nosso século, a linguística consistia essencialmente numa genética das línguas, fixava-se, para tentar estudar a *evolução* das formas linguísticas. **Propunha-se como ciência histórica, e o seu objeto era, em toda parte e sempre, uma fase da história das línguas.** ([1966] 2005, p. 20-21 - destaque nosso).

Pela passagem citada, verificamos que, com a descoberta do sânscrito, a ideia de parentesco entre as línguas ganhou mais força e se tornou cada vez mais metódica, possibilitando o trabalho com várias línguas que apresentavam fenômenos próximos e, por isso, justificava a familiaridade levantada. Esta era procurada por meio de processos que testemunhariam as evoluções sofridas pelas línguas ao longo do tempo; um verdadeiro trabalho histórico comparado.

Neste momento, realizar o estudo histórico da língua, se constituía em um recorte da mesma, sem vistas à compreensão dos primórdios à atualidade, mas sim de que forma em determinada etapa as evoluções se deram. Assim, percebemos que há uma pluralidade envolvida em se falar da abordagem histórica da língua.

Observamos, também, que há um movimento em direção à comparação e, paulatinamente, a perspectiva estritamente histórica deixa de ser o único recurso. A

aproximação se torna, assim, uma questão já analisada pelos gramáticos na Idade Média: a ideia de uma gramática universal.

Esta primeira empreitada rumo ao passado das línguas, a fim de compreender os processos evolutivos, forneceu um método mais formal. A descoberta do sânscrito oferece, então, grande contribuição para os estudos linguísticos, como destaca Auroux (2009):

No século XVIII, as investigações sobre essa questão continuaram seguindo uma orientação empírica, na sequência do desenvolvimento do conhecimento das línguas do mundo, paralelamente à colonização ocidental do planeta, desencadeada a partir do Renascimento. **O parentesco das línguas por “famílias” torna-se uma nova preocupação. A partir do momento em que se dispõe de informações suficientes sobre um grupo de línguas, os parentescos são propostos com base em semelhanças intuitivas (no mínimo com base em um vocabulário elementar) [...]**O sucesso é menos evidente no caso das línguas indo-europeias, antes da integração do sânscrito, cuja primeira gramática ocidental é publicada em 1790. (p. 29, destaque nosso).

Notemos que o autor verifica um movimento: o método comparatista ganha a cena em lugar da abordagem exclusivamente histórica. O interesse pelo parentesco linguístico era antigo, e o seu rigor teve como origem a gramática de Panini sobre o sânscrito, na qual todo o estudo foi sustentado por observações de cunho fonético – fato que possibilitou uma maior formalização. A universalidade – herança dos gramáticos modernos – é um primeiro indício da busca pela familiaridade das línguas, pois levantou a possibilidade de haver elementos comuns em relação ao latim e às outras línguas. No entanto, foi com o sânscrito que os estudos se tornaram mais rigorosos, já que deixaram à parte especulações superficiais sobre vocabulários. (cf. CÂMARA JR. [1975], 2011).

Quanto ao início da empreitada histórica voltada para a língua, sigamos o trecho abaixo:

A primeira tarefa dos historiadores da língua foi, pois, a de estabelecer filiações entre falares que não bastava a história não-linguística para aproximar um do outro. O único método possível, nessa situação, era **mostrar semelhanças materiais entre suas palavras ou entre seus morfemas tomados isoladamente**. Como provar que o sânscrito e o latim têm uma origem comum se não for mostrando que os mesmos sons são amiúde utilizados pelas duas línguas para exprimir as mesmas ideias? As analogias na organização de seus sistemas gramaticais, mesmo que fossem incontestáveis, poderiam ser muito mais facilmente imputadas seja ao acaso, seja a tendência universal da natureza humana. (DUCROT, [1968] 1970, p. 44 – destaque nosso).

Vemos que o rigor trazido com o sânscrito sustentava-se na abordagem de seu objeto de estudo, que consistia na aproximação entre as línguas, examinando seu parentesco, o que fez com que se colocassem à parte questionamentos sobre a universalidade. Essa alteração contribuiu sobremaneira para que o rigor científico fosse mais bem desenvolvido. E, para tal, a analogia foi um fator de suma importância, pois permitiu que o parentesco levantado fosse sustentado e defendido mais seguramente.

Há, portanto, um deslocamento importante: deixou-se a linguagem e voltou-se às línguas. Isto é, não mais interessava abranger todo o fenômeno linguístico, representado pela busca da compreensão da linguagem, mas sim compreender as línguas, em busca de um parentesco comum, sem referência ao início da linguagem humana. Lembremo-nos de que, como apresentado, já fora reconhecido por Rask a questão de que cada língua possui sua própria organização. Neste sentido, o interesse do linguista se voltava para a língua e para sua organização⁹, renunciando às questões sobre a motivação entre nome e realidade ou mesmo à origem da linguagem/língua. A questão histórica, dessa forma, adquire um sentido diferente quando deixa as questões da linguagem e se volta para as questões da língua.

À medida que se tornava mais rigoroso, ocorre uma mudança quanto ao objetivo das investigações. Quanto a isso, Câmara Jr. ([1975] 2011) mostra que

Enquanto Rask visava principalmente estabelecer a relação de alguns grupos de línguas para chegar a uma família maior; **o objetivo principal de Bopp era descobrir a origem das formas gramaticais**. Desta maneira, tentou investigar a origem da linguagem, não em premissas filosóficas, como seus predecessores do século XVIII, mas **em bases linguísticas, discutindo as formas linguísticas através da comparação e arranjo histórico entre elas**. (p. 49 – destaque nosso).

A abordagem histórica é alterada com Bopp, pois não mais visa chegar à origem das línguas – à língua-mãe, mas sim compreender, pela comparação, de que maneira determinadas palavras se distanciaram após os processos evolutivos. Ou seja, a comparação permitirá refletir sobre as evoluções sofridas e, assim, pontuar questões sobre os processos comuns às línguas.

Altera-se também a orientação dessas investigações, pois houve um período em que os preceitos filosóficos ofereciam as possibilidades de compreensão, mas nesse momento o

⁹ Segundo Ducrot (1968) a ideia de organização remonta à descrição dos gramáticos, pois no momento em que houve a preocupação em se ensinar o melhor uso da linguagem/língua, podemos reconhecer a noção de organização, estrutura.

destaque era para a perspectiva histórica e comparativa. Cabe ainda observar que as formas analisadas eram consideradas isoladas, sem relação com as demais línguas.

A questão histórica nesse momento tem novo contorno, posto que não mais pretende chegar ao passado perdido das línguas, mas procura, antes, por meio da comparação das formas, analisar os processos evolutivos pelos quais os termos da língua passaram. Vemos aqui, uma restrição do método de trabalho, visto que não toma mais a totalidade das línguas, mas sim determinados aspectos comuns a elas e, a partir da comparação, demonstrar de que maneira se distinguiram.

Assim, é notório que houve diferentes propósitos para os estudos comparatistas. Enquanto método, o comparativismo serviu tanto àqueles que se interessavam pelos processos evolutivos das línguas, quanto aos que se interessavam pelos processos evolutivos das formas gramaticais.

Dessa forma, os primeiros direcionamentos sobre a familiaridade entre as línguas levaram à elaboração de um quadro para estabelecer o grau de parentesco; todavia o objetivo foi superado e uma nova possibilidade foi desenvolvida. Reconhecemos um movimento em que, cada vez mais, o linguista se voltava para a língua, pois perdeu o interesse pela comparação entre as línguas e passou a destacar a comparação de formas gramaticais, a fim de pontuar processos comuns.

Como já mencionado, para o desenvolvimento dos estudos histórico-comparatistas, a analogia foi um processo de grande importância, como elucida Ducrot:

A existência de analogias fonéticas entre os signos gramaticais de duas línguas, mesmo que seu vocabulário seja, por outro lado, claramente diferente, é tida no começo do século XIX, como **prova decisiva de uma relação** genética, e a comparação das gramáticas é considerada, em consequência, como o método mais seguro para estabelecer os parentescos; “Linguística histórica” e “Gramática Comparada” se tornam, durante certo tempo, expressões sinônimas. (DUCROT, [1968] 1970, p. 45-46 – destaque nosso).

Podemos, assim, identificar que o reconhecimento da importância da analogia enquanto método vem a contribuir ainda mais para se formalizar os estudos desenvolvidos e firmar o método histórico-comparativo. Assim, o que antes fora desconsiderado pelos linguista, se mostra como peça-chave para que se desenvolva com maior rigor os estudos e análises.

1.5. A contribuição dos estudos fonéticos

É possível entender que, a partir do momento em que a abordagem comparatista se aperfeiçoa, o estudo das línguas toma um novo rumo. O objetivo principal, além de se deter à maneira com que as línguas evoluíam, procura explicar em que medida se dá o parentesco entre elas. Neste sentido, a analogia permitiu que fossem sustentadas as hipóteses e, conseqüentemente, a teoria fosse validada, fazendo com que os estudiosos daquela época compreendessem melhor as semelhanças entre as línguas.

O método, como vimos, possibilitou ao linguista analisar as proximidades entre as línguas com base nos processos que elas tinham em comum. Tais comprovações foram sustentadas, primordialmente, em aspectos de cunho fonético, garantindo mais rigor do que as comprovações advindas do estudo pautado apenas no vocabulário.

Quanto às contribuições oriundas das investigações sobre as famílias linguísticas, podemos acompanhar:

Bopp pode ser considerado o fundador da linguística indo-europeia. Embora seu objetivo último fosse muito mais elevado e ilusório, teve a honra de, pelo menos, **provar a existência de uma grande família de línguas, à primeira vista muito separadas, e de dar um vislumbre do método para descobrir o desenvolvimento histórico delas.**

Ora, o estudo comparativo das línguas deste bloco, a família indo-germânica ou indo-europeia, **foi decisivo para estabelecer como ciência real a abordagem histórica da linguagem.** (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 51-52 – destaque nosso).

Segundo a interpretação acima, Bopp conseguiu dar mais rigorosidade aos estudos por meio de sua abordagem histórica dos elementos linguísticos. Apesar de o objetivo maior ser chegar à origem da linguagem, não se pode desconsiderar a contribuição de tal estudioso, uma vez que, por suas investigações, estabeleceu-se a proximidade das línguas. O método histórico empregado consolidou ainda mais a teoria do parentesco entre as línguas e, assim, firmou essa abordagem entre os linguistas dessa época.

Dessa forma, o interesse estritamente gramatical perdeu lugar e os aspectos fonéticos ganharam cada vez mais espaço. Nessa nova perspectiva, ressalta-se a contribuição de Jacob Grimm, cuja importância, Câmara Jr. esclarece:

Mas, é inegável que, com sua explanação do *Umlaut*¹⁰, sua teoria do *Ablaut* e sua lei da mudança consonantal, Grimm mostrou uma sistematização das mudanças fonéticas que seria o ponto de partida para a elaboração do estudo histórico da linguagem em linhas científicas. ([1975] 2011, p. 56).

Assim, concluímos que os linguistas dedicados aos aspectos fonéticos contribuíram sobremaneira para que houvesse a consolidação e a sistematização dos métodos. Com relação a essas contribuições, Mattos e Silva (2008) discorre:

É, sem dúvida, nos começos do século XIX, com Bopp, que se inicia o longo percurso de **refinamento dos métodos** de análise linguística. Então a hipótese diretora dos trabalhos linguísticos centrava-se na **preocupação genética**: a preocupação do grau de parentesco histórico entre as línguas distanciadas no espaço (e que, a partir dessa pesquisa de longo alcance, vieram a se chamar línguas indo-europeias) e confrontadas em momentos de sua história [...].

A preocupação desse grupo de analistas – os comparativistas oitocentistas: Bopp, Grimm, os Schlegel, alemães, Rask, dinamarquês – era a comparação entre itens lexicais determinados para estabelecer as diferenças de língua a língua comparadas e **chegar à determinação do parentesco entre elas**. Os resultados desse extraordinário trabalho compõem um grande *corpus* de documentação organizada e interpretada segundo os princípios teóricos diretores e abrem caminho para uma segunda etapa nessa história que é a dos neogramáticos. (p. 29 – destaque nosso).

Baseando-nos na citação acima, verificamos as implicações advindas das contribuições dos estudos fonéticos. O método histórico-comparatista, herdado pelos neogramáticos, possuía um rigor e uma sistematização que ainda não tinham sido atestados, situação esta que se deve ao modo como a teoria do parentesco foi desenvolvida.

Com o deslocamento do interesse para as línguas vernáculas, tornou-se possível afirmar que todas as línguas podem ser objeto de estudo, o que contribuiu para a ideia de parentesco. Assim, pensar o desenrolar das pesquisas linguísticas desse momento é pensar em um conjunto de contribuições que, em suma, permitiram avanços maiores aos seus sucessores.

Mas, há de se pensar, ainda, em outras implicações. Quanto a isso, Silveira (2007)relata:

Os estudos linguísticos passaram a ter um caráter comparatista no início do século XIX, quando Franz Bopp, com o livro *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita*, estabeleceu que as semelhanças existentes entre essas línguas (em particular as semelhanças referentes ao domínio da gramática) só poderiam ser explicadas pela origem comum. O projeto de Bopp, que foi

¹⁰ O processo de Umlaut é a metafonía: modificação de uma vogal pela presença de outra vizinha. O processo de Ablaut consiste na alternância vocálica, como a que acontece nos verbos pode (presente) e pôde (pretérito). (DUBOIS, 2007).

logo retomado por outro erudito da época, Jacob Grimm, sai do campo estritamente filológico e faz aparecer a preocupação em reconstituir, pela comparação, a língua hipotética que encarnaria a origem comum dessas línguas e que foi nomeada indo-europeu. O indo-europeu seria então a *protolíngua* construída pelos linguistas a partir das semelhanças entre as línguas já citadas.

Essa passagem, do filológico à comparação, envolve outros níveis e esferas de abordagem do fenômeno linguístico implicando o abandono da perspectiva antropológica e literária, por exemplo, e centrando-se **especificamente na língua**. (p. 88, destaque nosso).

Segundo a autora, voltar-se à compreensão dos processos pelos quais as línguas passam é dizer que para o estudioso dessa não abre espaço para as questões referentes à origem do homem, à sociedade ou à interpretação de textos literários – isto é, o interesse por remontar o passado perdido não mais tem lugar. A comparação é a afirmação do interesse pelos fenômenos que explicam a língua, isto é, que contribuem para que os linguistas volvam ao percurso evolutivo.

Outra contribuição é a proveniente de Albert Schleicher, o qual foi muito influenciado pelas teorias de Darwin. Câmara Jr. ([1975] 2011) discute essa questão:

Vemos, assim, que Schleicher trouxe à linguística três importantes ideias novas, as quais, embora inexatas, tiveram grande aceitação durante muito tempo: 1) a língua é um **organismo** natural e, como tal, deve ser estudado; 2) a língua em suas mudanças tem uma **evolução** natural no sentido darwiniano, e não é um aspecto da história; 3) a língua depende dos **traços físicos** dos pensamentos e **órgãos** da fala dos homens e é um traço racial destes. (p. 66, destaque nosso).

De acordo com o autor, o trabalho do linguista esteve em íntima ligação com a teoria darwiniana e com a concepção biológica, segundo a qual a língua é um organismo. Por consequência, ela estaria sujeita às mesmas mudanças a que os organismos vivos estão submetidos: nascimento, crescimento, amadurecimento e falecimento. As línguas não eram, então, pensadas como continuidades, ou evoluções de outras.

Para Schleicher, elas nasciam e morriam, e não haveria possibilidade de se pensar em evoluções enquanto elo entre famílias linguísticas – como testemunho de parentesco. A evolução não estaria senão intrínseca ao organismo-língua. Tem-se, então, uma primeira leitura da língua fora da sua relação com as outras línguas. São organismos distintos que não se relacionam, e a evolução pela qual eles passam não acarreta uma continuidade e sim o seu próprio fim.

Entretanto, Schleicher não fora o único a compreender a língua fora da ideia de parentesco. Whitney ([1875] 2010) oferece outra forma de entender a língua:

De uma maneira geral e sumária, podemos definir **a linguagem como a expressão do pensamento humano**.

De uma maneira ainda mais ampla, podemos dizer que tudo o que serve de corpo para esse pensamento, **tudo o que o torna apreensível é uma linguagem** [...]. A linguagem propriamente dita é um **conjunto de signos** pelos quais o homem exprime consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes: é uma expressão destinada à transmissão do pensamento. [...] a linguagem é *natural* no homem. Sua constituição, as condições de sua existência, seu desenvolvimento histórico – uma dessas coisas apenas ou todas juntas – tornam inequívoco seu apanágio. (p. 17-18, destaque nosso).

Reconhecemos, na citação, o retorno à essencialidade do pensamento, diferindo da Idade Média, uma vez que a linguagem não permite expressar a realidade pelo pensamento, mas o expressa diretamente. É possível identificar, ainda, a definição dos elementos que pertenceriam à linguagem: tudo o que permite se comunicar com outrem. No que concerne à comunicação, para esse autor, há a atuação dos signos que, no caso, são os portadores da mensagem, do pensamento.

Contudo, o ponto forte da teoria de Whitney é a constatação da linguagem em relação ao homem: ela lhe é natural. Dessa maneira, não haveria sentido em buscar explicações sobre a origem da linguagem/língua, uma vez que ela teria nascido com o homem; ela lhe é inerente. E, segundo essa perspectiva, qualquer que seja a abordagem dada, a conclusão a qual se pode chegar é que a linguagem está no homem.

Whitney ([1875] 2010) diz mais sobre a linguagem, ao fazer uma breve descrição da ciência que deveria estudá-la:

Ela pesquisa as razões de ser da linguagem no passado e no presente e, na medida do possível, seus primeiros desenvolvimentos. Ela se esforça para determinar seu valor como **instrumento do pensamento** e sua influência no desenvolvimento da nossa raça. Enfim, ela visa indiretamente a outro estudo: o dos **progressos** da humanidade e o da **história** das raças, suas relações e migrações, na medida em que podemos descobri-los através dos fatos de linguagem. (p. 20, destaque nosso).

Ainda, segundo o autor, a ciência dedicada ao estudo da linguagem tem um objeto que pretende não apenas exprimir o pensamento, mas também se relaciona com o homem para além da comunicação. Tal ciência permitirá ao linguista que compreenda como o pensamento pode ser expresso, além de abranger como a relação entre linguagem e pensamento se constituiu, desenvolveu-se e os seus futuros rumos.

Para Whitney, a linguagem é social, pois seu lugar está no homem, mas suas contribuições à Linguística não se restringem a essa constatação. Neste aspecto, Câmara Jr. ([1975] 2011) esclarece:

Vale a pena mencionar o fato de que Whitney estava convencido da possibilidade de aplicar a classificação genealógica das línguas a todas as línguas da humanidade. Toda língua existente, dizia ele, participa indubitavelmente de uma família linguística, deve ser um dialeto derivado de uma língua anterior única. Desta maneira apontava uma alternativa na classificação das línguas, diferente da classificação tipológica à qual Schleicher dera uma forma rigorosa e bem delineada. E sua visão sobre o assunto mostrava a extensão do método histórico-comparatista a todas as línguas do mundo geral.

Vemos assim que Whitney, embora não fosse um investigador original em linguística comparativa do indo-europeu, porém antes um popularizador de suas realizações, merece nossa atenção por três razões principais: 1) sua concepção da língua como instituição social, concepção essa que teve grande influência no pensamento contemporâneo; 2) sua concepção da aglutinação como um processo morfológico dominante; 3) sua sugestão de estender a classificação genealógica a todas as línguas do mundo, baseada no modelo da gramática comparativa do indo-europeu. (p. 76).

De acordo com a explicação acima, é perceptível que este linguista reconhece que existe na língua uma estrutura, a qual pode ser observada em todas as outras. Logo, há uma característica que nos faz afirmar que estamos realmente diante de uma língua. Surge, assim, uma mudança importante, em que, ao se falar de “língua”, deixa-se de se referir somente às línguas de determinada família, para designar todas as outras línguas. Não havia, dessa forma, o privilégio de uma língua em detrimento de outra, mas sim a aplicação de observações gerais a todas as línguas, independente da árvore genealógica a qual pertenciam.

O trabalho desenvolvido sobre as questões fonéticas trouxe maior rigor e sistematização dos estudos desse momento. E foram essas mesmas questões que permitiram aos neogramáticos iniciarem uma nova conjuntura. Mattos e Silva (2008) ressalta:

Assume-se o ano de 1878 como a data inicial do movimento neogramático, com a publicação do primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen* (Investigações morfológicas), cujo prefácio, de H. Ostoff e K. Brugmann, é considerado como “o manifesto neogramático”. É nesse prefácio que seus autores afirmam que, nos estudos históricos, trata-se não apenas de arrolar correspondências sistemáticas entre línguas, mas antes de criar uma teoria da mudança. (p. 29).

De acordo com a autora, a nova abordagem difere da prática anterior. Se antes o objetivo era chegar à origem das línguas via comparação, na concepção neogramática, pretende-se sistematizar essas comparações por meio da perspectiva histórica. Ou seja, há a

criação de teorias sobre as mudanças observadas, a fim de lançar luz aos processos que estão envolvidos nessas mudanças. Sistematiza-se ainda mais, consolidando o método histórico-comparatista.

Com o desenvolvimento das leis fonéticas, a analogia, que fora importante no estudo do sânscrito, sobressaiu-se mais uma vez, mas priorizando as mudanças ocorridas nas línguas. Neste sentido, Câmara Jr. ([1975] 2011) explicita:

No que diz respeito ao estudo da linguagem, ou linguística histórica geral, a chave da doutrina nos neogramáticos é a segura asserção das leis fonéticas, que, como postulou Osthoff, trabalham com uma necessidade cega. Daí, a atribuição da evolução fonética a uma ação mecânica de forças fisiológicas e psíquicas que escapam ao controle humano.

Neste sentido toda a atenção dos neogramáticos se concentrou nas mudanças fonéticas que parecem contradizer as referidas leis tão bem estabelecidas. Explicaram, de maneira constante e unilateral, estas discrepâncias, pelo que eles chamaram de analogia. (p. 94, destaque nosso).

Segundo o excerto acima, nesse contexto em que as leis fonéticas detêm toda a atenção, as mudanças atestadas deixaram de ser vistas pela ótica do universalismo linguístico, ou mesmo como o resultado de forças sociais. Elas passaram a ser consideradas por si mesmas, ou seja, ocorriam em virtude da língua, sem a interferência da vontade do homem. É mais um ponto a ser somado à mudança de abordagem da língua, já que ela passa a priorizar os fatores que lhe levam à mudança.

Os neogramáticos preocuparam-se em demasia à analogia, pois ela era a única exceção permitida no conjunto das leis fonéticas já estabelecidas. Vale ressaltar que, se nesse momento a analogia era tida como uma exceção, para os gregos ela representava a harmonia¹¹. A atenção dada especificamente ao que fugia às leis se justifica no instante em que tais leis eram concebidas como inevitáveis – as mudanças fonéticas não eram senão regidas por fatores fisiológicos, verdadeiras necessidades alheias à língua. (cf. CÂMARA JR. [1975] 2011).

A analogia passou a assinalar a importância dada aos processos da língua que, por não poderem ser compreendidos na regularidade, eram desconsiderados. Assim como a abordagem da língua mudou e as explicações eram procuradas em seu próprio funcionamento,

¹¹ Como destaca Câmara Jr. ([1975] 2011): “Na gramática grega, “analogia” era uma perfeita harmonia entre as formas gramaticais e as ideias lógicas que se propunham representar.” (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 94). Sobre isso, podemos acompanhar: “Digo haver analogia quando o segundo termo está para o primeiro, na proporção em que o quarto está para o terceiro, pois, neste caso, empregar-se-á o quarto em vez do segundo e o segundo em lugar do quarto.” (ARISTOTELES, 2003, p. 75).

os neogramáticos procuraram explicar os fatos ignorados por não corresponderem às questões fisiológicas e psíquicas estabelecidas pelas leis. Dessa forma, a analogia se ocupa das ocorrências regulares que, por longos períodos, não foram alvo de estudos. É o reconhecimento de que compreender os fenômenos linguísticos não é somente analisar as regularidades.

Assim, uma nova concepção de língua começou a ser delineada, uma vez que a abordagem também mudou. Não se pode mais afirmar que o objetivo precípua desses estudos fosse chegar à origem da língua, mas sim que interessava entender de que maneira as mudanças eram possíveis, ou seja, o que na língua a fazia mudar. Fatores como os de ordem social e antropológica ficaram em segundo plano, por não mais poderem explicar as leis que estavam em jogo.

A filosofia e a filologia se tornaram secundárias, visto que suas explicações se referiam às questões que não mais diziam respeito às regularidades e às leis da língua. Se antes as questões eram sobre a linguagem e a realidade, com os neogramáticos, o interesse do linguista passa a ser os mecanismos linguísticos do processo evolutivo. Ademais, o estudo de línguas passadas para fins literários também se torna imprescindível à compreensão da evolução das línguas.

Quanto ao interesse do estudioso da língua, há também um movimento. Deixa-se o interesse pelo princípio da linguagem e, aos poucos, tomam-se como prioritárias as questões histórico-comparatistas. À história caberá responder ao princípio da linguagem, enquanto a comparação deve responder aos processos evolutivos. O que deve ser frisado é que o interesse do linguista é deslocado: ele ultrapassa a linguagem e toca a língua. Ainda, esse paralelo não pretende dar homogeneidade aos acontecimentos, mas apenas esclarecer em que medida o deslocamento se deu.

Quando o linguista se propõe a tomar a linguagem como objeto de estudo, tem-se o registro da tentativa de compreensão da totalidade dos processos comunicativos, isto é, busca-se chegar ao início da comunicação. Assim, quando se privilegia a língua como objeto de estudo, há o reconhecimento de que a apreensão total é uma empreitada infrutífera. Os estudos linguísticos abandonam a generalidade da linguagem e assumem a pontualidade da língua. Há, portanto, outro movimento, outra mudança nos rumos e nos interesses do linguista.

A união da história e da comparação mostra sua relevância, tendo em vista que, por meio dos estudos comparativos, seria possível chegar à primeira língua - a língua perdida,

mas com maior rigor e sistematização. O termo “histórico-comparatista” designa, dessa forma, uma abordagem mais rigorosa.

Em síntese, neste capítulo, nos dedicamos a alguns momentos de suma importância aos estudos linguísticos e Procuramos trazer à luz os principais pontos, nos quais acreditamos ser possível reconhecer a importância da questão e a abordagem histórica no percurso da ciência linguística. Porém, nesta breve trajetória apreendemos que a abordagem histórica ocorreu de maneiras distintas e, por conseguinte, dedicou-se a analisar questões distintas ao longo do desenvolvimento dos estudos linguísticos.

Há, então, um sucinto panorama geral dos estudos linguísticos que nos dá o contexto no qual outras mudanças profundas serão possíveis. E será sobre essa nova possibilidade de abordagem que deteremos nossa atenção no próximo capítulo: o trabalho de Ferdinand de Saussure. A análise mais detalhada dos conceitos de diacronia e sincronia nos permitirá compreender as mudanças e implicações envolvidas na teoria saussuriana.

CAPÍTULO 2 – Diacronia e Sincronia no Curso de Linguística Geral

2.1. Considerações iniciais

No Capítulo 1, apresentamos algumas abordagens teóricas sobre língua e linguagem que precederam a consolidação da Linguística como ciência moderna. Vimos que, por um longo período, o interesse primordial foi o de compreender o passado das línguas, seja com vistas aos processos evolutivos, ou à reconstituição de uma origem.

Em 1916, com a publicação do *Curso*, os conceitos de diacronia e sincronia foram incorporados à análise linguística e isso representou mais do que uma nova terminologia; os termos sinalizaram um período de alterações profundas, tanto no que diz respeito ao objeto de estudo da Linguística, quanto à própria tarefa do linguista. Assinalaram um momento importante no qual se dá um contorno novo ao objeto de estudo e este, por sua vez, permite uma abordagem tanto pelo viés já consagrado (de cunho histórico), quanto por um novo viés (de cunho estático).

Com relação aos conceitos de sincronia e diacronia, vale detalhar: “Nesse par de termos, cuja presença após Saussure foi imensa, apenas o segundo, *diacrônico*, foi inventado por Saussure: lemos a primeira vez em um caderno no qual aparece também *semiologia*: [...]”¹² (DE MAURO, [1967] 1974, p. 451, tradução nossa). O referido par se constituiu, então, uma novidade. “Diacronia”, ao ser definida pelo genebrino, consolida possibilidades distintas de se analisar a língua, ou seja, dá um lugar específico aos métodos.

Ao falarmos em Linguística diacrônica, há um desdobramento que lhe é interno, como Saussure descreve:

A Linguística diacrônica supõe, conjuntamente, uma perspectiva **prospectiva**, que acompanha o curso do tempo, e uma perspectiva **retrospectiva**, que o remonta.

A primeira corresponde ao curso verdadeiro dos acontecimentos; é a que se emprega necessariamente para escrever um capítulo qualquer de **Linguística histórica**, para desenvolver qualquer ponto da história de uma língua. O método consiste unicamente em criticar os documentos de que se dispõe.

¹² “dans ces couple termes, dont la fortune après Saussure fut immense, seul le second, diachronique, est inventé par Saussure; on le lit pour la première fois dans un cahier dans lequel apparaît aussi sémiologie [...]”.

Mas num grande número de casos, essa maneira de praticar a Linguística diacrônica é **insuficiente ou inaplicável**.

Com efeito, para poder fixar a história de uma língua em todos os seus detalhes, acompanhando o curso do tempo, seria mister possuir uma infinidade de fotografias da língua, tomadas momento após momento. Ora, tal condição nunca se verifica: o romancista, por exemplo, que tem o privilégio de conhecer o latim, ponto de partida de sua pesquisa, e de possuir uma massa imponente de documentos pertencentes a uma longa série de séculos, verifica, a cada instante, lacunas enormes em sua documentação. Cumpre então renunciar ao método prospectivo, ao documento direto, e proceder em sentido inverso, remontando o curso do tempo pela retrospecção. Nesse segundo modo de ver, colocamo-nos numa época dada não o que resulta de uma forma, mas qual é a forma mais antiga que lhe pode dar origem.

Enquanto a **prospecção se reduz a uma simples narração e se funda inteiramente na crítica dos documentos, a retrospecção exige um método reconstutivo, que se apoia na comparação**. [...] (2012 [1916], p. 281, destaque nosso).

Neste sentido, a linguística histórica e a linguística evolutiva não podem ser utilizadas como palavras sinônimas. Para a abordagem histórica o objetivo seria o de analisar de que forma uma determinada língua se comporta no tempo, como se altera; já, para a linguística evolutiva, conseguiríamos chegar aos estados mais remotos de uma determinada língua via método comparativo. Há, então, à disposição do linguista, duas maneiras, dois métodos distintos de se abordar o passado de uma língua.

Na passagem acima, fica claro que Saussure, ao estabelecer o meio de se tomar a língua, reconhece que a abordagem histórica nos estudos linguísticos não é unânime.

O trecho também revela que para Saussure o método prospectivo não possui o mesmo valor que o método retrospectivo, visto que o primeiro é tido como uma “narração” cujo fim seria o de criticar documentos antigos. Mas, para a retrospecção é preciso um método que, no caso, é o comparativo. Dessa forma, há mais rigor na retrospecção que na prospecção, segundo o linguista. Assim, prospecção e retrospecção constituem meios distintos de se tomar os elementos linguísticos e, por isso mesmo, não podem ser aproximados.

Com relação à abordagem histórica e à abordagem comparativa, Saussure analisa:

O primeiro erro, que contém em germe todos os outros, é que nas investigações, limitadas, aliás, às línguas indo-europeias, a Gramática comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria. **Foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica**. Sem dúvida, a comparação constitui condição necessária de toda reconstituição histórica. Mas, por si só não permite concluir nada. **A conclusão escapava tanto a esses comparatistas quando consideravam o desenvolvimento de duas línguas como a um naturalista o crescimento de dois vegetais**. [...]

Esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda linguagem. Considerava-se a língua como uma esfera à parte, um quarto reino da Natureza [...]. (SAUSSURE [1916], 2012, p. 34, destaque nosso).

No excerto acima, podemos identificar que há, para o genebrino, um problema com o método retrospectivo: a comparação que antes lhe deu rigorosidade, agora é responsável por impedir de apreender os fatos que realmente interessam. Logo, depreendemos que o próprio genebrino não tem um ponto de vista definido sobre o lugar de importância da retrospecção ou prospecção. Apresentar a necessidade de se rever o método empregado pelos linguistas requereu do linguista mudanças quanto ao seu próprio trabalho. Confirma Saussure:

É, em última análise, somente o lado pitoresco de uma língua, que faz com que ela difira de todas as outras como pertencente a certo povo com certas origens, é este lado quase etnográfico, que conserva para mim um interesse: e, precisamente, eu não tenho mais o prazer de debruçar neste estudo sem pensar duas vezes, e de apreciar o fato particular relativo a um meio particular.

Sem cessar a inépcia da terminologia corrente, a necessidade da reforma, e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum **desejo mais caro que não ter de me ocupar da língua em geral.**

Isso terminará, apesar de mim, em um livro onde sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei porque não há um só termo na linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. E só depois disso, confesso, que eu poderei retomar meu trabalho do ponto onde o deixei. (SAUSSURE apud SILVEIRA, 2014, p. 26 - destaque nosso, tradução nossa¹³)

Neste texto, retirado de uma carta a Antoine Meillet em 1894, Saussure dá indícios de que seu interesse não está na mesma direção do de seus contemporâneos, já que começa a se voltar para o que há de geral na língua. O substantivo singular “língua” nos indica não o

¹³ C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant au milieu particulier.

Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.

interesse por uma língua em específico, mas sim pelo que há de comum em todas as línguas - o que há de geral, o que as classifica como língua.

Notemos que Saussure, antes de ser reconhecido como fundador da linguística moderna, foi considerado por ser gramático comparatista e que esse vínculo não lhe impediu de vislumbrar na língua uma abordagem outra, a sincrônica. Além de sua paixão, as falhas percebidas o inquietavam e requeriam dele uma mudança. Tal situação pode ser resumida pela seguinte frase de Silveira (2014, 27): “O que se anuncia nesse momento é a suspensão de algo que lhe dá prazer intelectual para que, depois de Saussure se dedicar ao que é necessário, ele possa retornar ao que lhe dá prazer”.

Será, portanto, a partir das falhas pontuadas e, por consequência, a necessidade de oferecer uma resposta ao que ainda tinha sido considerado que levará o genebrino a lançar-se ao estudo da língua de maneira distinta de seus contemporâneos. Essa nova postura dá início a mudanças relevantes que alterariam não somente a compreensão do objeto de estudo da Linguística, mas também toda a atividade do linguista e, por conseguinte, afetaria as bases sob as quais a teoria estava sustentada até o momento.

Sobre o objeto de estudo da Linguística, Saussure ([1916] 2012) acrescenta:

O objeto da Linguística sincrônica geral é estabelecer os princípios fundamentais de todo o sistema idiossincrônico, os fatores constitutivos de todo estado de língua. Muito do que foi exposto nas páginas precedentes pertence antes à sincronia; as propriedades gerais do signo podem ser consideradas parte desta última, embora nos tenham servido para provar a necessidade de distinguir as duas Linguísticas.

À sincronia pertence tudo o que se chama “Gramática Geral”, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem à Gramática. [...]

Poder-se-ia dizer também que a Linguística estática se ocupa de épocas; mas *estado* é preferível; o começo e o fim de uma época são geralmente marcados por alguma revolução mais ou menos brusca, que tende a modificar o estado das coisas estabelecido. A palavra estado evita fazer crer que ocorra algo semelhante na língua. Ademais, o termo época justamente por ser tomado à História, faz pensar menos na língua em si que nas circunstâncias que a rodeiam e condicionam; em poucas palavras, evoca antes a ideia do que temos chamado de Linguística externa. (p. 146).

Dizer sobre o duplo caminho de se conceber a Linguística é ressaltar a necessidade de pensar com muito cuidado nas consequências envolvidas ao se falar em diacronia e sincronia. Esses conceitos implicam a tentativa de definir em que medida a Linguística moderna se afastará das abordagens herdadas e difundidas até 1916. É quando se defende a língua como um sistema constituído por fatos históricos e também contemporâneos. É reconhecer que o

linguista assume o ponto de vista do falante, pois isso lhe dará acesso ao sistema e ao funcionamento linguístico – questões discutidas nesse momento.

Segundo Saussure, há consequências no uso dos termos “estado” e “época” quanto ao objeto de estudo. Garantir que na língua encontramos épocas, é partilhar da perspectiva que tinha vistas a outras questões que não as relativas ao sistema. Afirmar, entretanto, que na língua encontramos estados é concluirmos que estamos diante de um sistema, no qual os termos estão em solidariedade e se afetam. Dessa forma, a nomenclatura confere boas implicações de cunho metodológico e teórico.

Vimos, anteriormente, ser imprescindível entender em que medida os conceitos saussurianos atingem a compreensão e a aplicabilidade do método histórico. Nossa justificativa sustenta-se ainda por ter sido Saussure que identificou falhas no viés histórico/comparatista e se sentiu impelido a dar uma resposta às questões colocadas.

2.2. Um novo ponto de vista para a língua

Por sentir a necessidade de responder às questões que os métodos históricos não conseguiam se aprofundar, Saussure tentou delimitar o objeto de estudo da Linguística. Em suas palavras: “A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas **antes** de conhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 31, destaque nosso). Por essa afirmação, pode-se dizer que, até aquele momento, os linguistas que lhe antecederam não conseguiram definir exatamente qual era o objeto de estudo que seria de responsabilidade da Linguística. Seguindo esse pensamento, nota-se que há um aspecto que carecia de aperfeiçoamento pelas abordagens anteriores: a definição do objeto de estudo.

Em outra passagem, Saussure explicita melhor do que exatamente a Linguística ocupar-se-ia:

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE [1916] 2012, p. 37).

A definição saussuriana exposta acima evidencia uma mudança radical, pois não cabe à Linguística distinguir entre o correto e o incorreto, entre o clássico e o decadente. A função dessa ciência seria tomar sob sua tutela todos os fenômenos da linguagem. Há uma mudança notável, pois não se desconsideram os fatos atuais, nem se privilegiam os fatos do passado: eles têm valor simplesmente por serem da linguagem.

Entretanto, a delimitação acima nos leva a designar objeto da Linguística todos os fatos que vão além das línguas e que abarcariam toda forma de expressão. Neste aspecto, De Mauro nos oferece um preciso esclarecimento:

Para Saussure, *matéria* é o conjunto de todos os fatos que, na linguagem comum, podem ser considerados como “linguísticos”. Uma massa heteróclita [...] e, como tal, pode ser estudada por múltiplas disciplinas: em relação aos quais a linguística os qualifica porque seu *objeto* é a *lingua*. [...]. O último termo é utilizado por Saussure no sentido de “finalidade de uma atividade”, ou seja, no sentido escolástico para o qual o *objeto*, [...] um termo de uma operação e, sobre o legado do *objeto* de uma ciência, é a matéria do saber que ela aprendeu e conheceu [...].

A palavra *objeto* será reservada à matéria tratada na medida onde ela produziu e ordenou suas formas sistematicamente no curso da pesquisa, os objetos são então os *objetivos* da pesquisa. A ambiguidade que poderíamos reencontrar na utilização do termo “objeto” nesse sentido (já que a regra prevê que essa palavra se aplica às coisas observadas e pensadas) é aparente. De fato, as coisas só existem para nós *como* objetos de acordo como foram previamente predeterminados pela pesquisa. ([1967] 1974, p. 414-415, tradução nossa¹⁴).

Com base nesta citação, percebe-se que **matéria** e **objeto** não podem ser compreendidos como termos sinônimos no interior da teoria saussuriana. Para o primeiro, veremos privilegiada a referência à língua e a todas as outras maneiras de se expressar, já, para o segundo, teremos os elementos da língua, os elementos constituintes do sistema linguístico. Portanto, cabe à matéria tudo o que pode ser incluído no estudo da linguagem, enquanto o objeto se restringe ao que está no interior do sistema.

¹⁴ Pour Saussure, *matière* est l'ensemble de tous les faits qui, au niveau du langage courant, peuvent être considérés comme “linguistiques”. Une telle masse hétéroclite [...] et, en tant que telle, elle peut être étudiée par de multiples disciplines: par rapport auxquelles la linguistique se qualifie parce que son *objet* est la *langue*. [...]

Ce dernier terme est utilisé par Saussure au sens de “finalité d'une activité” c'est-à-dire au sens scolastique pour lequel l'*objectum* est, le *τέλος* aristotélicien, le terme d'une opération et, dans le cas de l'*objectum* d'une science, c'est la matière du savoir un tant qu'elle apprise et connue [...]

“Le mot *objet* sera réservé à la matière traitée dans la mesure où elle a été produit et ordonnée sous forme systématique au cours de la recherche, les objets sont donc les *objectifs* de la recherche. L'ambiguïté que l'on pourrait rencontrer dans l'utilisation du terme “objet” en ce sens (puisque que la règle veut que ce mot s'applique aux choses observées et pensées) n'est qu'apparente. En fait, les choses n'existent pour nous *comme* objets qu'en tant qu'elles aient été au préalable déterminées comme résultats de recherche”

Todavia, essa diferenciação nos afasta da proposição de uma ambiguidade entre estes termos e, assim, lança luz sob pontos importantes no *Curso*, uma vez que tais termos se referem à delimitação do objeto de estudo da Linguística. A referida nota de rodapé elucida mais precisamente em que consiste a delimitação do objeto de estudo e nos permite comprovar que, nas teorias linguísticas anteriores, os linguistas se dedicaram mais à matéria do que ao objeto de estudo. Em relação ao objeto de estudo da linguística, Benveniste aponta:

Dizer que a linguística tende a tornar-se científica não é apenas insistir sobre uma necessidade de rigor, comum a todas as disciplinas. Trata-se, em primeiro lugar, de **uma mudança de atitude em relação ao objeto**, que se definirá por um esforço para formalizá-lo. Na origem dessa tendência pode reconhecer-se uma influência dupla: a de Saussure na Europa e a de Bloomfield na América. ([1974] 2006, p. 7, destaque nosso).

Notemos que a formalização da Linguística enquanto ciência teve como acontecimento primordial a instituição de seu objeto de estudo. A formalização deste coloca à parte a multiplicidade e complexidade inerentes à linguagem e, assim, distancia a interferência de outras disciplinas. Falar da língua enquanto objeto de estudo é dizer da preocupação de tornar a Linguística independente, é delimitar em que medida outras ciências não conseguem responder às questões colocadas quando há uma análise do sistema linguístico.

Para ilustrar a independência da língua proposta por Saussure, Silveira esclarece:

Contudo, uma afirmação sobre a não dependência da língua em relação ao pensamento jamais seria *per se* suficiente para que tal tradição vacilasse ou mesmo caísse. Parece-nos que Saussure fez algo mais nesse sentido, não negou a relação entre língua e pensamento, mas **propôs uma teoria para a língua que modificava a sua relação com o pensamento**, permitindo outro lugar para essa relação. (2009, p. 49, destaque nosso).

Observemos que a autora ressalta que a proposta do genebrino não é a de se desvincular das teorias antecessoras, mas dar um novo lugar aos conceitos já conhecidos. Neste sentido, acrescenta que a relação entre pensamento e língua não fora negada, mas antes reformulada, para dar novo lugar ao que está à disposição do linguista: oferece-se um espaço de relevância à língua e aos seus fatos e, conseqüentemente, aos conceitos que lhe estão relacionados.

A nova proposta, em síntese, diz respeito ao fazer do linguista, e essa nova forma de estudo altera o fazer do linguista na medida em que em dá novo lugar aos conceitos. Benveniste discute a questão:

Todo o **esforço de Saussure** [...] é a exigência que ele pôs de **ensinar ao linguista o que ele faz**, de lhe abrir os olhos a propósito do procedimento intelectual que ele realiza e a propósito das operações que pratica quando, de uma maneira um tanto instintiva, ele raciocina sobre as línguas ou as compara, ou as analisa. **Qual é, pois, a realidade linguística?** Tudo começou a partir disso, e é aí que Saussure colocou as definições, que hoje se tornaram clássicas, sobre a natureza do signo linguístico, sobre os diferentes eixos segundo os quais é necessário estudar a língua, **a maneira pela qual a língua se nos apresenta**. ([1974] 2006, p. 14, destaque nosso).

Notemos que alterar o modo de trabalho do linguista é uma das consequências de todo o trabalho de Saussure e da proposta por ele iniciada. Assim, o novo olhar destinado à língua diferencia-se daquele olhar em que se trabalhava com a sucessão de elementos e com os processos evolutivos. Ele requer que o linguista não mais se veja como um historiador em busca de uma forma perdida. E, para registrar essa nova perspectiva, a relevância é dirigida à analogia:

Os primeiros linguistas não compreenderam a natureza do fenômeno da analogia, a que chamavam “falsa analogia”. Eles acreditavam que, ao inventar *honor*, o latim se “havia enganado” sobre o protótipo *honōs*. Para eles, **tudo quanto se afasta da ordem dada é uma irregularidade**, infração de uma forma ideal. É que, por uma ilusão muito característica da época, via-se no estudo original da língua algo de superior e de perfeito; não se perguntava se semelhante estado fora precedido de outro. **Toda liberdade tomada com relação à língua constituía, pois, uma anomalia**. Foi a escola dos neogramáticos que pela primeira vez atribuiu à analogia seu verdadeiro lugar, mostrando que ela, juntamente com as mudanças fonéticas, é o grande fator da evolução das línguas, o processo pelo qual estas passam de um estado de organização a outro. (SAUSSURE [1916], 2012, p. 219, destaque nosso).

No entender de Saussure, os linguistas se ocuparam por longo tempo do estabelecimento das regularidades da língua e criaram um objeto idealizado. Essa idealização foi fruto de uma necessidade de apartar da língua as irregularidades e a liberdade - tudo que não pudesse ser explicado por via da regularidade estaria fora de questão. Neste sentido, o linguista suíço desconstrói essa idealização no instante em que parte da proposta dos neogramáticos e, assim, enfatiza a analogia. Pode-se afirmar que Saussure dá lugar ao que era considerado como irregular e criativo na língua.

O linguista se vê, então, ante uma nova exigência para sua tarefa: não cabe mais a ele ignorar o que não pode ser caracterizado pelas regularidades. Ele deve se voltar para o irregular, a fim de compreender melhor de que maneira o sistema linguístico funciona. Dessa

forma, Saussure não se desvincula de seus contemporâneos, mas sim oferece novas possibilidades com base no que eles mesmos haviam descoberto.

Assim, a analogia que antes fora ignorada pelos comparativistas, com os neogramáticos tornou-se a peça-chave de toda a análise linguística. Os elementos analisados via analogia permitiriam conhecer melhor as mudanças evolutivas já observadas pelo modelo comparatista. Há, assim, uma mudança no panorama dos estudos linguísticos, que implica uma alteração na concepção da tarefa do linguista. Se, anteriormente, a história se focava na análise dos fenômenos linguísticos, com Saussure é a própria língua que deixa à disposição os recursos com os quais o linguista deve contar..

Apesar de a proposta do genebrino romper com o ponto de vista do historiador, ele não a desconsidera de suas elaborações. Acompanhemos o que se segue:

A análise das unidades da língua, feita a todos os instantes pelas pessoas que falam, pode ser chamada de análise *subjetiva*, cumpre evitar confundi-la com a *análise objetiva*, fundada na História. [...]

Não existe medida comum entre a análise dos falantes e a do historiador, se bem que ambos usem o mesmo procedimento: a confrontação das séries que apresentam um mesmo elemento. Uma e outra estão justificadas, e cada qual conserva seu valor próprio; em última instância, porém, **a do falante é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos da língua.**

A análise histórica não passa de uma forma derivada. Ela consiste, no fundo, em projetar num plano único as construções de diferentes épocas. Como a decomposição espontânea, visa a reconhecer as subunidades que entram numa palavra, só que faz a síntese de todas as divisões operadas no curso do tempo, com vistas a atingir a mais antiga. A palavra é como uma casa cuja disposição interior e destinação tivessem sido alteradas em várias ocasiões. A análise objetiva soma e superpõe essas distribuições sucessivas; entretanto, para o que ocupam a casa, nunca existe mais que uma análise. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 243-244, destaque nosso).

Depreendemos que o ponto de vista do falante é a inserção da subjetividade nos estudos linguísticos, subjetividade entendida aqui como a referência à apreensão da língua segundo a perspectiva do falante, ou seja, pelo que o falante reconhece como sendo sua língua. A subjetividade se distancia, então, da perspectiva comparativista. Para esta análise, o linguista toma um elemento específico da língua e procura chegar à forma mais antiga possível, ao passo que para aquela análise o linguista procura compreender a língua enquanto sistema, sem considerar o seu passado ou os processos evolutivos.

É imprescindível destacar um movimento muito importante na teorização saussuriana. Aos comparativistas, um determinado elemento da língua era tomado e posto em comparação com outras línguas, e, depois, o estudo dá lugar ao objeto, ou seja, não há sentido em procurar em outras línguas as respostas que o próprio sistema oferece. Desloca-se a análise linguística

das línguas para a língua. O substantivo no singular implica tomar a língua com base em suas características comuns, isto é, no que pode ser determinado para todas elas.

Vale destacar que essa tentativa de generalização tem seu embrião no trabalho que Saussure desenvolveu com o lituano:

Saussure, então, começa a estabelecer uma relação entre o particular e o geral nos estudos da linguagem a partir do lituano. Trata-se, portanto, nesse momento de **um deslocamento** importante no percurso teórico de Saussure e, além disso, é possível observar como o trabalho de campo com o lituano permitiu a ele fazer um deslocamento que podemos nomear como uma passagem da empiria ao teórico, ou **da observação de um caso particular à possibilidade de generalização**. (SILVEIRA; BRAZÃO, 2014, p. 315, destaque nosso).

A possibilidade de generalização aí tem início. Todavia, não devemos entender as elaborações saussurianas como resultado da desconsideração das teorias consagradas, mas sim como um processo, um deslocamento teórico no qual ele consegue dar novo sentido ao que já era conhecido e que constitui uma ruptura com o que era feito.

Ao ser circunscrito o objeto de estudo da Linguística formaliza uma abordagem mais rigorosa dos fatos linguísticos.

Foi necessário legitimar outro lugar de observação para o linguista, uma vez que esse não mais poderia corresponder ao de um historiador, de um investigador de formas passadas, mas sim de um sujeito interessado na língua em si. Como resposta a essa necessidade, o falante mostra-se como o lugar no qual será possível desenvolver uma análise que vise à língua por ela mesma.

Sobre isso, Normand observa:

A inversão operada por Saussure é a de definir o campo da linguística, **colocando-se desde o começo na prática da língua**, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. Para tanto, é necessário **afastar-se**, a princípio, do conjunto constituído pela massa de **saber gramatical (comparativo e histórico)** e dos comentários acumulados pela tradição; deixar de tomar como quadro evidente da descrição o que é resultado de séculos de reflexão sobre a linguagem, e então, questionar o ponto de vista do estudioso: o locutor ordinário não é um *estudioso*, mas mesmo assim, ele *sabe* falar. **Trata-se de descobrir a especificidade desse saber da língua, deixando de lado o saber sobre a língua**. (2009, p. 45, destaque nosso).

Segundo a autora, a mudança do ponto de vista trouxe consigo outras consequências, já que implica o abandono do saber oriundo da gramática e exigiu que se assumisse uma outra definição. Por esse trecho, vemos que se colocar no lugar do falante foi o meio encontrado por Saussure para conseguir distanciar-se de um conjunto teórico vinculado à perspectiva

comparatista-historicista. O movimento efetuado por ele, como mencionado anteriormente, exigiu uma nova abordagem que lhe daria oportunidade de observar os fatos da língua por um ângulo distinto do já utilizado pelos comparativistas ou historicistas, e essa mudança de abordagem legitimou o movimento de Saussure: deixa-se uma análise “sobre a língua” para apoiar-se em uma análise “da língua”.

2.3. A língua – objeto de estudos

O “saber sobre a língua” (*op. cit.*) parte dos elementos gramaticais oriundos das comparações feitas e busca compreender os processos evolutivos pelos quais determinado termo de uma língua passou, assim como também se deu com as leis de funcionamento das mudanças fonéticas. Para o “saber da língua”, contudo, o interesse recai sobre a identificação de questões mais gerais que estão acessíveis ao falante – o funcionamento da língua, as possibilidades disponíveis.

Com efeito, constatamos nesta trajetória de estudo que mudanças ocorreram no panorama geral dos estudos linguísticos, que reformularam tanto o trabalho do linguista como também a concepção sobre a língua e, conseqüentemente, os conceitos envolvidos. Normand esclarece:

“o que é a língua?”. Ao interrogar essa evidência, Saussure **inaugurou o que é geralmente reconhecido como uma mudança radical no campo da linguística de seu tempo [...]**.

Essa questão e sua resposta, diferida, são aquelas de um teórico da linguística e é como tal que, com razão apresenta-se Saussure frequentemente; mas essa questão teórica, à qual o *Curso* se propõe a responder, é suscitada a princípio por uma preocupação de linguista pesquisador, que é, por muitas razões, a de um gramático; uma preocupação de linguista confirmado, habituado com a análise comparada e a história das línguas tanto quanto com a gramática tradicional, no entanto mais e mais embaraçado pelas dificuldades que os métodos habituais levantam, os problemas que estes não podem resolver e, finalmente, as evidências que eles veiculam e que deveriam ser aquelas próprias questionamentos: sobre a linguagem, correspondência entre pensamento e som, a coexistência em qualquer língua de um sistema e de uma história, a manifestação das particularidades individuais no uso comum, etc. (2009, p. 34, destaque nosso).

Dessa forma, a língua, enquanto objeto de estudo da Linguística, não mais é a língua do filósofo e do filólogo gregos, nem a língua do gramático medieval, tampouco a língua do

historiador. A língua a ser estudada é a língua do falante. Ser falante é testemunhar um objeto que, de antemão, não tem passado, ou seja, é apresentado ao falante por aquilo que é, que está posto – sem questões sobre seu passado ou processos evolutivos. De acordo com Saussure,

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: **colocar-se primeiramente no terreno da língua** e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, **somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito.**

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, **um produto social** da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, **a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios**, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. ([1916], 2012, p. 41, destaque nosso).

Para o linguista há a necessidade de se definir de maneira clara o objeto de estudo da Linguística para que não se confunda com a linguagem. Fazer esse recorte é também demonstrar em que medida a língua enquanto objeto requer uma ciência autônoma e, dessa forma, afastar-se de ciências de outrora que auxiliaram e orientaram os estudos linguísticos, tais como a Psicologia, a Filologia, a Filosofia, entre outras.

Saussure defende a posição de que o linguista deve tomar a língua e não a linguagem como seu objeto. Essa mudança do ponto de vista justifica-se no instante em que a língua pode ser delimitada, quando conseguimos dizer sobre o que ela é e o que não é, ao passo que não se pode fazer o mesmo com a linguagem. Abandonar o interesse pela linguagem é um meio de circunscrever a área de interesse da Linguística e, assim, fazer dela uma ciência autônoma, independente de outros saberes.

Considerando o que fora colocado até agora, vemos que Saussure apresentou um novo paradigma à Linguística. Com relação a isso, Normand expõe:

Sobre a novidade, bem como a solidão desse empreendimento, as reações dos linguistas à publicação de 1916 dão indicações esclarecedoras; e, suas críticas, ou seja, em sua surdez, encontram-se pontos que nos parecem hoje contribuições das mais importantes: **uma verdadeira teoria da língua**, livre das trivialidades da linguagem, a necessidade de um novo fundamento terminológico e, portanto, conceitual que se destaque das evidências, o **estabelecimento de critérios que permitam destacar os dados**

verdadeiramente interessantes na massa das observações, a elaboração de um método de descrição conforme os princípios teóricos.

Tratar-se-ia, em suma, para a “ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua”, a apenas “reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto”. (2009, p. 28-29, destaque nosso).

A autora demonstra que o genebrino principia uma teoria da língua no instante em que sua proposta procura dar lugar aos elementos que podem ser observados com base no sistema linguístico, no funcionamento da língua em si. Perdem o foco, portanto, as questões que abordam os processos evolutivos, o que é estritamente histórico. O objeto de estudo está, então, delimitado e consolidado.

Dar à Linguística seu verdadeiro objeto é afastar dos estudos questões exteriores ao sistema, tais como a origem das palavras, a história da língua via comparação ou o parentesco entre as línguas. Eram essas as questões que afastavam o linguista de seu verdadeiro objeto. Todo o conhecimento delas proveniente possibilitou a Saussure enxergar novos caminhos de estudo em relação ao funcionamento da língua. E, para assinalar que sua proposta não consistia em unicamente retomar os conceitos, ele trabalhou o conhecimento herdado para dar-lhe novo entendimento e inserir novos termos.

A totalidade do seu trabalho comprova que estavam postas questões que não abordavam os mesmos aspectos de seus antecessores e contemporâneos. Entretanto, essa alteração não acarretou uma exclusão da abordagem histórica, mas a inserção de uma nova possibilidade de análise para a língua. Nas palavras de Normand:

A história, para Saussure, não é necessariamente uma dimensão da língua, **a história não é da língua senão uma das dimensões possíveis** e não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história.

Saussure reagiu contra a consideração histórica que prevalecia em linguística quando ele escrevia. Certamente, nós seguimos, por exemplo, a história dos Franceses, durante um certo número de séculos, graças aos textos que foram consignados por escrito; podemos, pois, acompanhar o curso do que chamamos uma história, um desenrolar de acontecimentos no tempo, **mas a linguagem, no seu funcionamento, não conhece nenhuma referência histórica**: tudo o que dizemos está compreendido num contexto atual e no interior de discursos que são sempre sincrônicos. Nenhuma parcela de história se mistura ao uso vivo da língua. Eis o que Saussure quis afirmar. [...] Quando ele anunciou isto, há aproximadamente sessenta anos, enquanto que a linguística era sobretudo marcada por uma concepção histórica, diacrônica da língua – cada língua era considerada como uma etapa em um devenir e descrita como tal – isto era novidade importante. Falando, nós nos referimos a situações que são sempre situações presentes ou situadas em função do presente, de modo que, quando evocamos o passado, é sempre no seio do presente. Se podemos falar, se nossa língua nos dá o meio de construir bases, é que reunimos palavras que valem, por sua vez, por

sintagmas e por sua oposição. **Saussure viu que há, assim, dois eixos no modo de ver a língua, que ele denominou *sincrônico* e *diacrônico*.** (2009, p. 32, destaque nosso)

A inserção do eixo sincrônico é uma nova perspectiva de compreensão dos fatos que funda e formaliza dois métodos pelos quais o sistema linguístico pode ser estudado.

Assim, quando o linguista se coloca no lugar do falante para conhecer a língua, reconhece-se uma nova abordagem que difere sobremaneira da abordagem consagrada – a histórica. Admite que, pela via histórica, só poderia se ter acesso a um dos lados da língua, no qual não se destaca o conhecimento do falante, sendo, portanto, ignorado por ele.

Em síntese, o interesse pelo funcionamento da língua tem início antes da publicação do *Curso*, em 1916. Esta mudança corresponde a um movimento essencial à Linguística, pois a legitima como ciência moderna ao determinar seu objeto de estudo.

2.4. Diacronia e Sincronia no *Curso*

Anteriormente, já destacamos a maneira com que o estabelecimento do ponto de vista do falante alterou os rumos da Linguística e sua formalização como ciência moderna. Ressaltamos também que para a instauração dessa nova abordagem, foi preciso não somente dar novo espaço aos conceitos já existentes, mas também inserir novos termos, a fim de consolidar esse novo olhar sobre a língua. Sobre o ponto de vista, Saussure ressalta:

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. [...] conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como o som, como expressão duma ideia, como correspondente ao latim *nūdun* etc. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, **diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto**; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras.

Além disso, seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico **apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra.** [...]

4º A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado, parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que é difícil separá-las. ([1916], 2012, p. 39-40, destaque nosso)

A primeira afirmação destacada nos coloca diante de uma nova questão: o ponto de vista do falante é quem vai determinar a língua a ser estudada. Sem dúvida, o estudioso tinha em suas mãos uma abordagem mais próxima da filologia e filosofia. Fica possível compreender, então, a grande reviravolta desse momento, quando Saussure traz à tona o funcionamento interno da língua por meio do ponto de vista do falante.

Dizer desse deslocamento não é negar a abordagem anterior, mas sim reconhecer que ambas são possíveis. Assim, o objeto da Linguística Moderna é visto como constituído de fatos de ambas as ordens: tanto daqueles que podem ser apreendidos pela via histórica, como aqueles apreendidos pela via de seu funcionamento. Essa compreensão sobre o objeto fica evidente na citação anterior.

Logo, a partir do momento em que se determina que a língua é um objeto passível de dupla abordagem, resta estabelecer qual delas o linguista deve priorizar para que não caia no erro de se limitar a ver a língua enquanto resultado final de uma sucessão de processos evolutivos: “o único objeto real da Linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído. Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos [...]” (SAUSSURE [1916] 2012, p. 112).

Notemos que Saussure procura estabelecer sempre que o objeto do qual o linguista deve se ocupar é um estado de língua e não somente o conjunto de processos evolutivos. Convém frisar que, ao pontuar tal situação, ele não nega a existência de um passado - produto de fatores históricos; há, também, o sistema enquanto uma realidade apreensível ao falante.

Pontuar que na língua interessam os elementos que estão acessíveis ao falante é delimitar de que maneira a nova proposta se distancia da abordagem comparativista-histórica. Mas, novamente, vale salientar que se afastar dessa herança não é negá-la. E isso porque “é a ação do tempo que se combina com a da força social; fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível.” (SAUSSURE [1916] 2012, p. 118).

Percebemos aí que não há a negação, mas sim a releitura de uma abordagem. Apesar de não se apresentarem ao falante as questões de cunho histórico - processos evolutivos -, não se pode negar que a língua da qual ele é falante é herança de outras gerações e que será passada aos seus descendentes. Logo, o tempo não é estranho à língua, nem mesmo aos falantes. Além do reconhecimento da existência de passado e presente na língua, vejamos como Saussure postula tais eixos linguísticos:

É certo que todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar mais escrupulosamente os eixos sobre os quais estão situadas as coisas de que se ocupam [...].

1º – *O eixo das simultaneidades (AB)*, concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda inversão do tempo se exclui, e 2º – *o eixo das sucessões (CD)*, sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 121, destaque nosso).

Saussure explica de que maneira a Linguística está sustentada sob dois eixos, os quais são compreendidos em relação com a língua, com o sistema linguístico. Há, assim, a reafirmação de que a língua deve ser estudada por ela mesma e que fatos de ordem diacrônica e sincrônica estão em seu interior. A fim de reafirmar esse novo posicionamento em relação à língua, além da inserção de novos termos, fez-se uma nova leitura de conceitos já conhecidos. Neste sentido, Saussure reflete:

Eis por que distinguimos duas linguísticas. Como as designaremos? Os termos que se oferecem não são todos igualmente apropriados para marcar essa diferença. Assim, **história e “linguística histórica”** não são utilizáveis, porque suscitam ideias muito vagas; como a história política compreende tanto a descrição de épocas como a narração de acontecimentos, poder-se-ia imaginar que, ao descrever estados sucessivos da língua, se estivesse estudando a língua conforme o eixo do tempo; para isso, seria mister encarar separadamente os fenômenos que fazem passar a língua de um estado a outro. Os termos *evolução* e *Linguística evolutiva* são mais precisos e nós os empregamos frequentemente; por oposição, pode-se falar da ciência dos *estados* da língua ou *Linguística estática*.

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, ***sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução.** ([1916] 2012, p. 122-123, destaque nosso).

Vemos que o genebrino reconhece a generalidade contida em se falar de história ou linguística histórica, o que, por isso mesmo, o levou a distinguir os aspectos da língua - pela prospecção ou retrospecção. Dessa forma, com o objetivo de evitar quaisquer aproximações com o método anterior, propôs uma nova terminologia.

Essas duas abordagens designam modos de se tomar esse mesmo objeto que, como já mencionamos, deixa de ser a linguagem e torna-se a língua e as questões relacionadas ao funcionamento do sistema. No que diz respeito à diacronia, o termo registra o lugar em que os fatos de ordem histórica passam a ter lugar. Quanto à sincronia, designa um estado, sendo aquilo que o falante conhece o último estado de língua. A mudança de nomenclatura carrega consigo, portanto, implicações consideráveis, uma vez que destitui a ideia de agrupar a língua

em um conjunto de processos evolutivos isolados e ela passa a ser compreendida como um todo, sempre em transformação.

Há um movimento epistemológico envolvido na elaboração dos conceitos de diacronia e sincronia, como podemos acompanhar:

No C.L.G., a *história* parece sempre se opor à *descrição* e equivaler, portanto, à *diacronia*. Certas reservas aparecem no C.L.G [...] sobre a possibilidade de utilizar o termo *história*, considerado com razão como se referindo tanto a uma evolução quanto a um estado.

De fato, o próprio Saussure adotou na aula inaugural¹⁵ de Genebra, *história* em um sentido bem diferente: “Quanto mais se estuda a língua, mais se aprofunda no fato de que tudo *na* língua é *história*, ou seja, que ela é um objeto de análise histórica e não de análise abstrata, que ela se compõe de *fatos* e não de *leis*, que tudo que se parece *orgânico* na linguagem é, na realidade, *contingente* e completamente *acidental*.”. (DE MAURO, [1967] 1974, p. 416, tradução nossa¹⁶).

Observemos que até a elaboração do conceito de “diacronia” houve um movimento epistemológico que deslocou os resultados obtidos pelo método histórico para outro lugar. Neste sentido, a diacronia marca um novo momento para os estudos linguísticos: um novo meio de se abordar os elementos. Entre o que está no *CLG* e na nota acima, percebe-se um distanciamento importante que dá indícios de que há variação na teoria saussuriana, no que se refere ao lugar da história. Assim, é preciso considerar um movimento teórico, no qual se percebe novamente uma oscilação:

Como foi dito nas notas autógrafas, pode-se falar <<de anti-historicidade da linguagem>> por um simples estado, na medida onde <<não importa qual a posição dada, ela tem por característica singular estar liberta das antecedentes>> (1484 F Engler): esta é a única ideia que pode ser considerada como saussuriana. Na realidade, nós encontramos nesta passagem do C.L.G. o desenvolvimento posterior da ideia e do sentido total da comparação com jogo de xadrez, compreendendo os termos *mudanças* e *estados* (1489 F Engler). É nesse sentido que o *objeto* da linguística <<pode

¹⁵ Presumimos que essa aula tenha acontecido entre 1891 e 1907 – período compreendido entre o cargo de professor e o 1º Curso de Linguística Geral. (Como assim? Ficou estranho, ele era professor quando deu o PCLG.)

¹⁶ « Dans le C.L.G., *histoire* semble souvent s’opposer à *description* et équivaloir donc à *diachronie*. Certaines réserves apparaissent dans C.L.G. [...] sur la possibilité d’utiliser le terme *histoire*, considéré avec raison comme pouvant faire référence aussi bien à une évolution qu’à un état. En effet, Saussure lui-même avait adopté dans la leçon inaugurale de Genève, *histoire* en un sens bien différent : << Plus on étudie la langue, plus on arrive à se pénétrer de ce fait que tout *dans* la langue est *histoire*, c’est-à-dire qu’elle est un objet d’analyse historique en non d’analyse abstraite, qu’elle se compose de *faits* et non de *lois*, que tout ce qui semble *organique* dans le langage est en réalité *contingent* et complètement *accidental*>>

ser histórico>> (1485 F Engler). (DE MAURO, [1967] 1974, p. 450 tradução nossa¹⁷).

Além da oscilação quanto à compreensão da história na língua, uma nomenclatura diversa da existente é exigida a fim de pontuar que há um novo entendimento para os fatos linguísticos. Estabelecer conceitos distintos para os estados e evoluções se mostrou necessário, pois a concepção de língua não se assemelhava à concepção de outrora. Saussure analisa:

Censurou-se a Gramática clássica por não ser científica; sua base, todavia, é menos criticável, e seu objeto mais bem definido, o que não é o caso da linguística iniciada por Bopp. Essa, colocando-se **em um terreno mal delimitado, não sabe exatamente para que alvo tende**. Está acima de dois domínios, por não **ter sabido distinguir claramente entre os estados e as sucessões**.

Após ter concedido um lugar bastante grande à História, a Linguística voltará ao ponto de vista estático da Gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, **e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento**; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A Gramática antiga via somente o fato sincrônico; **a Linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar as consequências que comporta**. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 124, destaque nosso).

O linguista faz uma crítica ao método anterior pela sua indefinição tanto em relação ao seu objeto de estudo, quanto ao método empregado. Mas, apesar da crítica, Saussure, em momento algum, nega a importância do método histórico, pois reconhece a sua contribuição.

Há, ademais, a afirmação clara, aqui discutida anteriormente, de que surge um novo meio de compreensão dos elementos e essa compreensão somente foi possível graças ao trabalho dos comparatistas.

Ao considerar a língua do ponto de vista do falante, o linguista toma conhecimento de um sistema no qual atualidade e passado se implicam. Deixa-se de considerar uma ou outra realidade e assume-se a dupla constituição teórica e metodológica. Saussure continua:

¹⁷ Comme il est dit dans les notes autographes, on peut parler <<d'anti historicité du langage>> pour un simple état, dans la mesure où <<n'importe quelle position donnée a pour caractère singulier d'être affranchie des antécédents>> (1484 F Engler) : c'est là l'unique idée que l'on ait considérée comme saussurienne. En réalité nous trouvons dans ce passage du C. L. G. de développement ultérieur de l'idée et le sens total de la comparaison avec le jeu d'échecs, comportant à la fois des *changements* et de *états*>> (1489 F Engler). C'est en ce sens que l'*objet* de la linguistique <<peut être historique>> (1485 F Engler).

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, **para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe**: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado **deve fazer *tábula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia**. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. A intervenção da História apenas lhe falsearia o julgamento. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 123, destaque nosso).

Notemos que para ele a língua é um sistema no qual as unidades linguísticas se afetam mutuamente. Além disso, o linguista deve se afastar da posição de historiador, para quem apenas o passado interessa, e colocar-se no lugar do falante.

Assim, o ponto de vista do falante permite que o linguista acesse o sistema e tome conhecimento do estado de língua daquele que fala. E, por isso, exigirá que a diacronia, legitimação do ponto de vista histórico, seja abandonada. As especulações sobre os processos evolutivos perdem espaço e assinalam que a via de acesso à língua é por aquilo que o falante conhece.

“A oposição entre os dois pontos de vista – sincrônico e diacrônico é absoluta e não admite compromissos”. (SAUSSURE [1916] 2012, p. 124). Não há como defender a tentativa de abordar integralmente esse objeto, é preciso fazer a opção entre diacronia e sincronia. Neste sentido, não se limita a concluir que a língua seja analisada pelo passado; nega apenas que não se pode tomar esse objeto simultaneamente pelos dois pontos de vista.

2.5. A separação proposta por Saussure

Como afirmado anteriormente, Saussure precisou se deslocar, deixando o interesse de gramático comparatista para se lançar em uma nova empreitada teórico-metodológica. Para tal, as verdades conhecidas precisaram ser avaliadas e o conduziram a novos questionamentos:

A atitude fundamental de Saussure é que a oposição entre sincronia e diacronia é **uma oposição de “pontos de vista”**; ela tem um caráter metodológico, concerne ao pesquisador e ao seu objeto [...] e não ao **conjunto das coisas das quais o pesquisador se ocupa, sua *matéria***. Um pesquisador se encontra sempre diante de uma época linguística: na qual, Saussure não somente sabe, mas explicitamente diz (e é incrível que ele o tenha esquecido) que “a cada momento ela [a linguagem] implica um sistema estabelecido e uma evolução; a cada momento ela é uma instituição atual e um produto do passado”; e acrescenta: “Parece à primeira vista muito

simples distinguir entre o sistema e sua história, entre aquilo que é e aquilo que foi; na realidade, **a relação que une estas duas coisas é tão estreita que é difícil de separá-las**” [...]. Saussure, acusado de dar indicações vazias, sem jamais se preocupar de procurar sobre como as verificar [...] dirige-se aqui (como, é claro, em outros casos igualmente) para o caminho da realização. (DE MAURO, [1967] 1974, p. 453, tradução nossa, destaque nosso)¹⁸.

O texto comprova que a separação defendida por Saussure atinge única e exclusivamente os métodos, os pontos de vista. Logo, a proposta não discute a abordagem da linguagem - matéria, mas sim na língua - objeto¹⁹. E, quanto à língua, é possível que se admita a impossibilidade de apartar, de forma clara, sistema e história, ou seja, não há um meio de se tomar o objeto com vistas à exclusão da história. A. Como exemplo: “Por conseguinte, um fato diacrônico é um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo; as consequências sincrônicas particulares que dele podem derivar são-lhe totalmente estranhas.” (SAUSSURE [1916], 2012, p. 126). Ou seja, a abordagem empregada determinará os fatos a serem apreendidos na língua e, por isso mesmo, não há como relacionar elementos de outra ordem.

Entretanto, a partir do momento em que estamos cientes de que há a proposta de separação de métodos, a passagem não dá provas de uma exclusão, mas sim dos elementos apreendidos por métodos distintos.

Ao considerar o fato diacrônico como oriundo da abordagem também diacrônica, parece plausível que não haja relação com um fato sincrônico. Estariam em jogo elementos de ordens diferentes, uma vez que seriam obtidos por métodos distintos. Logo, o fato não diria respeito diretamente à língua, mas ao recorte feito no eixo analisado, a saber, no eixo diacrônico ou no eixo sincrônico. Sobre isso, De Mauro ([1967] 1995) verifica:

Saussure, portanto, da mesma forma que **é consciente do aspecto dinâmico das situações linguísticas de certa época, é perfeitamente consciente das consequências que toda mudança tem no plano do sistema.** [...].

¹⁸ L’attitude fondamentale de Saussure est que l’opposition entre synchronie et diachronie est une opposition de <<points de vue>> ; elle a un caractère méthodologique, concerne le chercheur et son *objet* [...] et non l’ensemble des choses dont s’occupe le chercheur, sa *matière*. Un chercheur se trouve toujours face à une époque linguistique : dans celle-ci, Saussure non seulement sait mais encore dit explicitement (et il est incroyable qu’on l’ait oublié) que << à chaque instant il [le langage] implique à la fois un système établi et une évolution ; à chaque moment il est une institution actuelle et un produit du passé>> et il ajoute : <<Il semble à première vue très simple de distinguer entre ce système et son histoire, entre ce qu’il est et ce qu’il a été ; en réalité, le rapport qui unit ces deux choses est si étroit qu’on a peine à les séparer>>[...]. Saussure, accusé de donner des indications vides, sans jamais se préoccuper de chercher comment les vérifier [...] s’est dirigé lui-même ici (comme, bien sûr, dans d’autres cas également) sur le chemin de la réalisation.

¹⁹ Sobre a diferença entre matéria e objeto, ver item 2.2 deste Capítulo.

Do ponto de vista do método de pesquisa e de exposição, não se vê como se pode negar a duplicidade da perspectiva sincrônica e da perspectiva diacrônica [...]. As duas perspectivas metodológicas são consequências rigorosas do conceito de arbitrariedade do signo [...](p. 454, tradução nossa, destaque nosso)²⁰.

Saussure propõe uma nova teoria da língua na qual une ao conhecimento histórico já consagrado, os fatos de ordem sincrônica. É a fundação de uma perspectiva em que o objeto de estudo da Linguística é duplamente constituído: em seu sistema estão em relação fatos do passado e do presente. Além dessa união, a necessidade de separação recai sobre outra questão.

Podemos pensar que Saussure inseriu um contexto que antes era impensável: a constituição do objeto de estudo da Linguística por presente e passado. Sobre a necessidade de se separar de forma clara e objetiva as abordagens da língua, o linguista afirma:

4º – Os fatos pertencentes à série diacrônica são, pelo menos, da mesma ordem dos da série sincrônica? De nenhum modo, pois estabelecemos que as alterações se produzem fora de toda intenção. Ao contrário, o fato de sincronia é sempre significativo: apela sempre para dois termos simultâneos; não é *Gäste* que exprime o plural, e sim a oposição *Gast* : *Gäste*. No fato diacrônico, é justamente o contrário que ocorre: não interessa mais que um termo e para que uma forma nova (*Gäste*) apareça, é necessário que a antiga (*gasti*) lhe ceda o lugar.

Querer reunir na mesma disciplina fatos tão díspares seria, portanto, uma empresa quimérica. Na perspectiva diacrônica, ocupamo-nos com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas, apesar de os condicionarem. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 127, destaque nosso).

Uma vez que cada método requer para si um lado da língua, os fatos são de ordens distintas. . Sobre as diferenças metodológicas, Saussure esclarece:

A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica.

Como as alterações jamais são feitas no bloco do sistema, e sim num ou outro de seus elementos, só podem ser estudadas fora do sistema. Sem dúvida, cada alteração tem sua repercussão no sistema; o fato inicial, porém, afetou um ponto apenas; não há nenhuma relação interna com as consequências que se podem derivar para o conjunto. **Essa diferença de natureza entre termos sucessivos e termos coexistentes, entre fatos parciais e fatos referentes ao sistema, impede de fazer de uns e de outros**

²⁰ Saussure donc de la même façon qu'il est conscient de l'aspect dynamique de situations linguistiques en une certaine époque, est parfaitement conscient des conséquences que tout changement a sur le plan du système. [...]. Du point de vue de la méthode de recherche et d'exposition, on ne voit pas comment l'on peut nier la duplicité de la perspective synchronique et de la perspective diachronique [...]. Les deux perspectives méthodologiques sont rigoureuse conséquence de la notion d'arbitraire du signe [...]

a matéria de uma única ciência. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 128-129, destaque nosso).

De acordo com o linguista, as mudanças não são alheias ao sistema, pois elas acontecem em seus elementos que, por se relacionarem, acabam por alterar o sistema. Enfatiza que as mudanças só podem ser compreendidas fora do sistema posto que elas se encontram no elemento. Para esclarecer em que medida dá-se a separação proposta aos métodos e não aos fatos da língua em si, Saussure mostra o seguinte:

Para mostrar simultaneamente a autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico, pode-se comparar a primeira com a projeção de um corpo sobre um plano. Com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte. Sem isso, não haveria toda uma ciência das projeções; bastaria considerar os corpos em si mesmos. Em Linguística, existe a mesma relação entre a realidade histórica e um estado de língua, que é como a sua projeção num dado momento. Não é estudando os corpos, isto é, os acontecimentos diacrônicos, que se conhecerão os estados sincrônicos, do mesmo modo porque não se terá noção das projeções geométricas por ter-se estudado, ainda que de muito perto, as diversas espécies de corpos.

Assim também, se se cortar transversalmente o tronco de um vegetal, observar-se-á, na superfície da seção, um desenho mais ou menos complicado; não é outra coisa senão a perspectiva das fibras longitudinais, que poderão ser percebidas praticando-se uma seção perpendicular à primeira. Aqui também uma das perspectivas depende da outra: a seção longitudinal nos mostra as fibras que constituem a planta, e a seção transversal o seu grupamento num plano particular; mas a segunda é diferente da primeira, pois permite verificar, entre as fibras, certas conexões que não se poderiam jamais distinguir num plano longitudinal. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 129).

Vemos que o linguista declara que a percepção da língua é criada mediante o ponto de vista escolhido. Neste sentido, o mesmo ocorre com os elementos da língua, pois, se o ponto de vista é o de um linguista historiador, os dados levantados se relacionarão com as evoluções sofridas pela língua. Todavia, se o ponto de vista adotado é o do falante, os dados estarão ligados ao sistema. Porém, apesar de as metodologias não se relacionarem, não implica que os fatos diacrônicos e sincrônicos não estejam presentes na língua, no sistema. Dessa maneira, comprovamos que o ponto de vista cria o objeto, ou seja, será o ponto de vista do linguista que orientará a concepção de língua e, conseqüentemente, o método a ser empregado.

Ainda sobre os métodos e, por consequência, o ponto de vista que o linguista tem ao seu dispor, o linguista assegura:

A oposição entre o diacrônico e o sincrônico se manifesta em todos os pontos.

Por exemplo – e para começar pelo fato mais evidente –, não tem importância igual. **Nesse ponto, está claro que o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro**, pois, **para a massa falante**, ele constitui a verdadeira e única realidade também a constitui para o linguista: se este se coloca na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam. Costuma-se dizer que não há nada mais importante que conhecer a gênese de determinado estado; isso é verdade em certo sentido: as condições que formaram esse estado nos esclarecem acerca de sua verdadeira natureza e nos livram de certas ilusões; mas isso prova justamente que a diacronia não tem seu fim em si mesma. Pode-se dizer dela o que disse do jornalismo: que leva a todas as partes, com a condição de que o abandonemos a tempo. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 132, destaque nosso).

É evidente que o maior destaque dado à sincronia se deve ao conhecimento sobre a língua que está disponível de antemão: será pelo conhecimento do falante que o linguista terá um primeiro contato com seu objeto.

Quanto ao método diacrônico, é preciso salientar que sua escolha oferece ao linguista um retorno aos processos passados, mas não lhe torna acessível a gênese da linguagem como pressupunham teorias anteriores. Ou seja, os métodos apresentam questões de ordens distintas e, dessa forma, tomam para si um lado específico desse objeto. Saussure ([1916] 2012) insiste em pontuar mais de uma vez como as metodologias se constituem distintas, pois implicam uma mudança radical nos estudos linguísticos comprovando o abandono de uma perspectiva da língua como sendo detentora apenas de processos históricos:

Os métodos de cada ordem diferem também, e de dois modos:

- a) **A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam**, e todo o seu método consiste em lhe recolher o testemunho; para saber que medida uma coisa é uma realidade, será necessária e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A Linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que fala o mesmo em sentido contrário; daí um desdobramento do método [...].
- b) Uma segunda diferença resulta dos limites do campo que abrange cada uma das duas disciplinas. **O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua**; na medida em que tal for necessário, a separação irá até os dialetos e subdialetos. No fundo, o termo *sincrônico* não é bastante preciso; deveria ser substituído pela designação – um pouco longa, na verdade – de *idiossincrônico*. Ao contrário, **a Linguística diacrônica não somente não necessita de semelhante especialização, como também a repele; os termos que ela considera não pertencem forçosamente a uma mesma língua [...]**. É justamente a sucessão dos fatos diacrônicos e sua multiplicação espacial que cria a diversidade dos idiomas. Para justificar a aproximação de duas formas, é bastante que elas tenham entre si o vínculo histórico, por mais indireto que seja. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 132-133, destaque nosso).

Afirmar que estamos diante de métodos distintos simplifica demasiadamente as relações envolvidas na compreensão de diacronia e sincronia. O paralelo entre os dois métodos se dá no interior de suas análises.

Os métodos revelam elementos distintos da língua, como demonstra o texto abaixo:

Essas oposições não são as surpreendentes nem as mais profundas: a antinomia radical entre o fato evolutivo e o fato estático tem por consequência fazer com que todas as noções relativas a um ou a outro sejam, na mesma medida, irredutíveis entre si. Não importa qual dessas noções possa servir para demonstrar tal verdade. **Assim é que o “fenômeno” sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento.** (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 132-133, destaque nosso).

De acordo com Saussure, os métodos são distintos. Cada método permite que o linguista aborde um de seus lados, ou seja, ou se opta pelos fatos estáticos, ou pelos fatos evolutivos. Não há como abordar ambos, uma vez que não se pode tomar o objeto integralmente, utilizando-se apenas da Linguística. Assumir a língua como objeto de estudo é, então, abandonar a ideia de integralidade e reconhecer que tal gesto afastará dos estudos linguísticos a atuação de outras ciências.

A proposta saussuriana causou uma reviravolta nos estudos, como podemos notar a seguir:

Dois casos podem apresentar-se:

- a) A verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; **uma das verdades não exclui a outra.** [...] a verdade sincrônica contradiz acaso a verdade diacrônica, e será mister condenar a Gramática tradicional em nome da Gramática histórica? Não, pois isso seria ver a realidade pela metade; não se deve pensar que somente o fato histórico importa e que basta para constituir uma língua. Sem dúvida, do ponto de vista das origens, há duas coisas no particípio *courant*; mas a consciência linguística se aproxima e não reconhece mais que uma: essa verdade é tão absoluta e incontestável quanto a outra.
- b) **A verdade sincrônica concorda de tal modo com a verdade diacrônica que se costuma confundi-las ou julgar supérfluo desdobrá-las.** (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 138-139, destaque nosso).

Segundo Saussure, apesar de falarmos em métodos distintos, não podemos dizer de métodos que se excluem. O que há são propostas de trabalho que não se coadunam, pois pretendem elementos e verdades distintas, mas nem por isso se excluem um do outro.

Essa exclusão não se dá para o falante, pois ele reconhece que a língua, além de ser atual, é também o resultado de um processo de evoluções. A separação extrema corresponde aos fatos que se quer tomar no sistema, já que não é possível estabelecer diacronia e sincronia simultaneamente. Apesar de ter se dedicado mais especificamente à consolidação do método sincrônico, Saussure indicou de que maneira o falante sente as mudanças na língua, uma vez que ele não lhes foi alheio. Quanto a isso, podemos ler:

pode-se acrescentar que *tudo quanto seja diacrônico na língua não é senão pela fala*. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. [...] **Mas todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; elas só entra em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe.**

Um fato de evolução é sempre de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala; isso em nada debilita a distinção estabelecida anteriormente; esta se acha inclusive confirmada, pois na história de toda inovação encontram-se sempre dois momentos distintos: 1º - aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º - aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 141, destaque nosso).

Deduzimos, com base no excerto, que é perceptível que não se nega a mudança da língua, ao contrário, dá-se uma via para que ela ocorra: pela fala, e adverte que, apesar de as inovações ocorrerem na fala, elas merecem atenção quando são incorporadas à língua, quando se integram ao arcabouço social. Sai-se da individualidade para a coletividade. Desse modo, é no seio da comunidade que torna possível compreender as evoluções.

Ainda sobre a dificuldade de se tentar uma abordagem plena da língua e a necessidade de se ter bem delineado o método e objetivo, o genebrino continua:

O ideal seria que cada estudioso se dedicasse a uma ou outra de tais pesquisas e abarcasse o maior número possível de fato nessa ordem; é, porém, muito difícil dominar cientificamente línguas tão diferentes. Por outro lado, cada língua constitui praticamente uma unidade de estudo e **nos obriga, pela força das coisas a considerá-la ora estática, ora historicamente**. Apesar de tudo, não se deve esquecer que, em teoria, tal unidade é superficial, ao passo que a disparidade dos idiomas oculta uma unidade profunda. Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente **necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir métodos**. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 142, destaque nosso).

De acordo com Saussure, na impossibilidade de se tomar simultaneamente a língua pelas duas vias, é preciso que o linguista tenha em mente qual abordagem optará para tecer

sua análise. Segundo o linguista suíço, a língua é uma unidade complexa a qual pode ser abordada por lados distintos e, por isso mesmo, a tentativa de integralidade se torna mal sucedida.

Assim, apesar de, em seu interior, a sincronia coexistir com a diacronia, não se deve analisar despreziosamente a língua. É imprescindível que o método seja claro, com vistas a não abordar de maneira errônea o objeto. É de suma importância delimitar, por sua vez, as abordagens com as quais o linguista pode trabalhar para que ele escolha adequadamente. Devemos ter em mente as consequências envolvidas na escolha de um ou de outro, uma vez que constituem, assim, análises distintas.

Sobre a necessidade de se estabelecer Linguísticas distintas para dar conta dos métodos, analisemos:

As duas partes da Linguística, assim delimitada, vão-se tornar sucessivamente o objeto de nosso estudo.

A *Linguística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A *Linguística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 141-142).

De acordo com o linguista, as duas linguísticas constituem a língua, reafirmando, assim, que a língua é atual e é um processo de evoluções, já que pode ser abordada tanto com vistas ao sistema quanto às modificações de seus elementos. Aqui fica novamente claro que a proposta de separação dada em sua teoria corresponde à separação de métodos, de abordagens.

É o marco que assinala o abandono de questões estritamente gramaticais ou históricas. Não interessa saber em que medida as línguas se aproximam e em que medida a evolução as afastou, pois, a nova definição de língua permite compreendê-la como sendo constituída de fatos evolutivos e estáticos.

A publicação do *CLG* traz inúmeras alterações, pois abala os conceitos já estabelecidos, tendo em vista uma nova abordagem e a introdução de novos conceitos. É uma obra que registra a inserção de um novo momento para a Linguística, no qual o deslocamento do ponto de vista leva a outras consequências, as quais foram sentidas tanto na concepção de língua quanto no método adotado.

Podemos afirmar que, até então, o fazer do linguista foi orientado por uma perspectiva que exigia dele a abstração de seu lugar na língua. Ou seja, para o sucesso em seu trabalho

como investigador dos fenômenos passados, seria necessário ignorar que ele, enquanto falante, relacionava-se com a língua. Pode-se dizer, então, que ele deveria estar “fora” da língua para conseguir analisar os elementos de maneira bem-sucedida.

O *Curso* inaugura, formaliza e consolida um novo olhar para a língua: o olhar do falante. Essa nova característica dá início a profundas implicações e mudanças, pois acaba por oferecer uma nova interpretação tanto ao trabalho do linguista quanto ao próprio objeto de estudo. Anteriormente, buscou-se compreender os processos sofridos pela língua e, com Saussure, tenta-se compreender qual o funcionamento dela, de que maneira o sistema se organiza. Se antes a língua fora vista como resultado de processos anteriores, ela passa a ser vista como um sistema organizado, no qual suas partes se relacionam.

CAPÍTULO 3 – Diacronia e sincronia no *CLG*: a leitura de Câmara Jr.

A publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, como visto anteriormente, foi um acontecimento essencial para a Linguística, pois acarretou mudanças significativas tanto no que concerne ao fazer do linguista quanto à compreensão do objeto de estudo. Ferdinand de Saussure cria uma teoria da língua que ao determinar o objeto de estudo da Linguística consolida a abordagem sincrônica que ao lado da abordagem diacrônica constituíram duas vertentes de se analisar os elementos linguísticos. Tais mudanças desconstruíram os saberes herdados, ao questionarem as verdades obtidas pelo método exclusivamente histórico, quer sobre a percepção do objeto de estudo - a língua, quer sobre os seus elementos. Dessa forma, o que antes era um auxílio para a pesquisa histórica, tornou-se outra possibilidade de se compreender os fatos linguísticos.

Próximo à comemoração do centenário de publicação do *Curso*, as atenções se voltam mais fortemente tanto para as questões sobre a teoria de Ferdinand de Saussure quanto para a leitura feita de seu texto, já que novos textos surgem e incitam questionamentos diversos. Sobre estes, De Lemos descreve:

quando se pergunta onde está o verdadeiro Saussure, arma-se uma oposição. De um lado, o *Curso de Linguística Geral* que os discípulos Bally e Sechehaye reconstituíram a partir de alguns manuscritos do mestre e anotações de aulas de alunos dos cursos dados por ele, na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1910. De outro, a coleção de manuscritos acessíveis aos editores, a que se vieram juntar os manuscritos descobertos em 1996, cujo texto foi estabelecido é editado por Bouquet e Engler, cuja publicação sob o título de *Écrits de linguistique générale* se deu em 2002. (DE LEMOS apud SILVEIRA, 2007, p. 12).

A oposição citada acima trata, na verdade, da pluralidade de leitura e compreensão do constructo teórico do genebrino. Vemos que, primeiramente, tínhamos acesso apenas à publicação de 1916, e, aos poucos, outros textos nos são acessíveis e permitem outro olhar sobre o trabalho de Saussure. Consideremos também que a recepção do *CLG*, à medida que os novos textos surgem, tende a ser reinterpretada.

Os novos conceitos do *Curso* tiveram e têm recepções diversas, demarcadas pela pluralidade de leitura e entendimento do posicionamento de Saussure. Porém, o objetivo

primordial de nossa análise é o de trabalhar com um conceito que, *a priori*, era ausente em outras teorias e que foi determinante para a consolidação da Linguística e de seu objeto de estudo: a diacronia. Como já colocado, a recepção do *Curso* é diversa e numerosa, e, por isso, um recorte se fez necessário para que pudéssemos analisar como tais conceitos foram lidos no Brasil. Assim, escolhemos acompanhar, analisar e refletir sobre a leitura feita por Joaquim Mattoso Câmara Junior, uma vez que seus estudos são referência a respeito do início e o desenvolvimento de uma linguística verdadeiramente brasileira.

Câmara Jr. fora tão importante que pode ser considerado, como ressalta De Lemos et al. (2003), “o pai da linguística no Brasil, porque introduziu a abordagem estrutural/sincrônica no país e porque fez a primeira descrição fonêmica do português brasileiro” (DE LEMOS et al., 2003, p. 170, tradução nossa)²¹.

Apesar de ser bacharel em direito e arquiteto, o interesse pelos estudos sobre a língua o aproximou da educação em 1928, quando foi professor em escolas secundárias. Suas preocupações se deram tanto com relação ao ensino, quanto com questões sobre a língua vernácula. Sobre a diversidade de atuação de Câmara Jr., Altman (2004) verifica:

Originalmente formado em arquitetura e direito, nos trinta anos da sua produtiva carreira (mais do que trinta, se computarmos também suas atividades nas escolas secundárias do Rio de Janeiro desde 1928), Mattoso Câmara escreveu muitos livros, alguns publicados postumamente, com base nos manuscritos e anotações que preparara para as aulas e conferências que proferiu no Brasil e em alguns outros países. Suas publicações revelam o largo espectro do seu interesse linguístico que ia desde a linguística geral [...]; linguística descritiva [...]; estilística [...], que, para ele, era um ramo da linguística estrutural; até as línguas indígenas brasileiras [...] e a história da linguística. (ALTMAN, 2004, p. 133).

Vemos que, para a autora, o interesse de Câmara Jr. pelo português brasileiro foi plural, e se comprova pelo movimento de sua produção científica: parte de um estudo geral para o particular, tendo início pelas teorias da Linguística e, pouco a pouco, se dirigindo à compreensão e descrição da língua portuguesa.

Para melhor abranger o contexto no qual a produção científica brasileira passava quando das publicações de Câmara Jr., se faz pertinente oferecer um breve panorama da Linguística no Brasil, uma vez que permitirá que reconheçamos o cenário anterior ao linguista brasileiro, bem como as correntes teóricas que dividiam espaço.

²¹ “[...]le père de la linguistique au Brésil, parce qu'il a introduit l'approche structurelle/synchronique dans le pays et parce qu'il a fait la première description phonémique du portugais brésilien.

Os estudos da língua portuguesa no século XIX ainda não estavam voltados para aspectos da Linguística, como Orlandi nos esclarece:

[...] é inegável, é inestimável, do ponto de vista da sociedade brasileira, o papel importante, que no século XIX, os gramáticos desempenharam. Entre outros, articulando a produção do saber metalinguístico à constituição da língua nacional no Brasil. [...]

O autor de gramática no Brasil no século XIX tem uma posição de saber que não é simples reprodução do saber linguístico português. A independência [...] dá forma à relação dos brasileiros com sua língua, forma que se explicita no como eles mostram que a sabem, do ponto de vista institucional. A gramática torna-se assim o lugar de visibilidade desse saber linguístico que pertence à sociedade brasileira como um todo. (2013, p. 215)

De acordo com a autora, a gramática tem um papel essencial para o estudo da língua portuguesa, pois assinala o momento em que não se dá a simples reprodução de saber a partir de uma língua advinda da metrópole, mas sim uma produção voltada ao português brasileiro, nacional. Ou seja, a gramática possibilita que o português brasileiro seja certificado como língua, assim como o Brasil estava sendo consolidado como nação. Há, neste sentido, um reflexo do momento político na constituição da nossa língua, quer como língua nacional, quer como objeto de estudo. Tomar para si o português brasileiro como objeto para o qual os estudiosos publicarão as gramáticas representa, dessa forma, a afirmação da nacionalidade.

Neste aspecto, Orlandi afirma:

No século XIX, momento de ruptura com a filiação portuguesa e de estabelecimento das bases para a produção das gramáticas brasileiras, os gramáticos asseguram nossa identidade linguística, nacional e afirmam nossa identidade de cidadão na sociedade brasileira. (2013, p. 216)

A síntese feita pela autora mostra que a produção gramatical brasileira no século XIX representa mais do que a tentativa de estabelecer e regulamentar as regras, sinaliza a legitimação nacional.

No entanto, passado esse momento de necessidade da consolidação da nação brasileira, a Linguística surge para responder às questões mais científicas da língua. Orlandi nos explica:

Após a imposição da NGB, por decreto, a Linguística adquire prestígio (científico) perante a Gramática. Com a elaboração de sua metalinguagem, a Linguística produz um efeito – no plano do conhecimento da língua – sobre a Gramática tal como era concebida no século XIX. A Gramática – via esforço da NGB imposta por um decreto de Estado – persiste no entanto no ensino escolar, produzindo efeitos sobre o conhecimento da língua ao lado

do conhecimento linguístico e de sua metalinguagem. O fato dessa convivência é fundamental.

Há, pois, uma ambivalência que se mantém entre a Gramática e a Linguística. As duas são respostas próprias ao jogo complexo da relação unidade/ diversidade da língua: a da Linguística – com a objetividade científica da língua em sua unicidade – e a da gramática –, imposição escolar de uma norma linguística gramatical. (2013, p. 218)

Pelo exposto acima, identificamos que a Linguística²² vem a acrescentar cientificidade aos estudos linguísticos, pois seus questionamentos não tocam diretamente na consolidação da língua nacional enquanto conjunto de regras diverso do português lusitano. Neste sentido, a Gramática que, num primeiro momento foi significativa para se unificar o nacionalismo na língua, agora ficará restrita ao ambiente escolar, ao passo que à Linguística caberá o caráter mais científico do estudo linguístico.

Novamente vemos um movimento no qual a produção linguística deixa de ser um saber estritamente gramatical com vistas à unificação e instituição de um sentimento nacional, e passa a buscar maior rigor e cientificidade por meio de outra ciência.

Entretanto, para se pensar a produção científica no século XX no Brasil, não se pode desconsiderar a contribuição de outras áreas além da Linguística, já que foram representativas. Observemos a passagem seguinte:

Na organização do saber, há duas disciplinas que estão ligadas ao desenvolvimento do ensino da gramática na universidade: a) a Filologia (românica e portuguesa) e b) a Linguística.

Na história do ensino universitário brasileiro, em São Paulo, a Linguística teve sua origem ligada à Filologia Românica – que desenvolvia também estudos de Linguística Indo-Europeia – enquanto a Filologia Portuguesa acolhia os estudos de gramática da Língua Portuguesa. (ORLANDI, 2013, p. 219).

Antes de se falar de uma produção linguística verdadeiramente brasileira, devemos rever o papel que a Filologia quer de filiação românica ou portuguesa teve no país, posto que possibilitaram a introdução dos estudos das línguas. Fica claro, ademais, que eram estudos com objetos não nacionais, ou seja, pretendiam analisar e compreender outras línguas que não o português brasileiro.

Porém, apesar de a Linguística conquistar cada vez mais espaço no panorama científico brasileiro, a Filologia ainda é representativa, como descreve Orlandi :

²² A Norma Gramatical Brasileira foi determinada entre 1957/1958, e somente após esse período é que a Linguística ganha mais espaço enquanto ciência a estudar a língua, uma vez que pode oferecer mais cientificidade aos estudos feitos. (ORLANDI, 2003).

A Filologia desempenha assim um papel mediador e contraditório. Mesmo se, a partir dos anos 1950, o estruturalismo linguístico – refiro-me aqui aos *Princípios de linguística geral*, de Mattoso Câmara, publicado em 1942 e reeditado em 1954, ou seu *Estrutura da língua portuguesa*, publicado em 1970 – abre a via para a gramática descritiva e, em termos de metalinguagem e de cientificidade, cauciona o conhecimento gramatical no sistema escolar, é no entanto, a Filologia Portuguesa que dá sustentação teórica para a inscrição da gramática da língua portuguesa no quadro das disciplinas universitárias. (2013, p. 220-221)

Assim, a Filologia que se torna a responsável por alocar a gramática no ensino escolar, se transforma, ainda, em responsável por introduzir a gramática no ensino universitário. Os pressupostos teóricos filológicos permitirão tanto o estabelecimento e ensino da língua nacional, quanto o estudo universitário do funcionamento dessa língua a partir de suas unidades. É o momento em que a Filologia estratifica a gramática na escola e também a insere no ensino superior.

Após a delimitação do ensino gramatical à escola, a Linguística pode germinar em solo nacional e assim, começar a contribuir cientificamente para a produção de saber dos brasileiros.

É preciso ainda destacar o fato de que, como explicitado, tanto a Filologia quanto a Linguística em um primeiro momento se fizeram presentes nas universidades brasileiras com conteúdo voltado à produção estrangeira, tanto para estudo das línguas românicas, indo-europeias ou mesmo da língua portuguesa. Filologia e Linguística estavam presas ao saber produzido fora do país.

Será então, em meio a essas questões nas quais estão em jogo desde uma postura mais rigorosa – pela Linguística, em detrimento de um estudo que em seu âmago pretende consolidar a língua nacional – pela Gramática, que Câmara Jr. dedicar-se-á ao português brasileiro.

Após um período de estudo dos princípios introdutórios da Linguística, Câmara Jr. conseguiu transpô-los para sua língua. E, assim, deu o pontapé inicial para que, ao se falar de linguística no país, se falasse de uma ciência com vistas ao português. Esse gesto pioneiro do linguista brasileiro desencadeou o desenvolvimento de uma linguística brasileira.

Dessa forma, dada a singularidade da obra de Câmara Jr., acompanhamos cronologicamente algumas publicações para o nosso estudo. Orientar-nos-emos pela cronologia estabelecida na obra *Dispersos*, primeiramente publicada em 1972 (2004), de organização de Uchôa (2004).

3.1. O período de 1938 a 1952: leitura antropológica da Linguística

O contato de Câmara Jr. com o ensino teve início em 1928, em escolas secundárias, e somente em 1938 se dedicou ao ensino da Linguística, na Universidade do Distrito Federal. Nesse período de docência, conseguiu compilar o conteúdo de suas aulas e publicar, em 1942, a primeira edição de **Princípios de Linguística Geral**. (RODRIGUES, 2005).

Essa obra foi publicada com o subtítulo “Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa”, e consiste em uma apresentação dos princípios que orientam os estudos linguísticos, de acordo com a concepção do linguista brasileiro e, por isso mesmo, procura explicar o que seja língua e linguística. Entretanto, esses conceitos estão estritamente ligados à definição de cultura, como se faz notar na seguinte passagem:

Assim, a língua, em face do resto da cultura, é – 1) o seu resultado, súmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: **só existe para tanto**. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações. Tudo isto opõe a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e torna necessária **uma ciência independente para estudá-la – a LINGUÍSTICA**, distinta da ANTROPOLOGIA CULTURAL ou ETNOLOGIA, que estuda todas as outras manifestações culturais. Admite-se, entretanto, um estudo intermediário, que trata das relações entre a linguística e a etnologia e é chamada pelos norte-americanos de ETNOLINGUÍSTICA. (CÂMARA JR., [1942] 1974, p. 22, destaque nosso).

Na concepção de língua, acima, pode-se concluir que a apreensão dos fenômenos linguísticos se dá por meio da cultura, ou seja, pensar a língua é pensar sua função para a manutenção e perpetuação de uma cultura. A língua tem como objetivo precípuo dar suporte à cultura de um povo, transmitindo-a. Neste sentido, o trabalho do linguista está ligado diretamente ao trabalho do etnólogo. Compreender a língua e a linguagem é compreender a cultura.

Assim, surge um movimento teórico de ampla importância, pois é possível pontuar a forte relação com a perspectiva antropológica da linguagem que, em certa medida, mostra-se ineficaz para o estudo da língua e, por isso, traz à tona a necessidade de uma ciência própria, sem vínculo com a cultura. Neste aspecto a Linguística vem responder às questões relacionadas à língua enquanto sistema e seu funcionamento.

Essa concepção sobre a língua nos apresenta um objeto que difere do objeto apresentado por Saussure – totalmente independente que poderia ser estudado por si mesmo.

Tal concepção de língua pode ser confirmada pela publicação, em 1944, de uma comunicação feita em 1943, na Sociedade Brasileira de Antropologia, cujo conteúdo é o seguinte:

Já aqui, entretanto, **ressalta a importância da linguística, como instrumento de trabalho para o etnólogo.**

[...]

Ascendamos daqui para um debate mais ambicioso sobre **as relações teóricas entre as duas disciplinas.**

A linguística tem por escopo declarado a linguagem humana. Como a linguagem serve para a manifestação dos nossos estados mentais ocorrentes e esteia a marcha dos nossos raciocínios, ainda quando aparentemente silenciosos, afigurar-se-ia, talvez à primeira vista, que a linguística é uma ciência psicológica e pouco, ou nada, tem que ver com o estudo das culturas.

[...]

Essa ciência, assim proclamada por um dos mestres da psicologia contemporânea, **nos mostra a linguagem como um conjunto de símbolos tradicionais, comuns a toda sociedade, de sorte que a atividade glótica do indivíduo tem sempre cunho social.** Cada homem que fala, rege-se por um **sistema de sons, formas e de significação e ordenação de formas**, que ele hauriu da sociedade em que vive e que nesta se transmite através das gerações como uma tradição de cultura, à maneira dos processos de plantar ou de fabricar vasos. Vista desse ângulo, a língua surge-nos com o caráter do que se chama em etnologia *uma arte coletiva*. O seu estudo pode colocar-se ao lado das outras **instituições sociais**, e a **linguística assume a aparência de uma seção da etnologia.** (CÂMARA JR., ([1943] 1944, p. 28-30 – destaque nosso)

Observemos que, para o autor, a linguística está à disposição da etnologia, já que para ele a linguagem enquanto objeto da linguística é um conjunto de símbolos tradicionais e, por conseguinte, ao ser analisada, permitiria compreender questões ligadas à cultura. Há dois pontos que precisam ser comentados: num primeiro momento, em 1942, o brasileiro afirma que a língua requer uma ciência autônoma para poder ser estudada, e esta ciência seria a Linguística; em 1943, a Linguística, de acordo com o brasileiro, se ocuparia da linguagem que por ser um “conjunto de símbolos” oferecia um meio de entender o funcional cultural.

Apreendemos que a orientação antropológica continua; há, no entanto, uma alteração quanto ao papel da Linguística e da língua, pois aquela fora concebida como ciência moderna e agora é uma auxiliar, mas esta fora pensada como sendo a responsável pela perpetuação cultural; agora cabe à linguagem enquanto conjunto de símbolos dar acesso às informações culturais.

Notamos, ainda, na citação acima, que Câmara Jr. dá ênfase à questão de sistema e estrutura: “**sistema de sons, formas e de significação e ordenação de formas**”. A noção de estrutura presente no texto é um notório avanço em relação a outros estudiosos da época. Como admite Uchoa (2004), “O discurso de Mattoso Câmara sobre a linguagem distinguia-se

também do de seus contemporâneos por divulgar um referencial teórico novo entre nós: o estruturalismo”. (UCHOA, 2004, p. 3). O estruturalismo deste momento está, porém, sustentado pela questão cultural, confirmando a visão de que não existe para a língua outra forma que não seja a de ser lida pelas vias culturais de um povo.

No seguinte trecho, constatamos que o objeto de estudo da Linguística no texto de Câmara Jr. está distante do que Saussure concebe:

Mas o que é a língua? Para nós, ela **não se confunde com a linguagem**; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um **conjunto de convenções necessárias** adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, **a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica**, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixar classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, pois **não se sabe como inferir sua unidade**. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, [1916], 2012, p. 41 – destaque nosso).

Para o genebrino, a linguagem não pode ser estudada por sua complexidade enquanto objeto de várias áreas, ao contrário do que acontece com a língua. Assim, não há como tomar língua pela linguagem ou vice-versa, pois a língua é uma parte menor da linguagem e passível de classificação. Dessa forma, outras áreas de conhecimento não privilegiam o estudo da língua, assim como a Linguística – ciência autônoma – cuida de compreender os fenômenos linguísticos.

Destacamos, assim, em que medida a concepção de Câmara Jr. se distancia da concepção de Saussure tanto no que se refere à independência da Linguística quanto ao objeto de estudo dessa ciência. Confirmamos também a forte presença da Antropologia no texto do brasileiro, que determina a concepção de Linguística e de seu objeto.

Verificamos, ainda, de que maneira Linguística, língua e linguagem são entendidas pelo linguista brasileiro, entre outras reflexões. Para isso, voltaremos à obra de 1942, com o livro *Princípios*, em que afirma:

Hoje, reconhece-se, porém, que **a fixidez aparente** da língua, uma REALIDADE SOCIAL, é que permite operar nos grupos humanos, como meio essencial de comunicação e esteio de toda a vida mental – individual e coletiva. [...]
Impõe-se, portanto, também a necessidade paralela **de estudar por si mesmos os ESTADOS LINGUÍSTICOS**, isto é, o sistema da língua como se apresenta em cada momento da sua história em sua fixidez aparente. É o

que se ressalta hoje decisivamente, dividindo-se a linguística em dinâmica e estática, ou melhor, segundo as denominações de Saussure, em LINGUÍSTICA SINCRÔNICA e LINGUÍSTICA DIACRÔNICA.

Na sua contribuição decisiva para o estabelecimento da consolidação do estudo sincrônico, compara o mestre suíço cada estado linguístico a um tabuleiro de xadrez em cada fase instantânea que se segue a uma jogada e precede a jogada seguinte [...]. A correlação sincrônica das pedras, produzida embora pelas fases anteriores do jogo e em via de modificação, vale, não obstante, por si, e **oferece-se ao estudo isoladamente**. (CÂMARA JR., ([1942] 1974, p. 39-40 – destaque nosso)

Para Câmara Jr., a suposta fixidez da língua é o sustentáculo de toda a organização social, pois por ela a cultura será transmitida via língua aos grupos sociais. Será ainda por essa fixidez parcial que se conseguirá estudar os estados linguísticos, ou seja, alguns momentos da língua. E, para ressaltar de que maneira a possibilidade de se compreender a língua a partir da impressão de paralisação no tempo, são trazidos os conceitos de linguística diacrônica e sincrônica.

Quanto a estes conceitos, o texto acima salienta que Saussure definiu a sincronia enquanto método de abordagem dos fatos linguísticos e, dessa forma, concluímos que, para o brasileiro, a sincronia já era desenvolvida antes do genebrino que a legitimou. Para explicar a relação entre a linguística sincrônica e a linguística diacrônica é feita menção à metáfora do xadrez para destacar a probabilidade de se estudar isoladamente os elementos em sincronia. Para defender seu ponto de vista, o brasileiro recorre a exemplos da própria língua:

Em linguística sincrônica, a raiz só pode ser o *núcleo* do vocábulo, a um tempo semântico e formal. Em outros termos, cada vocábulo apresenta em dado estado linguístico uma raiz, que não depende das que teve em estados anteriores. (CÂMARA JR., ([1942] 1974, p. 41).

Segundo o autor, o elemento a ser analisado poderia ser somente a raiz, uma vez que pode ser compreendida à parte das modificações que outros termos podem sofrer. Dessa forma, as mudanças pelas quais os elementos sofrem devem ser desconsideradas quando se trabalha com a abordagem sincrônica.

Princípios (1942) oferece pontos importantes sobre a recepção de Câmara Jr. para com a teoria saussuriana e, além de ser um dos manuais pioneiros de linguística em língua portuguesa, apresenta detalhes que o fazem deveras relevante, como descreve Altman (2003):

Mattoso **não propôs**, nos *Princípios*, **uma teoria própria**, ao contrário, inaugurou uma prática que traria importantes consequências para as gerações que o sucederam, que consistia **em derivar a ideias linguísticas** da Europa e dos Estados Unidos e aplicá-las na descrição do Português. (Altman, 2003, p. 102, destaque nosso).

Para a autora, Câmara Jr. conseguiu aplicar o constructo teórico europeu e americano à língua portuguesa. Assim, o brasileiro introduz a Linguística ao estudo de sua língua, iniciando a leitura de conceitos herdados de teorias estrangeiras. Tem-se o início de uma linguística brasileira. E, sobre esse despontar, Altman analisa:

Com efeito, o encontro de Jakobson e Mattoso Câmara em Nova Iorque no início de 1940 levou Mattoso a **aderir à análise sincrônica**, com a qual ele tinha tomado contato anteriormente através da leitura do *Cours* (1916) de Saussure, da *Language* (1921) de Sapir e de *Die phonologischen Vokalsysteme* (1929) de Trubetzkoy, textos a que frequentemente se referia nas aulas sobre linguística estática que deu no Rio de Janeiro em 1938 [...]. Publicadas em série pela *Revista da Cultura*, essas aulas foram publicadas em livro em 1941 sob o título de *Princípios de Linguística Geral com Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa*, **o primeiro manual de ‘linguística moderna’ escrito em português, pelo menos até os anos 60 [...]**. (ALTMAN, 2004, p. 131, destaque nosso).

A autora nos mostra que o contato com estudiosos estrangeiros permitiu a Câmara Jr. iniciar um movimento novo no cenário brasileiro que o aproximou da perspectiva sincrônica. Antes de ter contato com expoentes dos estudos linguísticos, em 1940, o brasileiro já utilizava em suas aulas textos-referência. Mas, vemos que apesar de já conhecer teorias representativas, a leitura feita por Câmara Jr. está orientada pela Antropologia, como revelam os trechos selecionados das obras de 1942 e 1943.

Após sua estada em Nova Iorque, em 1940, o brasileiro retorna e dá prosseguimento aos seus estudos: uma pesquisa de cunho fonológico que, em 1949, permitiu-lhe obter o título de Doutor. Em 1953, publicou a obra *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* a partir de sua tese de doutoramento. Para a organização do livro, algumas adaptações se fizeram necessárias, como o próprio autor assegura:

Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa foi a tese com que obtive o grau de “Doutor em Letras Clássicas” na Faculdade Nacional de Filosofia em 1949. Apresentei à Faculdade 5 exemplares datilografados, apenas. Mais tarde, publiquei no *Boletim de Filologia* (ed. Dois Mundos, Rio), nos números 9 e 10 respectivamente, o terceiro capítulo *Os fonemas em português* que era a parte final e essencial da tese, e o primeiro capítulo introdutório sobre *Fonética e Fonêmica*. Ambos despertaram algum interesse aqui e no estrangeiro, sendo que *Os fonemas em português* mereceram resenha de Paul Garvin em *Studies in Linguistics*, SIL (vol. 8, nº 4) e de Helmut Ludke no *Boletim de Filologia*, de Lisboa (XII-353), além de uma carta crítica de Antenor Nascentes. Julguei assim de bom alvitre aceitar o convite da ORGANIZAÇÃO SIMÕES para reuni-los em volume, o que aqui faço numa edição revista e um pouco ampliada. Deixei de lado o segundo capítulo sobre *Os estudos fonéticos em português*, que versava matéria marginal e talvez

excescente. Em compensação, ajuntei, como um terceiro capítulo, um estudo sobre *A Rima na Poesia Brasileira*, remodelando ligeiramente a tese inédita que apresentei pela *Academia Brasileira de Letras* em homenagem ao centenário de Rui Barbosa, porque esse trabalho é uma amostra das pesquisas que se podem fazer nas diretrizes dos princípios fonêmicos. (CAMARA JR, ([1953] 2008, p.7, destaques do autor)

O próprio autor reconhece a importância de sua obra, uma vez que é a primeira a voltar-se à compreensão profunda dos fenômenos fonéticos do português. Seu trabalho tornou possível aplicar e demonstrar o funcionamento do sistema linguístico da língua portuguesa com base nas teorias disponíveis naquela época.

Apesar de o objetivo da obra ser o de apresentar a estrutura fonética brasileira, Câmara Jr. consegue discutir a teoria saussuriana:

Saussure quis, no âmbito dos sons, prolongar a **dicotomia** da linguística sincrônica e da linguística diacrônica, que é uma das linhas mestras de sua **renovação doutrinária**. Ai já encontrou, entretanto, uma tradição de estudos descritivos, estabelecida pelo movimento foneticista que nos fins do século passado se criou à margem da linguística histórico-comparativa, e que teve em Sievers um dos seus orientadores; e não é de admirar, portanto, que o mestre genebrino se **limitasse a encampar essa tradição, opondo-se ao conceito de fonética histórica**, que ao contrário situou no campo diacrônico. Apenas divergiu de Sievers numa questão de nomenclatura. (CÂMARA JR, ([1953] 2008, p. 15, destaque nosso)

Para Câmara Jr., Saussure, ao propor duas linguísticas, faz uma separação, criando um par de oposições. A sincronia é consolidada e se opõe à herança da gramática-comparada, porém não se pode falar de completa inovação porque os foneticistas já haviam dado o primeiro passo em direção à sincronia. É possível reconhecer um movimento quanto à leitura do linguista brasileiro: em seu primeiro livro, ele explicita a consolidação da abordagem sincrônica pelo genebrino como resposta a uma necessidade; já na publicação posterior ao seu retorno, a abordagem sincrônica é tida como um lado oposto à abordagem diacrônica. Vemos, dessa forma, um deslocamento: parte-se de uma leitura defensora de abordagens independentes para uma leitura que defende a existência de abordagens opostas.

Sobre a sincronia, o linguista brasileiro nos dá outra oportunidade de compreender sua interpretação:

A linguística era, por seu lado, mantida num **plano unicamente histórico**, relegando de si os estudos estáticos; a fisiologia dos sons vocais, ou **fonética descritiva**, vinha como um **instrumento de trabalho** para a fonética histórica, ou elaboração das leis fonéticas, enquadrada – esta, sim – na linguística.

É o que ainda transparece no que, como já vimos, diz a propósito de Saussure.

O próprio Saussure é que mostrou, não obstante, **existir uma ciência linguística descritiva ou estática, em contraste com a evolução das línguas**. Distribuiu-as nos dois simbólicos eixos das simultaneidades e das sucessividades, denominando-as respectivamente de *linguística diacrônica* e *linguística sincrônica*. Deste novo ponto de vista, evidenciou-se melhor o que havia de incompleto e insatisfatório no critério dos foneticistas. (CÂMARA JR, ([1953] 2008, p. 21, destaque nosso)

De acordo com a leitura acima, Saussure deu forma e lugar à sincronia enquanto uma abordagem metodológica, mas não foi o responsável pela sua inserção nos estudos linguísticos. Nas duas obras, de 1938 e 1952, seguimos tanto a trajetória científica de Câmara Jr., como também a leitura feita sobre os conceitos saussurianos de diacronia e sincronia. Em *Princípios*, o linguista brasileiro simplesmente apresentou os conceitos de diacronia pela metáfora do xadrez; na segunda obra, ele explicitou esses conceitos de maneira mais detalhada, segundo a abordagem fonética em que estava inserido. Ademais, devemos pontuar que em ambas as obras há a presença de reflexões sobre o funcionamento da teoria linguística no português, mesmo que, somente na segunda, o objetivo seja claramente a compreensão da língua portuguesa.

3.2. Após 1952: leitura linguística

Em 1952, Câmara Jr. obtém o título de livre-docente com a tese *Contribuição à Estilística Portuguesa*, que, em 1953, seria publicada como livro. (ALTMAN, 2003). Tal obra foi um marco para a linguística brasileira, como destaca Uchôa, na apresentação da respectiva obra:

Tendo como uma de suas diretrizes reeditar algumas obras de maior mérito da linguística e filologia brasileira, não poderia a coleção de Ao Livro Técnico deixar de contar no seu elenco com trabalhos do Professor Joaquim Mattoso Câmara Jr., realmente um marco na história dos estudos linguísticos em língua portuguesa, pioneiro que foi da orientação estruturalista no Brasil e Portugal.

[...]

Contribuição à Estilística Portuguesa divide-se em duas partes. A primeira - *O Conceito da Estilística* - é uma breve síntese histórico-crítica das principais correntes estilísticas da primeira metade do século XX. Na segunda - *Aspectos da Estilística Portuguesa* - o autor procura aplicar o que ele considera “a base verdadeiramente sólida da estilística” a

aspectos fônicos, léxicos e sintáticos da língua portuguesa (UCHÔA, 1977 apud CÂMARA JR., [1953] 1978, p. III).

Segundo o autor, um fator se mostra representativo no desenvolvimento teórico de Câmara Jr.: seus estudos se voltam cada vez mais à língua portuguesa por intermédio das teorias conhecidas. Há um movimento no qual o brasileiro a partir das leituras feitas de autores estrangeiros consegue aplicar os conceitos apreendidos à língua portuguesa.

À medida que o interesse pela linguística geral se torna mais presente, o linguista procura discutir outro ponto importante: a linguagem. Neste aspecto, o brasileiro assegura:

A psicologia individual, a biologia, a física acústica, a psicologia coletiva, a sociologia solicitam a linguagem para o seu campo de interesses, e o estudioso que procura isolá-la como tema, parece encontrar-se apenas diante de duas soluções opostas, mas igualmente negativas: confinar-se numa das ciências, que vimos assim abarcarem a linguagem; ou situar-se de maneira a abranger a todas, multiplicando, como um ator experimentado, a personalidade científica. Soluções negativas - evidentemente -, porque de uma ou de outra não é que haveria de resultar uma ciência autônoma. (CÂMARA JR., [1953] 1978, p. 3).

No entender do linguista brasileiro, a linguagem permite que várias ciências a tomem como seu objeto, sendo ainda de difícil definição – ponto de vista que se aproxima ao de Saussure²³. Torna-se, portanto, para o linguista, uma impossibilidade compreender todos os fenômenos da linguagem, pois, apesar de poder ser tomada por várias abordagens, nenhuma delas oferece uma definição clara do que seja.

Tendo em vista que o objetivo de *Contribuição* é o de analisar a questão do estilo, Câmara Jr. destaca de que maneira o interesse pela compreensão da linguagem perde lugar, e os estudos voltam-se para a língua:

Foi justamente o embaraço que mais agudamente preocupou Ferdinand de Saussure. Para dirimi-lo, concentrou-se **conscientemente no produto**, como intuitivamente já fizera a gramática, distribuindo-o em assunto de estudo estático e assunto de estudo histórico. Denominou-o tecnicamente a língua (fr. *la langue*), **com que apenas consolidou e apurou o alcance de um termo vulgar**. Opôs-lhe concomitantemente a fala - ou, segundo sugeri há tempo e tem sido usado entre nós, o discurso (fr. *la parole*), como um campo complexo e confuso à margem da linguística. (CÂMARA JR., [1953] 1978, p. 8-9, destaque nosso).

Na interpretação do linguista brasileiro, o genebrino toma para si uma das partes da linguagem e procura decompô-la, chegando ao estudo diacrônico e estudo sincrônico. Há aqui

²³ Para mais veja página 41

uma simplificação do que realmente envolve o trabalho com a língua ao afirmar que o *CLG* consolida um termo. Novamente a teoria saussuriana é interpretada como o decreto dedado pela inserção do termo língua.

Nessa concepção, falar em língua e fala não constitui uma novidade iniciada por Saussure. A novidade inaugurada por ele se dá na mudança na atenção do linguista que se volta ao produto social como objeto de estudo - a língua. Com o objeto de estudo definido, o genebrino estabelece a separação entre linguística estática e linguística evolutiva - abordagens possíveis.

A novidade, sobretudo, está no modo em que tais termos foram definidos na teoria saussuriana: a língua pertence ao saber coletivo; já a fala pertence ao saber individual da língua. Conceber a língua dessa maneira vai de encontro ao que Saussure propôs sobre o ponto de vista do linguista: para o falante é de fácil reconhecimento a língua e a fala.

Dessa maneira, apesar de a menção à obra saussuriana ser sucinta, pode-se destacar, no livro do linguista brasileiro, a reafirmação de que não houve uma inovação com o uso dos conceitos de estático e evolutivo. A inovação de Saussure é, na verdade, o lugar que ele destina a esses conceitos em sua teoria, já que eles se tornam abordagens possíveis para os estudos linguísticos.

Entretanto Saussure, ao tomar para si a língua em detrimento de as línguas, mostra as implicações que estão envolvidas:

Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o funcionamento do aparelho vocal) devem ser considerados de secundária importância quando servirem somente para distinguir a língua dos outros sistemas. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 49)

Segundo o genebrino, para estudar a língua interessam os fatos que estão presentes em outros sistemas. Essa concepção de língua não se aproxima ao que era feito com as línguas (questões fonéticas, comparativas) quando tiver como finalidade somente estabelecer distinção entre essas línguas. Dessa forma, ao contrário do que afirma o brasileiro, ao deslocar o trabalho do linguista para a língua, o genebrino propõe uma nova teoria com implicações profundas²⁴.

Após esse livro, há a publicação de um artigo na Revista Alfa, de 1967. Para que melhor analisemos o contexto de produção deste novo texto, recortamos um pequeno trecho

²⁴ Para mais, ver capítulo 2.

da apresentação da referida revista: “O objetivo desse trabalho foi avaliar o estado atual dos estudos linguísticos no Brasil, de acordo com as suas tendências mais representativas, decorrendo daqui a proposição de um ternário amplo” (CÂMARA JR., 1967, p. 7). Esse trecho nos permite concluir que, em 1967, os estudos linguísticos brasileiros estavam mais desenvolvidos, já que se fez necessária uma análise sobre este cenário teórico. Esse novo texto, intitulado *O Estruturalismo*, de 1967, tem como objetivo apresentar os principais pontos dessa perspectiva teórica, bem como os principais representantes.

Ao explicar a perspectiva estruturalista, o linguista brasileiro discorre:

Fatos, para o estruturalismo, **são sempre partes de um todo** e só como tais, e em referência ao todo, podem ser apreciados. O princípio essencial é de que **não há** para o nosso conhecimento **coisas isoladas**. Há sempre uma estrutura, isto é, **uma inter-relação de coisas que dela tiram o seu sentido**. Assim se depreendeu o conceito de estrutura, diverso do de conjunto, em que as unidades componentes apenas se situam lado a lado, e o do se síntese, em que elas se fundem e desaparecem numa unidade maior (CÂMARA JR., 1967, p. 44 - destaque nosso)

Para Câmara Jr., pensar a estrutura na língua é alterar o modo de apreender o lugar dos elementos: não há, com o estruturalismo, a possibilidade de se tomá-los por si mesmos, uma vez que eles pertencem a uma unidade maior – a língua - e, como tal, são afetados por ela e a afetam. Dessa maneira, para se compreender qualquer fato linguístico, faz-se necessário considerá-lo como parte de um todo e não mais com um fim em si mesmo, ou como protegido da presença de outro fato.

Neste sentido, ele define: “Há, assim, na significação de sistema uma noção nova, que se acrescenta à da inter-relação entre as partes” (CÂMARA JR., 1967, p. 44). Tal afirmação pontua em que medida o estruturalismo diverge das perspectivas teóricas anteriores: as partes são integrantes do todo e não devem ser consideradas fora desse todo. Assim, a noção de estrutura altera toda a compreensão de análise dos elementos linguísticos.

Sobre o trabalho do genebrino, Câmara Jr. destaca:

A primeira posição, rigorosa e conscientemente estruturada, é a de Saussure. É uma asserção que não precisa propriamente de ser provada, pois **está no consenso geral**. O que importa estabelecer com clareza são as origens dessa posição e o que ela significa na história do estruturalismo linguístico.

A primeira “ideia-força” de Saussure foi a da necessidade de levar em conta o que ele chamou os “**estados de língua**”. (1967, p. 49, destaque nosso).

Pelo excerto, depreendemos que o brasileiro reconhece a importância de Saussure ao elaborar uma teoria rigorosa e estruturada. Mas essa noção, segundo a interpretação acima, é conhecida por todos e, por isso mesmo, o feito maior do genebrino foi o de conseguir legitimar os fatos da língua, ou seja, aplicar esse conhecimento comum à língua. Dessa forma, para o brasileiro, apesar de ser o primeiro a oferecer uma posição teórica estruturada, Saussure tem mérito maior ao conseguir aplicar a noção de estrutura à língua.

Defender a mudança de foco significou ir contra os seus contemporâneos e a herança estabelecida e consagrada:

Saussure, ao contrário, embora fiel ao neogramatismo no sentido histórico, **insurgiu-se contra a supressão do estudo da língua** como uma realidade permanente num momento dado, com o qual lhe parecia que era inelutavelmente preciso contar. Com isso, colocava-se **num movimento meio difuso e disperso**, de que participavam vários outros de seus contemporâneos, especialmente Marty [...] (CÂMARA JR., 1967, p. 44 - destaque nosso)

Segundo o brasileiro, o gesto saussuriano de consolidar os estudos sincrônicos implicou ir contra a tradição estabelecida. A sincronia dá lugar à análise dos elementos da língua enquanto estados e não mais como evoluções. Saussure é visto como um linguista vinculado ao historicismo neogramático, mas que não se contentou com as respostas obtidas e, com base nisso, defendeu um novo ponto de vista nos estudos linguísticos. Confirmamos isso pelo que se segue: “Saussure pôs nitidamente em pauta a necessidade do que chamou de ‘estudo sincrônico’, em contraposição ao ‘estudo diacrônico’, dedicado ao eterno **devenir** das línguas” (CÂMARA JR., 1967, p. 50, destaque do autor). Consolidar o estudo sincrônico significou, então, caminhar contra o que estava posto - a diacronia. Ser sincrônico era não ser diacrônico, verdades distintas e independentes.

É válido frisar que o descritivismo dos elementos linguísticos teve início antes de Saussure, mas de maneira não bem delimitada. Coube ao genebrino, então, determinar de maneira mais precisa essa abordagem. Isso se verifica quando entendemos que a sincronia se distingue em relação à diacronia, com a publicação do *Curso*.

Para demonstrar como diacronia e sincronia se relacionam na teoria saussuriana, o linguista brasileiro recorre à metáfora do xadrez:

A língua é por isso considerada “um sistema que não conhece senão a sua ordem própria”. **A fórmula saussuriana, que se depreendeu das considerações do mestre, foi a de “un système où tout se tient” [...].** A consequência foi o caráter “aparentemente paradoxal”, que Saussure releva na mudança linguística. Os seus editores e discípulos, Bally e

Sechehaye, até a esse propósito procuram eximi-lo da pecha de contradição. (CÂMARA JR., 1967, p. 52, destaque nosso).

Segundo o brasileiro, para o genebrino a língua pode ser apreendida como um sistema no qual suas partes se relacionam a partir do momento em que tem em mente que o trabalho é com “estado” e não mais “mudanças”. O paradoxo citado se refere à questão de que a língua, do ponto de vista do falante, é aparentemente fixa e imutável, mas, para o historicista, é um todo de mudanças e evoluções. Ainda sobre o conceito de língua em Saussure, o brasileiro continua:

Se atentarmos para o conceito de sistema como uma organização cabal e suficiente de elementos, logo compreenderemos que, a rigor, dele não se pode tirar a explicação de uma mudança. A única solução **é admitir forças externas que pressionam o sistema**, tornando-lhe o equilíbrio instável, com rupturas e em seguida reorganização. Isto é, verifica-se o jogo alternativo das “leis fonéticas” e da “analogia”, exposto pelos neogramáticos e que Saussure repete. Desse ponto de vista, **a mudança é sempre um fato isolado** e com ela se passa de início do sistema ao caos. Foi talvez o que Saussure tinha em vista, colocando-se implicitamente a cavaleiro dos domínios da sincronia e da diacronia, quando se referiu a “sistema caótico” [...] (CÂMARA JR. 1967, p. 52-53, destaque nosso).

A interpretação saussuriana de sistema, portanto, permitiu tomar a língua como sendo duplamente constituída e não sendo somente um sistema de verdades diacrônicas. Essa interpretação tomou as unidades da língua como se estivessem em relação recíproca, ou seja, os elementos seriam compreendidos pela relação entre si e não mais como isolados. Essas alterações deram um novo lugar à diacronia, e esse novo lugar se deve à questão de que a evolução está para além do sistema, ou seja, não participa diretamente do jogo, do funcionamento.

Sobre a consideração do conceito de diacronia no texto saussuriano, Câmara Jr. expõe:

A orientação estruturalista surgiu, como vimos, com a reivindicação de uma linguística descritiva.

Saussure, a rigor **o primeiro estruturalista** ostensivo, só o foi como sincronista. A mudança linguística, como já foi aqui ressaltado, lhe parecia uma ruptura do sistema por forças externas. Por isso, **na diacronia manteve a posição anterior dos neogramáticos**. (1967, p. 76, destaque nosso).

Na perspectiva do brasileiro, o genebrino foi o primeiro estruturalista que com rigor consolidou a abordagem sincrônica e tomou a mudança como os neogramáticos: se dá nos elementos e não está no sistema. Afirma-se aqui que quanto à diacronia não houve novidade, posto que fora a continuidade de uma posição anterior, mas altera-se a modo de compreendê-

la: ela não participa diretamente do funcionamento interior do sistema. A novidade recai então, para a sincronia.

Em suma, no artigo de 1967 identificamos uma leitura detalhada tanto do Estruturalismo como da contribuição de Saussure para a legitimação dessa perspectiva teórica. Neste texto, diacronia e sincronia são expostas como pontos de vistas específicos da língua, os quais são bem delineados e não se tocam. Ainda segundo o brasileiro, Saussure define a diacronia como sendo uma abordagem que cuida de questões que não interferem no funcionamento do sistema. Já a sincronia é lida como uma abordagem interna ao sistema, é a busca pela compreensão do seu funcionamento.

Em 1969, Câmara Jr. publica *Problemas de Linguística Descritiva*, obra na qual se pontuam algumas alterações quanto à leitura dos conceitos de diacronia e sincronia:

Em 1928, L. Hjelmslev, um dos iniciadores da linguística descritiva como atualmente é entendida, **assinalou a necessidade** de “distinguir nitidamente o âmbito da linguística, que estuda a atividade pela qual se comunica um conteúdo de consciência de um indivíduo a outro, e a psicologia, que, como a lógica, se ocupa em examinar o próprio conteúdo da consciência humana”. O programa que ele propunha só podia ser executado dentro da linguística. Vimos, porém, que esta, desde os seus primórdios no século XIX, se concentrava na gramática comparativa e na linguística histórica. Era preciso, portanto, **abrir uma nova frente** dentro da linguística, para falarmos em termos militares.

Foi a necessidade que cedo sentiram Anton Marty, em 1908, e Vilén Mathesius, em 1911. O primeiro assinalava que em linguística “ao lado de leis históricas há também leis descritivas”, e o segundo procurou firmar a prioridade do estudo descritivo sobre o histórico, os quais ele chamou respectivamente “estático” e “dinâmico”.

A obra póstuma de Ferdinand de Saussure, em 1916, deu uma formulação singularmente precisa a essas novas ideias, que por assim dizer pairavam no ar.

Como se sabe, Saussure **dividiu** a linguística em sincrônica e diacrônica: “é sincrônico tudo o que se refere ao aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções”. Acentuou, ao mesmo tempo, que a **distinção é imprescindível** numa “ciência de valores”, como é a linguística, pois os valores são função de um momento dado. ([1969] 1971, p. 8-9, destaque nosso).

Na passagem acima, o brasileiro resume que após um longo período de estudos voltados à comparação e historicismo, uma necessidade de mudança se apresentou, mas coube a Saussure formalizar uma proposta iniciada anteriormente. Em sua teoria, de acordo com a citação, o genebrino dividiu linguística diacrônica e linguística sincrônica pois era necessário, uma vez que o objeto de estudo da linguística é um sistema no qual seus elementos estão relacionados. Câmara Jr. demonstra que a necessidade de mudança foi anterior ao genebrino,.

Segundo essa interpretação, coube a Saussure organizar e pôr ordem a um novo saber que já era possível reconhecer. Novamente, vemos aqui a ideia de que Saussure formalizou e organizou uma abordagem que começou a ser pensada por outros linguistas.

Ainda sobre o que o genebrino fez com relação à diacronia e sincronia, Câmara Jr. elucida:

O interesse pelo estudo descritivo, na linguística, firmou-se nos princípios do século XIX. Em 1908, o linguista alemão Anton Marty já afirmava que, no estudo das línguas “ao lado das leis históricas, há leis descritivas” (Marty 1950, 19). De maneira mais cabal, sistemática e profunda, o linguista franco-suíço, Ferdinand de Saussure, nos seus cursos na Universidade de Genebra, de 1908 a 1911, compendiados postumamente em 1916 [...], **dividiu** a linguística em “diacrônica” (através do tempo, ou seja, histórica) e “sincrônica” [...]. Por “linguística sincrônica” ele entende a gramática descritiva cientificamente conduzida, isto é, de maneira sistemática, objetiva e coerente.

O propósito fundamental de Saussure era ver essa gramática como disciplina “autônoma” [...], independente das disciplinas filosóficas da lógica e da psicologia, como de quaisquer outras ciências. ([1970] 1984, p. 12-13, destaque nosso).

Para Câmara Jr., a divisão proposta por Saussure não era a de delimitar os métodos possíveis de se abordar os elementos da língua, mas sim de dar autonomia a uma gramática descritiva. Convém destacarmos o conceito saussuriano de gramática para que possamos estabelecer uma relação entre a leitura brasileira e o que Saussure sustenta:

A Gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo, e como nenhum sistema está a cavaleiro de várias épocas ao mesmo tempo, não existe, para nós “Gramática histórica”; aquilo a que se dá tal nome não é, na realidade, mais que a Linguística diacrônica. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 183).

Para o genebrino, estudar a gramática é tomar para si um estado de língua e assim, considerá-la como um sistema no qual seus elementos se relacionam, em que todos se afetam. E por isso mesmo, não cabe pensar em uma abordagem histórica para a gramática. A concepção de gramática está atrelada à concepção de língua saussuriana, portanto.

Ainda, segundo essa leitura, a consolidação da abordagem sincrônica se tornou o meio pelo qual Saussure poderia tornar a Linguística uma ciência independente, afastando dela interesses que não se relacionassem com o funcionamento do sistema linguístico. Dessa maneira, separou-a de outras ciências, tais como a Biologia, Filologia e a Filosofia. Ao se alterar o ponto de vista do linguista para o funcionamento do sistema, dá-se à Linguística a independência.

A última obra de Câmara Jr. foi *História da Linguística*, cuja publicação se deu postumamente, em 1975, e o conteúdo resulta da compilação de um curso ministrado fora do país. Sobre a diacronia e sincronia em Saussure, o autor afirma:

O estudioso Anton Marty [...] legou-nos apenas **um trabalho fragmentário e muito incompleto e não estabeleceu uma série de princípios homogêneos e bem elaborados** como um ponto de partida adequado para esta nova abordagem à linguagem.

Um contemporâneo seu, o linguista suíço Ferdinand de Saussure, **executou essa tarefa** em seus cursos sobre linguística geral nos primeiros anos do século XX. (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 127-128, destaque nosso).

Vemos que, para o brasileiro, o constructo teórico de Saussure veio a completar o que ficou inacabado em Marty, ou seja, deu forma e cientificidade a uma teoria já iniciada.

Em outra passagem, encontramos outra explicação sobre o trabalho de Saussure, agora com vistas à diacronia e à sincronia:

A visão da língua, como um sistema, levou Saussure a focalizar o estudo do sistema, como tal, **independentemente da sua mutação através do tempo**. Dessa forma, o estudo descritivo da língua foi incluído na linguística, ao lado do estudo histórico que fora, até então, o único interesse da linguística. Muito mais do que Marty, Saussure **desenvolveu** este novo conceito e **estabeleceu**, muito claramente a descrição científica da língua à qual chamou de linguística *Sincrônica*, e o estudo da mudança linguística, ao qual chamou de linguística *Diacrônica*. (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 132, destaque nosso).

Nesta passagem, o brasileiro admite o trabalho de Saussure como sendo a inclusão da sincronia aos estudos linguísticos sem relação com as mudanças históricas. É atribuído a ele o desenvolvimento e estabelecimento de um novo conceito: sincronia. Devemos aqui enfatizar o fato de que, nesse trecho, o trabalho do linguista suíço fora além do que o feito por Marty, o que fez com que Saussure se destacasse daquele linguista.

Em outra passagem o autor discute sobre a separação clara entre as metodologias sincrônica e diacrônica:

Seu mérito, entretanto, não foi o de simplesmente haver afirmado a necessidade de ambos esses estudos e de haver desafiado o ponto de vista de Herman Paul que negara um caráter científico à descrição linguística. Mantinha, ademais, que o estudo descritivo e o estudo da mudança **são distintos** em seus objetivos e seus métodos e não podem ser postos, juntos, num único estudo. Enfatizou, ao contrário, que **há uma verdade em linguística sincrônica independente da verdade em linguística diacrônica**. (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 132, destaque nosso).

Para o linguista brasileiro, Saussure tem mérito tanto por enfatizar os dois pontos de vista como por colocar em destaque a impossibilidade de se apreender os fatos linguísticos pelas duas abordagens ao mesmo tempo. Há então, uma independência entre os elementos analisados segundo cada abordagem, ou seja, os fatos sincrônicos independem dos fatos diacrônicos.

Nessa passagem vemos ainda que o linguista brasileiro apresenta de forma resumida alguns pontos envolvidos na separação entre as abordagens propostas por Saussure. O que está posto se aproxima da proposta saussuriana, pois deixa bem claro que a proposta é a de separar métodos e também a impossibilidade de se tomar a língua pelas duas abordagens.

A defesa de que entre sincronia e diacronia não há relação segue em outra passagem. Observemos:

Devido à importância das ideias de Saussure na história da linguística, é conveniente resumi-las como se segue: 1) há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica e a explicação da mutação **nada tem** a ver com os fatos sincrônicos dela resultantes [...]. (CÂMARA JR., [1975] 2011, p. 133, destaque nosso).

Segundo o linguista brasileiro, Saussure, ao dar espaço à sincronia na Linguística, colocou-lhe como metodologia tal qual a diacronia. Entretanto, apesar de se tornar uma das vertentes de se compreender o sistema linguístico, não implica necessariamente que os elementos apreendidos a partir de cada metodologia possam ser relacionados, o que, para Saussure, trata-se de uma impossibilidade.

Em síntese, notamos que o ponto de vista de Câmara Jr. nesta última publicação se torna mais pontual, e esta precisão se deve à interpretação do linguista brasileiro de que Saussure, ao colocar sincronia e diacronia como abordagens independentes e completamente isoladas, não abre possibilidade para que possamos tomar a língua por ambas as metodologias, concomitantemente.

3.3. A leitura de Câmara Jr.

A leitura feita por Câmara Jr. dos conceitos saussurianos de diacronia e sincronia manteve um mesmo viés até sua última obra, *História da Linguística*, na qual reconhecemos alteração relacionada à compreensão do trabalho de Ferdinand de Saussure. Nas demais obras, a teoria saussuriana é apresentada como sendo a legitimação e formalização de uma teoria que

fora iniciada por outro linguista, Anton Marty – reconhecemos aqui que o brasileiro procura enfatizar que o genebrino não criou a teoria pela qual foi reconhecido.

Essa inovação consiste também em dar resposta a uma necessidade anterior, já sentida por outros estudiosos, de que alguns linguistas já empregavam a sincronia como um meio de auxiliar a pesquisa diacrônica. A presença é reconhecida e reafirmada quando o linguista brasileiro procura evidenciar que outros linguistas já tinham começado a dar forma à sincronia, mas que somente com Saussure poderíamos pensar em uma verdadeira metodologia sincrônica.

Outro ponto recorrente, o qual pode ser destacado na leitura do linguista brasileiro, é o de que, para Saussure, diacronia e sincronia constituem lados opostos de se abordar a língua. Essa compreensão é outro traço importante afirmado ao longo das publicações de Câmara Jr. Ainda seguindo essa linha de raciocínio, há a interpretação sobre o estabelecimento da sincronia como metodologia, atitude que fez Saussure caminhar em sentido contrário aos seus contemporâneos. Essa mudança foi o resultado da sua capacidade de generalizar os estudos esparsos já existentes.

Segundo Câmara Jr., o novo ponto de vista inserido pelo linguista suíço implicou delimitar que há um fora e um dentro do sistema e estabelecer que a sincronia buscava compreender os elementos exclusivamente com vistas ao interior do sistema, e que a abordagem histórica procurava explicar os fatos da língua com vistas a interferências para além do sistema. Assim, para o linguista brasileiro, Saussure respondeu a uma necessidade já sentida por outros linguistas no que tange à abordagem e compreensão dos fatos da língua. Entretanto, essa nova metodologia se mostrou como uma oposição à herança histórica. Vale lembrar que, para Câmara Jr., no instante em que a sincronia tornou-se uma metodologia, a diacronia, para Saussure, continuou a ser compreendida na perspectiva dos neogramáticos. Não houve, então, acréscimo ou mudança quanto ao conceito de diacronia.

Considerações finais

A proposta desta dissertação foi analisar a recepção de Câmara Jr. aos conceitos saussurianos de diacronia e sincronia. Para isso, traçamos um breve retorno aos momentos antecessores a Ferdinand de Saussure, a fim de destacarmos em que medida o genebrino inovou com sua teoria da língua.

Começando pela Antiguidade, focalizamos os estudos desenvolvidos por filósofos com vistas à **linguagem**, e o que se destacou nessa época foi o grande interesse na relação do nome com a realidade, o que acabou por determinar dois posicionamentos distintos: um que defendia a convencionalidade e outro que defendia a motivação na linguagem.

Ainda, nesse momento, foram iniciados os primeiros desdobramentos sobre a gramática e suas partes. Posteriormente, na Idade Média, a **gramática** entra em cena com o debate entre analogistas e anomalistas, cujo interesse está motivado pela regularidade da língua, com fim à sua melhoria. Nesse contexto, depreende-se da língua sua **criatividade** – possibilidade de se criar novos arranjos a partir de um número finito de termos. Todavia, o **pensamento** tem grande importância, já que a linguagem/língua e realidade seriam mediadas por ele.

Paulatinamente, os gramáticos conseguem perceber que há proximidades entre línguas distintas e, dessa forma, iniciam os estudos em busca de um passado comum a elas. Assim, a empreitada histórica tem início. Somente após o século XVII que o **comparativismo** e o **historicismo** serão abordados. Depois das contribuições das leis fonéticas, as abordagens histórica e comparatista se tornaram o método mais empregado entre os **linguistas**. Há, aqui, o desinteresse pela linguagem em detrimento da investigação de um conjunto de **línguas**.

Após esse percurso teórico, mostramos o cenário em que Ferdinand de Saussure se encontrava e sua procura por novos caminhos para a Linguística. Um dos aspectos ressaltados foi o de que Saussure se sentia impelido a responder às questões não resolvidas pelos linguistas histórico-comparatistas que lhe antecederam. Neste sentido, pode-se dizer que ele ofereceu novas possibilidades para o panorama dos estudos linguísticos, especialmente em relação ao ponto de vista, à concepção de língua e, conseqüentemente, à metodologia.

No que diz respeito ao ponto de vista do **linguista**, verificamos que Saussure apresentou e demonstrou a necessidade de se deixar o lugar de historiador e colocar-se no lugar do **falante**. Essa proposta exigiu que colocasse à parte o estudo histórico que estava

desenvolvendo. Assim, a língua ganhou destaque, tornando-se **o objeto de estudo** da Linguística, o que requereu uma compreensão diferente daquela que lhe era dada anteriormente.

A nova concepção de língua preocupa-se com a distinção entre **matéria e objeto** da ciência; todos os fatos linguísticos vão para além da língua. Entretanto, com o corte epistemológico houve a delimitação do objeto de estudo – a língua enquanto sistema no qual as unidades se relacionam e se afetam mutuamente.

O trabalho de Saussure estabeleceu um novo meio de se compreender os fatos linguísticos pela via sincrônica. Ao defender a necessidade de se diferenciar **diacronia** e **sincronia**, ele quis que o linguista soubesse exatamente qual método estava empregando e as consequências envolvidas. O intuito foi o de distinguir métodos e não excluir ou ignorar a importância da **abordagem** histórica. Além dessa distinção, Saussure mostra que a língua é simultaneamente uma instituição do presente e do passado, dando espaço, em sua concepção de língua, tanto aos fatos de ordem diacrônica quanto aos de ordem sincrônica.

Por fim, analisamos a recepção brasileira dos conceitos de diacronia e sincronia em. Câmara Jr – linguista respeitado por seu trabalho e por sua contribuição ao desenvolvimento e afirmação da Linguística no Brasil. No conjunto de sua obra, reconhecemos que há *a priori* uma vinculação com a Antropologia e que paulatinamente dá lugar a um estudo com base teórico-metodológica estritamente linguística.

Essa alteração é o reflexo de um momento pelo qual o país passava e se fez sentir na produção do saber científico. Ante a necessidade de se afirmar como nação, os brasileiros pautaram-se em outras áreas de saber para orientar e fomentar as primeiras produções sobre a língua nacional. Passada essa primeira empreitada em busca da compreensão do português brasileiro, a Linguística ganha espaço e destaque ao possibilitar maior rigor científico aos trabalhos desenvolvidos, aos estudos da nossa língua.

Assim, esse panorama importante de nossa produção científica nacional se faz sentir na obra de Câmara Jr.,. No conjunto de obras do linguista brasileiro, o trabalho de Ferdinand de Saussure foi contemplado em muitos aspectos, inclusive o par conceitual sincronia e diacronia que teve lugar especial na produção do linguista brasileiro.

Nas duas primeiras obras, *Princípios de Linguística Geral* e *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, o brasileiro apresenta diacronia e sincronia como sendo conceitos dicotômicos e podendo ser estudados isoladamente. Assim, a sincronia vem para opor-se ao que estava em voga anteriormente, a diacronia.

Já em *Contribuição para a Estilística Portuguesa*, Câmara Jr. considera a sincronia como sendo a “primeira ideia-força” (*op.cit.*) do genebrino para dar rigor à Linguística, uma vez que para o linguista brasileiro outros linguistas haviam iniciado a proposta de “estados de língua”, mas sem formalizar ou consolidá-la. Dessa forma, a sincronia é por Saussure apresentada e consolidada, mas para o brasileiro, a diacronia é continuação da teoria neogramática. Logo, se nas primeiras obras mencionadas, o genebrino opõe-se aos linguistas que lhe antecederam, agora ele dá seguimento à diacronia neogramática.

Em 1969, com *Problemas de Linguística Descritiva*, o linguista brasileiro considera que os conceitos de diacronia e sincronia surgiram ante a necessidade sentida pelo genebrino de dar independência à Linguística, para separá-la de outras ciências como a Gramática, por exemplo. Porém, para Câmara Jr, essa mesma necessidade já fora sentida por outros linguistas e coube ao genebrino apenas formalizar e determinar essa divisão – sincronia e diacronia estão em lados opostos na teoria da língua.

Por último, em *História da Linguística*, Câmara Jr. salienta que a proposta saussuriana é a de apresentar uma nova abordagem para os fatos linguísticos. Cabe ainda salientar, que nesta obra o brasileiro reconhece que Saussure fez mais do que os linguistas que lhe antecederam. Nesse sentido, no texto do brasileiro fica determinado que fatos de ordem diacrônica e fatos de ordem sincrônica são fatos apreendidos a partir de abordagens distintas.

Em síntese, foi possível acompanhar que ao longo das obras de Câmara Jr predomina a defesa de que há em Saussure a separação, oposição entre diacronia e sincronia e somente em seu último livro que é estabelecida a natureza dessa oposição: há sim oposição de métodos, abordagens. Porém, nas publicações de Câmara Jr. examinadas por nós, há um traço a mais presente.

O traço consiste na relativização do trabalho do genebrino, posto que sempre que possível o brasileiro procura salientar que outros linguistas já haviam começado a estudar a língua de maneira distinta da que era preconizada. Mas para o brasileiro foi Saussure a dar forma, organização e sistematicidade a esses saberes. Sendo assim, essa relativização explicita uma leitura de Câmara Jr que não reconhece a Saussure o estatuto de fundador de um campo, a linguística moderna.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Cristina. A conexão americana: Mattoso Câmara e o Círculo linguístico de Nova Iorque. In: **DELTA**. v. 20 n. esp. São Paulo: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300010>. Acesso em: 12 jan 2016.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal [1660]**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1660] 2001.
- AUROUX, Sylvian. **Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- CÂMARA JR, Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [1942] 1974.
- _____. Linguística e Etnologia. In: **Revista do Museu Nacional**. Rio de Janeiro. n. 2. 1944.
- _____. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1953] 1978.
- _____. **Estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Vozes, [1953] 2008.
- _____. O Estruturalismo. In: **Alfa**. São Paulo. v. 11. 1967. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3298/3025>>. Acesso em: 20 ago 2015.
- _____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1965] 1979.
- _____. **Problemas de linguística descritiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, [1969] 1971.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, [1970] 1984.
- _____. **História da Linguística**. 7. ed. Petrópolis –: Vozes, [1975] 2011.
- DE LEMOS, Cláudia; LIER-DE VITTO, Maria Francisca; SILVEIRA, Eliane M.; ANDRADE, Lourdes. Le saussurisme en amérique latine. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 165-176. Genebra: Droz, 2003.
- DE MAURO, Tullio. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, [1967]. 1995.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée. et al. **Dicionário de Linguística**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1968.

HARDY-VALEE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MALMBERG, Bertil. **Los nuevos caminos de la lingüística**. 22. ed. Cidade del Mexico; Siglo Veintiuno Editores S. A. [1967] 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ey0K3OuA370C&lr=&hl=pt-BR>. Acesso em: 16 dez 2015.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAURER JR., Theodoro Henrique. Linguística Histórica. In: **Alfa**. São Paulo. v. 11. 1967. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3297/3024> >. Acesso em: 13 mar 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PLATÃO. **Crátilo ou sobre a correção dos nomes**. São Paulo: Paulus, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. In: **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista – BA. n. 2. dez/2005. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/21/42> Acesso em: 16 dez. 2015.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. **A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. In: **Matraga**. Rio de Janeiro. v. 11. n. 34. jan./jun. 2014. Disponível em:<<http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga34/arqs/Matraga34a02.pdf>>. Acesso em: 15 ago 2015.

_____. A teoria do valor no *Curso de Linguística Geral*. In: **Letras & Letras**. Uberlândia. v. 25 n. 1. jan./jun. 2009. Disponível em:<<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25469/14121>>. Acesso em: 15 ago 2015.

_____; BRAZÃO, Michelle Landim. Saussure: entre o geral e o particular. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 43, n.1., p. 309-318, jan-abr 2014.

UCHÔA, Carlos Eduardo. (Org.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Lucerna [1972] 2004.

VAGONES, Elvira Wanda. A Fonética e seus precursores. In: **Alfa**. São Paulo. v. 24. 1980. Disponível em:<<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3621/3390>>. Acesso em: 20 ago 2015.

WHITNEY, William Dwight. **A vida da linguagem**. Petrópolis,: Vozes, 2010.